ANNO XXXI. N. 292.

QUARTA FEIRA 19 DE DEZEMBRO DE 1855.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇAO'.

Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. D. Duprad; Maceió, o Senhor Claudino Falcão Dias; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira Junior; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Joaquim José de Oliveira; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano Ackiles Pessoa Cearense; Pará, o Sr. Justino J. Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

CAMBIOS.

Sobre Londres, de 27 3/4 a 28 d. por 1$
« Paris, 348 rs. por f.
« Lisboa, 98 a 100 por 100.
« Rio de Janeiro, ao par.
Acções do Banco 40 0/0 de premio.
« da Companhia de Beberibe ao par.
« da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras, de 9 a 12 por 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças haspanholas. . . .		29$000
	Moedas de 6$400 velhas. .	16$000
	» de 6$400 novas, .	16$000
	» de 4$000. . . .	9$000
Prata.—Patacões brasileiros. . . .		2$000
	Pesos columnarios. . . .	2$000
	» mexicanos.	1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.

Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns, nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goyanna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira 0 e 30 minutos da tarde.
Segunda 0 e 54 minutos da manhãa.

AUDIENCIAS.

Tribunal do Commercio, quartas e sabbados.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, quartas e sabbados ás 10 horas.
Juiz do commercio, segundas as 10 horas e nas quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas
1ª vara do civel, segundas e sextas ao meio-dia.
2ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES.

Dezemb. 1 Quarto minguante aos 9 minutos e 40 segundos da tarde.
» 9 Lua nova as 7 horas, 47 minutos e 48 segundos da manhãa.
» 16 Quarto crescente as 4 horas, 36 minutos e 40 segundos da manhãa.
» 23 Lua cheia as 8 horas, 18 minutos e 47 segundos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.

17 Segunda. S. Floriano m.; S. Calanico m.
18 Terça. S. Esperidião b.; Theotimo m.
19 Quarta. S. Dario m.; S. Fausta.
20 Quinta. S. Liberato m.; S. Bajulo m.
21 Sexta. S. Thomé ap.; S. Themistocles m.
22 Sabbado. S. Honorato m.; S. Floro m.
23 Domingo. 4. do Advento. S. Servulo, advogado contra a paralisia; S. Midonio m.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 15 de dezembro.

Officio — Ao inspector da thesouraria de fazenda, communicando haver em vista de sua informação deferido favoravelmente o requerimento em que Luiz de França da Cruz Ferreira e Francisco Antonio Pereira de Brito pedem licença para permutar entre si os terrenos de marinha n. 240 da rua imperial e n. 9 em Motocolombó cumprindo que S. S. proceda quanto aos respectivos titulos de conformidade com o final da citada informação.

Dito — Ao mesmo, dizendo que S. S. deve proceder do modo que julgar mais conveniente, afim de ser satisfeito o que requisita o Exm. presidente do Pará na segunda parte do officio que remette por copia.

Dito — Ao mesmo, recommendando em vista da requisição do Exm. presidente da Parahiba, que por conta das rendas daquella provincia arrecadadas nesta faça entregar ao agente fiscal José Joaquim de Lima a quantia de 2,000$ para a compra de medicamentos e outros objectos alli necessarios.— Fizeram-se as necessarias communicações.

Dito — Ao chefe de policia, dizendo que ja remetteu á camara municipal para ser paga a conta da despeza feita pelo subdelegado da freguezia de S. José, com a limpeza e obras do barracão que serve de albergaria aos mendigos.

Dito — Ao chefe de policia, declarando que expedio ordem á thesouraria provincial para ser paga, estando nos termos legaes a conta que S. S. remetteu das despezas feitas desde julho até novembro deste anno com o sustento dos presos pobres da cadeia de Flores.

Dito — Ao consul de S. M. britanica. Accusando o recebimento da communicação que o Sr. H. A. Cowper, consul de S. M. britanica me dirigio nesta data relativamente a quarentena que pelo provedor da saude foi imposta ao navio britanico *Express* por ter tocado no porto de Maceió e pedindo seja a mesma quarentena aliviada pelos motivos que expende, tenho de responder-lhe que acabo de officiar ao provedor da saude, remettendo o mesmo officio, para que elle providencie do modo mais benigno sem todavia haver infracção das medidas sanitarias. Renovo ao Sr. Cowper os protestos de minha estima e consideração.—Fez-se o officio de que se trata.

Dito — Ao commandante superior da guarda nacional de Nazareth, declarando que em quanto não forem nomeados, nos termos do art. 49, primeira parte da lei n. 602 de 19 de setembro de 1850, majores e ajudantes para os corpos da guarda nacional, devem estes postos ser occupados pelos officiaes indicados no art. 73 das instrucções de 25 de outubro do citado anno.

Dito—Ao commandante superior da guarda nacional de Santo Antão, dizendo que a escolha do uniforme grande para os corpos da guarda nacional activa daquella comarca deve ser feita pelos commandantes dos mesmos corpos, de accordo com S. S., que para esse fim mandara receber os respectivos figurinos na secretaria do governo, para onde devem voltar, logo que não sejam precisos.

Dito—Ao Dr. José Joaquim de Moraes Sarmento. Não será desconveniente ir se fazendo algumas visitas domiciliarias no districto incumbido ao cuidado de V. S., afim de conhecer-se o estado sanitario da população.—Neste sentido officiou-se aos demais medicos e cirurgiões nesta capital.

Dito—Ao inspector do arsenal de marinha, dizendo que pode contratar a compra das quatro mil barricas de cemento que são necessarias para continuação das obras do melhoramento do porto.—Communicou-se á thesouraria de fazenda.

———

Illm. e Exm. Sr.—Dando cumprimento a ordem de V. Exc., contida em officio de hontem datado e hoje recebido, informo a V. Exc., que deu-se com effeito o facto de ter fugido da casa de detenção o preso Manoel Theotonio da Silva, pronunciado como complice por ferimentos no termo de Caroarú, cuja fuga fôra motivada pelas circumstancias constantes da participação que em data de 10 do corrente me fez o administrador daquella casa, e que por copia passo ás mãos de V. Exc., devendo accrescentar, que por esta repartição tem sido expedidas as mais activas providencias para ser o mesmo criminoso capturado, e que se nestes cinco dias não foi a V. Exc. participada a fuga do preso, foi porque não só o negocio em si não tem importancia, como porque ainda não vai tarde a communicação indo hoje.

Deos guarde a V. Exc. Secretaria da policia de Pernambuco 15 de dezembro de 1855.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia.—O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira*

Illm. Sr.—Cumpre-me levar ao conhecimento de V. S., que hontem, as 8 horas e meia da noite, entrou para este estabelecimento o marujo francez Baizar, o qual tendo sido recolhido a celiula n. 16 a onde já se achavam 5 marujos inglezes, aconteceu que o dito Baizar, travando de um pão de vassoura, que havia na prisão, começasse a dar pancadas nos marujos inglezes, e isso por effeito da embriaguez em que achava. A esse rumor acudio immediatamente o guarda que rondava, o qual dando parte ao ajudante, este procurou com todas as forças remover o marujo para uma prisão solitaria; primeiro, porem, que se chegasse a esse resultado, foi preciso empregar as diligencias necessarias: houve seu tumulto e confusão no momento de agarrar-se esse marujo, n'esse interim chega uma patrulha com duas mulheres presas, o guarda abre de prompto a cancella, em cuja occasião, quando todas as attenções se voltavam para o marujo embriagado, a quem era necessario conter, sem molesta-lo, segundo o espirito do regulamento, o preso Manoel Theotonio soube aproveitar-se das circumstancias do momento e evadio-se, sem que fosse presentido; notando V. S. que Manoel Theotonio estava incumbido da fachina aos lampeões, e seu quarto era de 8 horas á meia noite como he de costume, e autorisado pelo regulamento. Prevendo eventualidades iguaes, por vezes tenho representado ao Sr. director das obras publicas sobre a necessidade de collocarem-se quanto antes em seus devidos lugares as quatro cancellas de ferro, unico estorvo legitimo á taes tentativas. Com effeito, o dito Sr. director teem activado ao Sr. Staw, na promptificação das cancellas, eu mesmo ja lhe fallei á respeito, e elle prometteu-me que até o fim do corrente estavam promptas. Vê, pois, V. S. que, por maior que seja a vigilancia dos empregados, achando-se as cousas em seu começo, sem que ainda se tenha completado o systema de precauções e de seguranças prescriptas pelo sobredito regulamento, não he possivel evitarem-se emergencias; mas posso asseverar á V. S. que fico na esperança de brevemente recolher de novo á prisão o mencionado Theotonio, para o que vou empregando os meios necessarios. Devo observar á V. S. que esse preso, quando destacado em Caruarú, em qualidade de soldado de policia, fora pronunciado por complicidade em ferimentos. Casa de detenção 10 de dezembro de 1855.—Illm. Sr. Dr. Luiz Carlos de Paiva Teixeira, chefe de policia.—O administrador, Florencio José Carneiro Monteiro.

Conforme; o primeiro amanuens *José Xavier Faustino Ramos.*

COMMANDO DAS ARMAS.

Quartel general do commando das armas de Pernambuco na cidade do Recife em 18 de dezembro de 1855.

ORDEM DO DIA N. 170.

O marechal de campo commandante das armas faz publico, para conhecimento da guarnição e devido effeito, que nesta data contrahio novo engajamento por mais seis annos, nos termos do regulamento de 14 de dezembro de 1852, precedendo inspecção de saude, o soldado da segunda companhia do nono batalhão de infantaria, Moyses de Castro Menezes, o qual perceberá, além dos vencimentos que por lei lhe competirem, o premio de quatrocentos mil réis pago segundo o disposto no artigo 3.º do decreto n. 1401 de 10 de junho do anno preterito, e findo o engajamento uma data de terras de 22 mil e quinhentas braças quadradas. Se desertar, incorrera na perda das vantagens do premio, e daquellas a que tiver direito, sera tido como recrutado, descontando-se no tempo do engajamento o de prisão, em virtude de sentença, averbando-se este desconto e a perda das vantagens no respectivo titulo, como esta por lei determinado.

O mesmo marechal de campo tendo resolvido por officio de 13 de outubro ultimo, dirigido ao Sr. tenente-coronel commandante do decimo batalhão de infantaria em consequencia de esclarecimentos solicitados, que as ordens do quartel-general, mandando dar baixa do serviço a qualquer praça de pret, sómente tivessem execução no dia seguinte, competindo os escusos os respectivos vencimentos até o dia anterior, já porque essas ordens são recebidas depois de concluido o expediente, e quando as praças tem feito despezas com o rancho, e ja porque póde estar nesse dia de serviço, faz extensiva esta sua deliberação aos demais corpos do exercito existentes nesta provincia.

José Joaquim Coelho.

EXTERIOR.

Um caso curioso chegou a nossa noticia que he especialmente digno da attenção dos seguradores, e do commercio publico em geral. A 20 do passado o *Mermaid*, commandado pelo capitão Eduardo Devey, entrou em Mersey vindo da Australia, tendo a bordo £ 400,000 em especie e uma carga importante. Em sua passagem de Melbourne, este navio que fazia alguma agua, arriba em Pernambuco para receber provisões frescas com a intenção de permanecer alli algumas horas. Durante a sua estada, um ou dous passageiros de camarote, achando-se assustados, noticiaram ao consul inglêz o facto do navio estar fazendo agua, e este cavalleiro, com uma industria um pouco descommunal para com os officiaes, insistio para que se examinasse immediatamente o navio.

O capitão, que era o melhor juiz da condição do seu navio, e que tinha o maior comprommettimento porque arriscava a sua vida e reputação, julgou o acto superfluo, e protestou contra a sua necessidade, mas a despeito da sua reclamação o exame foi feito, e aquelles a quem a tarefa foi confiada declaram que o navio não podia seguir a viagem sem ser reparado; aqui devemos observar que o *Mermaid*, em consequencia da sua capacidade e d'agua que demandava, não podia atravessar a barra de Pernambuco; alem disto não havia meio nem facilidade de reparar um navio de semelhante tonelagem. Para habilita-lo a entrar no porto, fora mister alivia-lo da carga em uma extenção que teria seriamente posto em perigo a segurança do navio. Todavia, o capitão Devey fez pouco caso da opinião dos peritos, considerando que estava munido do relatorio de todos os seus passageiros, salvo de dez ou doze, para continuar a viagem. Assim procurou os materiaes necessarios, e, tomando providencias acerca de qualquer contingencia possivel, deu a vela dahi a 16 de setembro, e chegou a Liverpool no dia que ja assignalamos com o navio, carga e passageiros, em numero de 200 pouco mais ou menos. Mas a promptidão com que elle obrou foi uma contrariedade para o consul inglez, que assegurou-lhe que levaria o seu comportamento ao conhecimento da mesa do commercio e induziria este tribunal a negar o seu certificado que em uma palavra o comprometteria.

O facto do *Mermaid* fazer a carreira de Pernambuco em um mez e quatro dias, e chegando ao seu destino em uma condição excellente, he conclusão evidente da exactidão do juizo do capitão Devey, e da fallibilidade daquelles a quem o exame foi confiado. Mas a prudencia com que o capitão Devey obrou foi ainda mais infeliz para o interesse do consul, que entendeu, e disse que reclamaria dous e meio por cento de commissão sobre o ouro que se achava a bordo, um item que se tivesse sido provado, teria dado ao representante britanico de S. M. em Pernambuco a não pequena somma de £ 10,000! Isto foi poupado pela recusa do commandante em consentir que o navio cahisse nas mãos dos carpinteiros, e o capitão Devey, afim de poupar aos proprietarios a despeza de reparos superfluos, sustentou a navegabilidade do *Mermaid* pela viagem capital que fez do Brasil á Inglaterra. Calculou-se, que os 15 dias empregados nesta contenda salvou os proprietarios e os seguradores quanto ao navio e ao carregamente, do prejuizo pelo menos de £ 20,000, e a questão que resulta do caso he a seguinte:--podera ser tolerado um systema que sujeita a propriedade de negociantes inglezes a ser tomada das mãos dos seus proprios servidores, e entregue a aquelles cujo interesse he fazer de um accidente trivial o maior possivel?

Os seguradores não podem deixar de apreciar a decisão, a pericia e o talento do capitão Devey sob as difficeis circumstancias em que se achou collocado; mas cumpre lembrar que esta approvação do seu comportamento involve, ao mesmo tempo, a mais energica condemnação do systema que prevalece entre os reconhecidos guardas dos interesses britanicos em Pernambuco, e a este systema deve ser dirigida immediatamente a attenção do governo do nosso paiz. Parece que ha neste negocio alguma cousa infinitamente mais podre do que a madeira do mais velho casco de navio no serviço da soberana ingleza.

A'cerca do objecto supra encontramos as seguintes observações no *Dublin Freemans Journal* de 29 do passado:

« O *Mermaid*, de Melbourne a Liverpool, que arribou a Pernambuco fazendo agua, chegou a salvamento a Liverpool, tendo o capitão recusado consentir que o navio fosse reparado naquelle porto, e conduzindo-o sem perigo ao seu destino. Deve-se esperar que a coragem e a direcção do capitão, cujo nome infelizmente ignoramos, sejam convenientemente recompensadas pelos respectivos seguradores, posto que seja muito de lamentar que a rapacidade das partes em Pernambuco, em cujas mãos cahe um navio inhabilitado, permitta que homens de bem corram semelhante risco. Um navio, pertencente a este porto, teve o infortunio ha alguns annos de cahir nas suas garras, e uma sentença condemnou o navio quasi em todo o seu valor e frete quando chegou ao respectivo destino. As propinas do consul e agentes foram um pouco admiraveis, tendo os ultimos, se bem nos lembramos, tirado de um precioso carregamento 2 ½ por cento pelo desembarque, e o mesmo pelo reembarque, *em addição a todas as despesas*. O valor do carregamento do *Mermaid*, era de £ 400,000 pouco mais ou menos, e se póde imaginar que bella presa teria sido esta para as « aves de rapina » de Pernambuco. Grande porção do carregamento pertencia á Irlanda. »

Ver-se-ha que esta questão occupou dous dias a attenção da praça de Liverpool. A mais laboriosa e paciente attenção foi consagrada a este assumpto, e o proprio facto que era allegado, collocou o procedimento do capitão Devey no mais satisfactorio aspecto. A decisão do magistrado, e mais especialmente as observações feitas em conclusão pelo representante da mesa do commercio são extremamente lisongeiras para o commandante do *Mermaid*; mas justamente no mesmo grão são as que condemnam o representante do governo inglez em Pernambuco. Em verdade, se considerarmos este caso em toda a sua plenitude, ou em relação ao caso corroborativo mencionado pelo *Treemans Journal*, não sabemos que resolução definitiva tomará a Mesa do commercio. Esta corporação ou tem feito muito ou muito pouco. Deve continuar ou não devia ter feito nada.

(*The European Times.*)

PERNAMBUCO.

COMARCA DO RIO FORMOSO.

4 de dezembro.

Mon cher.— Saude, felicidades, patacos o que Deos o livre de conversar na época presente com algum *africanista*, he o que mais lhe desejo.

Ja deve saber que a ordem do dia por cá he a historia do processo do *contrabando bicudo*, instaurado pelo Sr. chefe de policia.

Bem me dizia o Mendes: « Compadre, tome bem sentido, e verá isto em que vai dar. O Drummond ha de pagar caro a ousadia de empatar a vasa aos contrabandistas. Esses *dungas*, poderosos como são, hão de arranjar a cousa de tal sorte que afinal o Drummond, ou o filho ficam encravilhados.—Não, disse-lhe eu, não he possivel isso. Pois não, tornou-me elle; basta que elles espalhem certos boatos, que ja vão apparecendo, para comprometterem o pai ou o filho: chega aqui o chefe de policia, apresentam-lhe logo uns cinco ou seis cafagestes, que dizem saber tudo quanto se passou, são interrogados; e *traz, zaz, nó cego*; apparecem presumpções, e *pan* dão com o homem debaixo do anno do nascimento.»

E que cuida, meu amigo, o côxo não adevinhou! ? !

Os taes generaes russos pozeram-se em campo, prepararam as minas; e quando chegou o chefe de policia para sindicar do negocio, ja encontrou o boato, de que o Dr. Drummond tinha concorrido para a subtracção, ou conta de diminuir feita no total de 210 Africanos.

Confesso-lhe que tive pena do Sr. chefe de policia; seus tão bons desejos, seus trabalhos tão penosos, tanto tino desperdiçado, e tudo mallogrado por semelhante cafila!

Sem conhecimento do lugar e das taes influencias, algumas das quaes com elle tanto conversaram, só, sem auxilio de alguma alma bemfazeja, não lhe era possivel fazer mais.

Quantas vezes eu, que como desconhecido, e mero espectador assisti ás sindicancias da policia, tive vontade, com alguns outros amigos, de desmanchar a igrejinha; esclarecer ao chefe de policia, e dizer-lhe: « Sr. Dr. Paiva, não se leve pelos ditos destes tafús, que se inculcam como testemunhas: vá á Serinhaem, e lá ouça a muita gente boa o que ella sabem a respeito: lá, sim, descobrirá muito peixe gordo. »

Mas, meu amigo, apenas queria dizer isso, vinha-me logo um nó á guella, e começava com a minha antiga scisma, de que se me cortarem a cabeça, não me nasce outra; de sorte que ficava embuchado.

Ah! Se o chefe de policia tivesse quem aqui o orientasse, então a cousa seria outra.

Agora, sim, estão elles contentes com a lição que deram ao coronel Menezes; e não temem tentar outro desembarque; porque ninguem por aqui quer ficar comprommettido, e sujeito a um — *para V. M. I. recorre.*

Nada, meu amigo, este mundo he todo de factos; nada de theorias de justiça, cumprimento de deveres; tudo isso são asneiras.

O codigo penal, como diz o nosso *jurisconsulto homœopathico*, só se fez para os tolos, que são os maiores criminosos do mundo; lembre-se bem da fabula do rato velho, e o gato coberto de farinha.

Não ha nada como tudo mais he historia.

Um dos mais graudinhos da cambada, e dous ou tres caranguejinhos, o capitão do navio, pronunciados, o Dr. Drummond calumniosamente accusado de complice; e os *tumtunqués*, tão conhecidos geralmente, em santa paz; e nem se tuge, nem se muge a seu respeito.

Antes que me esqueça, peço-lhe que declare a seus leitores debaixo de sua honradissima palavra, se o Dr. Drummond ou alguem de sua familia tem parte nestas toscas linhas; pois não quero que lhe sirvam de mais algum contrapeso. (*)

Deixe-os attribuir a quem quizer: deixe mesmo que lhes deem por pai ao Santos Vital, a quem prometem mimosear com uma boa tunda de páo; mesmo este, que tambem por ahi se costuma offerecer (segundo me dizem), e *ab alto*.

Segredo, paciencia para aturar-me, e vamos andando, em quanto nos fizer conta.

Com quanto muita gente diga que, *nem todas as verdades se dizem por serem duras*, com tudo sigo a opinião contraria, e as vou dizendo; *verbi gratia*, dizem que as pessoas daqui, a quem o Sr. chefe de policia confiou o segredo de seus planos de campanha policial, tinham *buxo de mulher*, de sorte que as diligencias eram sabidas, muitas horas antes de se effectuarem por aquelles, a quem diziam respeito.

Muitas outras cousas lhe teria a contar a respeito desse negocio do contrabando, que ficará nos pronunciamentos do capitão do navio (*o qual pelo nome não se perca*), no do pardo Farias, e de mais uns dous; porque a policia he impotente apezar dos bons desejos de seu chefe; e por que, não ha facto consumado, que tenha responsabilidade para seu autor; fallaria mesmo de uma historia de africanos conduzidos para a ponta do *Serrambi*; mas, meu amigo, o seguro morreu de velho: tenho muito medo, de que certos medicos amantes *da escola anti-flogistica*, me appliquem sangrias feitas com lancetos de mais de palmo; pode mui bem succeder que morra pela bocca como peixe; nada; deixemo-nos de historias.

O maldito contrabando dos Africanos, que tanto bem nos ia fazendo com a distração do povo, que já não se lembrava do *cholera*, vai sendo esquecido; e por conseguinte, com as noticias de Penedo, vão apparecendo os antigos terrores.

Renovaram-se as preces, procissões de penitencias, nas quaes certos marrecos hypocritas se mostram mui contrictos. O presidente da camara municipal continua sollicito em promover os melhoramentos hygienicos; e insistio de novo no pedido de alguns medicos, e ambulancias.

Deos permitta que o conselheiro presidente da provincia acerte na escolha dos medicos, que nos tem de mandar, para que não nos vejamos na contingencia de escapar da peste, e morrer da cura.

A maré das novidades está em completa vazante.

As eleições tiveram lugar no dia designado; e muito menino bonito levou *taboleta*. O portador desta lhe entregara uma duzia de tabocas, das quaes fará destribuição por certos amigos enforquilhados; e diga-lhes que tenham paciencia, e esperem por outra enchente do rio, que talvez façam melhor pescaria.

A justiça, policia, municipalidade e salubridade vão sem alteração.

Tenho a communicar-lhe, que um filho de um falano Joaquim Francisco, do sitio do Meio, desfechou *un coup de fuzil* em um sugeito, *o qual pelo nome se não perca*, sem que a policia tenha dado copia de si.

De Serinhaem nada me consta de novo, e que mereça as honras da publicação.

O amigo Dam..... servio de testemunha no processo do contrabando; e o ladrãozinho, dizem, safou-se muito bem; não confessou o destino que deu a dous bicudinhos.

Tive de andar em serviço *em camarca differente desta cidade*, e hoje que cheguei tratei logo de dar cumprimento a minha obrigação.

Aqui fico cuidando na vida em quanto a morte não chega, e sempre ao seu dispôr, como amigo velho e peccador antigo. (*O Rioformosense.*)

(*Carta particular.*)

P. S. Dou-lhe parte que o amigo *T*... deu para abelhudo; anda bisbilhotando autos crimes lá do Piauhy, e como solicitador dirigindo consultas aos advogados de cá, nos termos seguintes:

Se os filhos respondem pelos delictos dos pais?

Se qualquer cidadão, que não he autoridade policial, deve ser processado, por não haver prendido a um criminoso, sabendo que o he?

Se pela affirmativa, qual a lei que isto determina?

(*) Nem o Sr. Dr. Menezes de Drummond, nem pessoa alguma de sua familia tem relações com nosso correspondente do Rio Formoso.

Os Redactores.

———

Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de passar ás mãos de V. Exc. o relatorio da continuação do aceio das ruas d'esta cidade, feito sob minha direcção do dia 3 á 7 do corrente.

Foram novamente limpas as seguintes ruas, travessas, etc., nas quatro freguezias.

Rua da Lapa, Moeda, Cacimba, Codorniz, Amorim, Cruz, Tanoeiros, Senzala Nova, largo do Corpo Santo, rua do Pharol, becco da Lama, do Campello, João Pinto, Chafariz, Quaresma, Miudinhas, Boia, Noronha, Largo, arco da Conceição, Senzala Velha, largo da Assembléa, rua da Guia, do Torres, travessa do Bom Jesus, dita de Apollo, rua da Praia, becco do Virginio, travessa do Arsenal, rua do Rangel, becco do Padré, rua Direita, do Livramento, pateo de S. Pedro, travessa de dito, rua do Fogo, travessa do Carmo, becco da Bomba, pateo Carmo, rua de S. Francisco, das Flores, da Camboa do Carmo, das Trincheiras, das Larangeiras, largo do Rosario, estreita do dito, pateo do Collegio, praça da Independencia, travessa do Rosario, rua do Cabuga, pateo da Matriz, rua Nova, do Sol, das Cruzes, da Cadeia, da Roda, de S. Francisco, da Florentina, do Senhor Bom Jesus, das Crioulas, de Santo Amaro, dos Quarteis, do Calabouço, travessa do dito, pateo do Paraizo, rua Bella, travessa da Matriz, rua do Cano, pateo da Penha, praça da Ribeira, rua de Santa Rita, de S. José, Nogueira, Assumpção, Santa Cecilia, Calçadas, Pescadores, Padre Floriano, do Forte, Augusta, Martyrios, Caldeireiro, Hortas, Aguas-Verdes, travessa do Dique, do Serigado, dos Martyrios, de S. José, becco do Marisco, travessa da Viração, rua do Pocinho, Mondego, Trempe, rua do Sebo, do Cotovello, de S. Gonçalo, Coelhos, rua da Gloria, de Santa Cruz, Ribeira, rua da Mangueira, da Alegria, Velha, pateo da Santa Cruz, rua dos Pires, Soledade, rua da Conceição, do Aragão, becco do Quiabo, praça da Boa-Vista, rua da Matriz, do Hospicio, do Camarão, becco do Ferreiro, aterro da Boa-Vista, Ponte-Velha.

Continua-se a aterrar a rua do Ouro, e a extremidade da rua de Santo Amaro, contigua á maré.

Ultimou-se o aterramento na extença rua do Alecrim, onde se acham algumas travessas, que demandam o mesmo beneficio.

Continua-se tambem a aceiar as ruas, travessas, etc., e areiar as mesmas em algumas partes.

Fez-se o serviço com 54 trabalhadores e apontadores; a folha das ferias das quatro freguezias importaram em 190$860 rs.; alugueis de carroças que trabalharam diariamente nas freguezias de Santo Antonio, S. José e Boa-Vista, 102$000 réis; areia applicada no aceio de algumas ruas e travessas 19$840 réis; serviço de empreitada feito no aterro, que estou procedendo na rua do Ouro 24$000 réis.

He tudo quanto tenho de levar ao conhecimento de V. Exc.; acreditando que essa illustre camara não deixará de apreciar o serviço que se tem executado concernente ao aceio das ruas desta cidade, e aterramentos feitos em algumas dessas ruas, cujos melhoramentos são manifestos, e muito influem elles á bem da salubridade publica, esperando eu da parte dessa illustre camara a cooperação e zelo, que da minha ouso assegurar-lhe pelo que for util.

Deos guarde a V. Exc. Recife 10 de dezembro de 1855.—Illm. e Exm. Sr. barão de Capibaribe, presidente da camara municipal.—*João dos Santos Porto*, administrador geral da companhia de Ribeirinhos.

Conforme.—O secretario, *Manoel Ferreira Accioli.*

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Parte do dia 18 de dezembro.

Illm. e Exm. Sr.—Levo ao conhecimento de V. Exc. que das differentes participações hoje recebidas nesta repartição, consta não ter-se dado occurrencia alguma.

Deos guarde a V. Exc. Secretaria da policia de Pernambuco 18 de dezembro de 1855.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia.—O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Publicou-se ante-hontem o resultado da reunião que o Sr. Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho convocara, com o fim de crear uma sociedade de beneficencia, encarregada de soccorrer os necessitados, se infelizmente apparecer entre nós o terrivel flagello que tem açoitado algumas provincias do sul e norte. Applaudindo os esforços do Sr. Dr. Sabino, e recommendando á estima publica os generosos sentimentos de que elle se mostra possuido em favor da classe desvalida, não devemos todavia deixar sem reparo o seguinte trecho da sua allocução:

« Não ignorais, senhores, que a *medicina official* ou *allopathica*, sem embargo de sua impopularidade, encontra nos cofres do governo e nas subscripções por este promovidas, todos os recursos que lhe são necessarios. Tambem não ignorais que a *medicina homeopathica*, que com tantos esforços e sacrificios, plantei e fiz enraizar nesta provincia, he hoje a medicina de quasi toda a população; mas como não tem soccorros do governo, ficará a parte pobre dessa população exposta a todas as privações, no caso da epidemia, se a caridade dos ricos não vier em seu soccorro. »

Sem que duvidemos dos importantes serviços que a Sociedade Homeopathica Beneficente póde vir a prestar em grande escala, julgamos de justiça reconhecer e confessar os valiosos esforços que o governo geral e provincial, ajudados efficazmente por essa medicina que o Sr. Dr. Sabino denomina official, tem constantemente empregado, mesmo no sentido da *caridade*. Deixando de parte essa longa serie de medidas preventivas, que abonam a medicina *official*, e que teem sido tomadas desde que aqui chegou a noticia do apparecimento da epidemia no Pará, bastará recordar que — antes de se organisar a Sociedade Homeopathica Beneficente, já uma commissão de homens caridosos havia nesta cidade solicitado e obtido esmolas para serem distribuidas pela pobreza, se porventura nos visitar o cholera: já os Portuguezes tinham instituido o seu hospital destinado á receber os doentes que carecessem dos soccorros da beneficencia: já o Exm. presidente tinha convocado uma commissão medica, cujos membros foram divididos por freguezias, afim de que, no caso de apparecer a epidemia, prestassem promptos soccorros aos necessitados, applicando-lhes gratuitamente medicamentos, que deveriam ser fornecidos pelas boticas que o governo contratasse: já havia acudido com ambulancias a villa de Tacaratú e mandado para Garanhuns um facultativo provido dos necessarios medicamentos; pelo que a população daquellas localidades, e principalmente a parte *pobre*, não se achará balda de soccorros, se vier a ser assaltada pela epidemia reinante.

Ora, á vista deste e outros factos, que alem de darem uma prova da boa indole dos nossos comprovincianos, e mostrarem a paternal solicitude do administrador da provincia, tambem attestam que a medicina *official* não he estranha á caridade; não podemos acompanhar o Sr. Dr. Sabino no receio que manifesta de que a parte pobre da população venha a ficar exposta a todas as privações, por não ter a homeopathia soccorros do governo. Se o sentimento da caridade, como acertadamente disse o Sr. Dr. Sabino, he innato no coração do homem, e apenas será entorpecido em alguns entes erradios dos bons costumes, da moral e da religião, então devemos acreditar que no momento do perigo esse sentimento se traduzirá por factos e os homens favorecidos da fortuna, seja qual for a sua classe, profissão ou *systema*, não se mostrarão surdos aos gemidos da população afflicta, e antes imitarão o bello procedimento dos nossos irmãos do Rio; procedimento em que certamente os discipulos de Hahnemann, não podem gabar-se de ter tido a parte mais importante e gloriosa.

Não entraremos na questão de saber qual o systema que tem em seu favor a aura popular. O que vemos he que a maior parte da população desta provincia,—talvez pela carencia que ainda ha de medicos homeopathas,—he tratada pela medicina official, com a qual o governo até hoje se tem achado nas quadras calamitosas, em que ella, na verdade tem prestado serviços relevantes. Em qualquer systema ha homens, que apenas especulam, assim como ha muitos que sabem elevar-se á altura de sua missão, sem comtudo occuparem empregos publicos, que alias só chegam para bem poucos.

Se a medicida homeopatica he abraçada e sustentada pela maioria da população, como affirma o Sr. Dr. Sabino, ella não precisa de auxilios directos do governo, para poder derramar todos os bens de que he susceptivel, e ha de obter um triumpho tanto mais louvavel, quanto maiores forem os obstaculos que se lhe oppozerem nessa marcha gloriosa que vai agora encetar.

Quando o inimigo commum nos ameaça tão de perto, parece que os amigos da humanidade deveriam todos unir-se para combate-lo, abstrahindo desses parallelos odiosos, dessas pequenas rivalidades de classes que nada trazem em beneficio da sciencia, e que só servem para privar-nos das vantagens solidas que sem duvida resultariam de uma perfeita adhesão e auxilio mutuo. Ambas as medicinas podem prestar bons serviços na crise actual: o governo de sua parte está disposto a aproveitar o prestimo dos homens philantropos, sem guerrear systema algum; e tanto assim, que bem longe de pôr a menor restricção á competencia, ou de prescrever algum methodo exclusivo, tem dado aos facultativos nomeados para as diversas commissões, um livre arbitrio na escolha dos medicamentos.

Compre, portanto, que em vez de se plantarem scismas no meio de uma população impressionada pelo medo, procurem os amigos da sciencia associar-se debaixo de um só pensamento—o do bem geral—, não se esquecendo nunca de que a *caridade* na phrase de S. Paulo, *he benigna, e não ambiciosa, nem soberba, nem invejosa.*

Concluimos fazendo os mais sinceros votos para que a Sociedade Homeopathica Beneficiente prospere e fructifique.

CORRESPONDENCIA.

Senhores redactores.— Lendo por acaso o *Echo Pernambucano* n. 98, deparamos com um trecho que por amor á verdade, ao justiça, e o direito, não podemos deixar passar desapercebido, sem que façamos algumas considerações.

Que cada um no pleno exercicio do importante direito de liberdade de imprensa, censure, e censure acremente os abusos e marversações das autoridades e empregados, por mais elevada que seja a sua cathegoria, bem; entendemos nós perfeitamente; por que emfim he este um dos principios sobre que repousa o machinismo do systema monarchico representativo, mas que ao facto mais insignificante, ao acto mais usual, e commum que por isso que he filho d'um accidente, tem uma razão plausivel se faça grandes celeumas, se levante tamanhos escarceos e se queira responsabilisar Deos e o mundo, he o que não he da verdadeira politica, não está no poder de ninguem, e só serve para nos degradar perante quem observa attentamente nossas mizerias.

Como uma grande immoralidade, e cousa nunca vista (diz o *Echo* no trecho a que acima nos referimos) —acaba de fugir da cadeia nova, um preso de grave crime que tinha de responder ao jury na proxima sessão.—

Primeira falsidade; o preso que fugio não he de grave crime; poder-se-ha considerar de grave crime um preso, cujo maximo da pena não excede a 6 mezes de prisão e que além disto já estava preso ha mais de quinze mezes? Responda-nos a logica cerrada do rabiscador do *Echo*.

— Dizem que este preso he um dos que (continua o *Echo*) tinha licença franca para passear na cidade durante a noite.—

Segunda falsidade, que alias não merece a minima resposta, porque o rabiscador do *Echo* s'acoberta com o —dizem—; deixe de parte o —dizem— e prove ou pelo menos assevere que se deu licença ao preso para passear a noite, que então lhe mostraremos o contrario.—

Licença esta (prosegue o *Echo*) que não sendo dada pelo Sr. Dr. chefe de policia, nem pelo Sr. Dr. juiz municipal da primeira vara, que são os que tem immedista inspecção na cadeia, he por isso de suppor que a presidencia da provincia, que em tudo superintende houvesse autorisado taes passeios nocturnos com algum fim reservado, porquanto não he de crer que o Sr. major Florencio, escolhido pela mesma presidencia para director desta cadeia, tivesse a

FOLHETIM.

OS FILHOS DA FORTUNA. (*)

POR PAULO FEVAL.

CAPITULO III.

O agente de cambio.

Morin preparava o melhor que podia o almoço de tres ou quatro Ricardos que haviam de fazer-lhe a honra de parar em sua hospedaria. Vigiando em suas cassarolas, elle reflectia ao mesmo tempo e dizia comsigo:

— Ahi ha alguma cousa occulta!

Tinha já indicado muitas vezes o caminho do castello a pessoas que passavam fóra; era nessa manhãa uma verdadeira procissão.

Um homem em trage parisiense, e tendo o cunho da elegancia commercial que floresce no piristylo da Bolsa, entrou tocando summariamente no chapéo de feltro cinzento, e perguntou:

— He aqui a hospedaria do Cavallo Branco?

Morin fez um signal affirmativo.

— Casa de Morin?... accrescentou o recem-chegado.

— Casa de Morin... repetio o velho.

— E Mr. Des Garennes?

O estalajadeiro voltou-se para as cassarolas, e repetio pela vigesima vez desde o começo do dia:

— Siga a avenida... sempre em direitura; o castello está no fim.

— Amigo, disse o Parisiense em tom secco, não pergunto onde he o castello, pergunto por Mr. Des Garennes.

— E eu respondo-lhe, tornou o velho com paciencia: siga a avenida, sempre em direitura.

— Mr. Des Garennes não está verdadeiramente aqui? replicou o Parisiense com ar ao mesmo tempo de admiração e agastamento.

Morin encarou-o rindo e disse:

— Mr. Des Garennes nunca vem aqui.

— Todavia devia vir hoje.

— Assevero-lhe que não virá... Sem duvida alguem zombou de Vmc. Se quer vêr a Mr. Des Garennes, o mais certo he seguir a avenida sempre em direitura...

Morin parou e ficou pasmado; a cassarola cahio-lhe das mãos. Pela porta aberta vira o carrinho descoberto de Mr. Des Garennes entrar no pateo da hospedaria.

— Oh! oh! disse o velho, outra novidade!... uma entrevista em minha casa!... ahi ha alguma cousa occulta!

Mr. Garennes lançou-se na sala enxugando a fronte calva, e precipitou-se para a Parisiense tendo a mão estendida e o sorriso nos labios.

— Então fi-lo esperar, Mr. Gayet? perguntou elle.

— Não, senhor, respondeu este com recato, cheguei neste instante.

— Muito bem!... Ter-me-hia affligido...

— Quantos cumprimentos! disse comsigo o estalajadeiro.

Mr. Des Garennes voltou-se para elle, e disse-lhe batendo-lhe amigavelmente no hombro:

— Bom dia, meu velho Morin, passais bem tu e tua filha?... Eu e este senhor vamos para a sala vizinha, e não queremos ser incommodados.

Levou comsigo o Parisiense que saudara pelo nome de Gayet, e deu uma volta a chave da porta.

— Seu velho Morin! murmurou o estalajadeiro pegando novamente no cabo da cassarola; se minha filha e eu passamos bem! Decididamente ha alguma cousa occulta... e cousa grave!

Na sala vizinha Ricardo Des Garennes adiantára uma poltrona, na qual o Parisiense Gayet ostentava já o talhe perfeito das calças, que pareciam conter difficilmente a obesidade de suas pernas curtas. O castellão assentou-se em uma cadeira, e começou em tom fagueiro:

— Meu charo senhor, permitta primeiramente que me desculpe e lhe explique porque não o recebi esta manhãa no castello...

— Mr. Des Garennes, interrompeu Gayet com seccura, entre nós ha sómente relações de negocios... Vossa senhoria he capitalista, eu sou agente de cambio; vossa senhoria da-me ordens, eu executo-as... Eis-ahi tudo simplesmente e pouco importa-me.....

— Perdoe-me! perdoe-me! charo senhor, disse Mr. Des Garennes, cujo sorriso tornou-se ainda mais amavel, as relações de negocios não excluem relações mais intimas... A consideração em que sempre tive o seu caracter obriga-me... Mas tranquillise-se, conheço o valor de seu tempo; bastarão duas palavras: minha mulher ignora ainda a especie de pequena crise!...

Gayet sorrio e tornou pronunciando lentamente cada uma das palavras:

— Vossa senhoria chama a isso uma especie de pequena crise? não he uma especie de pequena crise, senhor,.... nem he mesmo uma crise pequena....

— Supponhamos a crise pura e simplesmente, murmurou Mr. Des Garennes empallidecendo um pouco.

— Eu chamo a isso uma catastrophe, disse o agente de cambio com emphase e parando, accrescentou depois:

— Senhor, hontem na Bolsa não faltou mais do que a grossura de um cabello...

— Vmc. me dirá isso brevemente, interrompeu Mr. Des Garennes esforçando-se por sorrir; tenho razões para estar mais tranquillo, e rogo-lhe creia que minhas razões são excellentes!

Bateu no peito como quem appella para o seu coração; o peito deu um som secco: era para a carteira que appellára.

— Permitta-me que continue, accrescentou elle. Minha mulher ignora o embaraço apparente e momentaneo de meus negocios, para que assusta-la?... Além disto hei de receber hoje muitos de meus parentes para uma decisão que convém tomar no interesse de nossa familia... Todos esses parentes tem capitaes em minha casa, pois somos muito unidos... uma palavra imprudente...

— Eu pensava, senhor, disse Gayet recostando-se na poltrona, que minha discrição era sufficientemente conhecida.

Mr. Des Garennes inclinou-se com ar attencioso.

— Ninguem lhe rende homenagem mais sinceramente do que eu, senhor.

— Um agente de cambio he como um confessor! proseguio Gayet com emphase ainda maior.

Mas o castellão não o deixou desenvolver essa these sympathica; tomou um ar de compuncção e disse:

— Charo senhor, ao meu ver, o seu cargo he um sacerdocio, a Bolsa he uma basilica, e o salão em que reunem-se os negociantes um sanctuario!... E não sou suspeito de scepticismo, accrescentou sorrindo, a respeito do deos que adora-se nesse templo... he o nosso deos, deixemos declamarem os moralistas idiotas... Ei-a, dê-me a mão, e uma vãa susceptibilidade não embarace relações ja antigas e tão fructuosas.

Tanta eloquencia não tocára o coração parisiense de Gayet, o qual disse sem mudar de tom:

— Essas relações foram talvez fructuosas outr'ora.....

— E hão de sê-lo sempre!.... exclamou Mr. Des Garennes com firmeza. Estou prompto agora para ouvir as noticias que tornam a Vmc. tão serio.

— O senhor julgará se tenho razão para isso, disse Gayet cruzando as mãos sobre os joelhos; vossa senhoria escapou de ser executado na Bolsa de hontem.

— Executado!... repetio Mr. Des Garennes saltando sobre a cadeira.

— Nem mais nem menos, continuou Gayet friamente, e foi por essa causa que enviei um mensageiro de noite para annunciar-lhe minha vinda.

— Mas... balbuciou Mr. Des Garennes, minha posição de fortuna...

— Nada sabemos positivamente a esse respeito, senhor... Pessoalmente eu creio a vossa senhoria muito rico; mas a experiencia prohibe-nos confiar em nossas opiniões pessoaes... Sou devedor de uns trinta mil francos de sua parte...

— Estou prompto para satisfazê-los, disse Mr. Des Garennes tirando vivamente a carteira.

— Eu ia pedir-lh'o... accrescentou Gayet, o qual inclinou-se mui polidamente.

A cortezia entre bolseiros não exclue essa honrosa franqueza.

Emquanto o castellão contava os bilhetes sobre um canto da mesa, o agente de cambio terminava sua narração:

— Segundo as ordens que recebi, comprei prevendo a elevação que parecia certa... Correram noticias, e a renda abaixou, não cahio... Vossa senhoria tinha de pagar uma differença enorme!... Ao mesmo tempo a decadencia affectava suas acções de minas, que nem mesmo eram mais cotisadas..... O senhor sabe que nos he vedado fazer adiantamentos.....

O Castellão enxugou a fronte coberta de suor, e murmurou:

— E quem impedio?...

— O acaso... um capitalista estrangeiro...

— Como se chama esse capitalista?

— Estevão Williams...

— Então elle fez compras mui consideraveis?

— Tão consideraveis que o movimento parou.....

Aquelles que contavam com a elevação, vendo-se derrotados, reuniram-se para fazer um ataque desesperado, e a renda subindo como douda excedeu logo a cotisação da vespera.

Mr. Des Garennes molhou a ponta do lapis, e escreveu no livrinho de memoria o nome de Estevão Williams.

— De sorte que, disse mudando repentinamente de tom, o dia em summa não foi mao... Vmc. foi sómente atacado por um terror panico!... Meu charo senhor, não queixo-me de sua pouca delicadeza para comigo; porém apezar de seu benevolo recato he evidente que tem receios sobre minha posição financeira.

— Senhor!... murmurou Gayet recuando logo.

— Não negue! tornou o castellão com firmeza. Seu officio he indagar o forte e o fraco de cada um... Não ignoro nenhum dos boatos que correm por la... Sei que sou censurado entre outras cousas por haver comprado esta terra des Garennes, que custame um milhão e quinhentos mil francos...

— Estando essa somma paga... insinuou o agente de cambio, cujo olhar sorrateiro abaixou-se.

— Isso quer dizer que accusam-me de não tê-la pago, não he verdade?

— Ha tantos boatos!...

— Sim, senhor, exclamou Mr. Des Garennes, o boato he verdadeiro, devo um milhão e quinhentos mil francos... mas assevero-lhe que de hoje para amanhãa eu poderia pagar o quadruplo dessa somma... Minha casa he solida, Mr. Gayet, minha casa prospéra... Não fallo do casamento rico de minha filha...

— Seu primo, Mr. Du Gueret... interrompeu o agente de cambio. Elle passa por ser abastado.

— Repito, proseguio o castellão, nem fallo disso... Conhece Peter Bristol?

— Peter Bristol de Boston?

— Sim, disse Mr. Des Garennes mettendo a mão no collete com ar victorioso.

— Ah! exclamou Gayet, quem não conhece o Rothschild da America do Norte!

O castellão abrio negligentemente a carteira, tirou uma carta, abrio-a e offereceu-a ao agente de cambio dizendo-lhe:

— O Rothschild da America do Norte está mui longe da Bolsa e mui longe de Tortoni para ouvir os boatos de porteiros, que correm entre os corretores fugitivos... Eis o que elle escrevia na semana passada fazendo-me a ultima remessa para Paris... Tenha a bondade de ler.

— Para obedecer-lhe... balbuciou Gayet, o qual agarrou a carta com empenho mal dissimulado, e leu:

— « Meu charo correspondente..... » Eu sabia que vossa senhoria tinha a vantagem de ser seu correspondente... « Relações cordiaes... » Isso he mui lisongeiro e bem merecido!... Oh! oh! « Sentimentos affectuosos.., » felicito sinceramente a vossa senhoria! — Porém, accrescentou comsigo, tudo isso não se rebate.—Apre! exclamou saltando sobre a poltrona, « Credito illimitado... »

Poz os oculos sobre o nariz e tornou:

— Está escripto por extenso « Credito illimitado!... » Fique certo, charo senhor, que pela minha parte nunca dei credito...

Restituio a carta a Mr. Des Garennes, o qual triumphava com modestia e dizia sorrindo:

— Ei-a, seja franco!..... Vmc. pensou um instante...

— Não, senhor! exclamou Gayet. Ah! quanto a isso protesto... a melhor prova he que solicito com instancia a continuação de sua confiança.

— Que! disse Mr. Des Garennes apertando-lhe a mão, ao passo que accrescentava comsigo:

— Es um patife insolente, e hei de substituir-te amanhãa!

Gayet reflectia de sua parte:

— Certamente a carta he boa... mas para que elle m'a mostra?... He porque sente-se pouco solido.

E o aperto de mão continuava prolongando seus abalos cheios de calor e de effusão.

— Fique certo, começava o agente de cambio, que meu zelo...

— Charo senhor, interrompeu o castellão enternecido, essas explicações leaes entre gente de honra só tem um resultado, que he augmentar a estima reciproca.

— A mutua consideração... Não digo mais, charo senhor... He chegada a hora do comboy; se tem ordens...

— Tenho; mas hei de enviar-lh'as a Paris.

— Então adeos, disse Gayet dirigindo-se para a porta, e sobretudo considere-me como o mais dedicado de seus servos!

— Rogo-lhe, redarguio Mr. Des Garennes acompanhando-o até ao lumiar, que classifique-me no numero de seus clientes mais inamoviveis.

Houve mesmo um abraço, e Gayet sahio apressadamente como quem arranca-se ás delicias de uma chara entrevista.

— Diga-me, gritou Mr. Des Garennes chamando-o ainda, tomei o nome do capitalista estrangeiro?

— Estevão Williams... respondeu Gayet voltando-se.

— Sim.. sim, escrevi-o.... obrigado..... Quanto elle comprou de rendas?

Gayet estava no meio do vergel e gritou:

— Um milhão e seiscentos mil francos pagos á vista.

— Quanto?..... repetio o castellão applicando o ouvido.

Gayet saudou e desappareceu atraz da sebe, repetindo:

— Um milhão e seiscentos mil francos!

Mr. Des Garennes atravessou novamente a sala, e foi lançar-se na poltrona em que pouco antes estava o agente de cambio.

— Que singularidade! murmurou elle apoiando a cabeça nas mãos; he justamente a cifra de meu balanço com Peters Bristol.

Ficou um instante immovel e como absorto em suas reflexões.

— Estevão Williams!... tornou, não conheço esse homem!... Mas tenho a superstição dos nomes!... Ha uns que soam ao ouvido como ameaça, outros como promessa... Lembro-me bem disto: Quando ouvi pronunciar pela primeira vez Peter Bristol, um estremecimento de esperança correu-me pelas veias... Porque? não sei... Eu estava pobre, e sem credito: vi repentinamente diante de mim como um monte de ouro!... E de certo foi esse Peter Bristol quem fez-me rico... Esse nome de Estevão Williams tambem deslumbra-me... Não salvou-me elle já sem o saber?... He um presagio, e se algum dia eu o encontrar...

Parou subitamente para escutar. Na janella entreaberta que dava para o vergel, appareceu uma cabeça loura e risonha, uma cabeça de rapariga com chapéo redondo, sobre o qual fluctuava um véo verde.

A moça que trazia um vestuario completo de amazona, lançou a vista pela sala, e disse estouvadamente:

— Elle não está ahi!...

Depois vendo de repente a Mr. Des Garennes em um canto, recuou e desappareceu. O castellão voltou-se estremecendo, e apenas vio a ponta fluctuante do véo verde.

— Camilla!... exclamou elle lançando-se á janella; pareceu-me reconhecer sua voz!

Chegando á janella achou-se diante de Antonina, a qual apoiou o cotovelo no peitoril, dizendo:

— Sua criada, meu amo!

— Bom dia, pequena... disse Mr. Des Garennes; eras tu que estavas ahi?

— Oh! sim, respondeu ella desdobrando um véo verde que tinha na mão... eu estava concertando isto... e fugi porque temi incommodar a vossa senhoria.

— Estavas só?...

— Sosinha, meu amo...

O castellão lançou um olhar de desconfiança da parte de fora, e depois pondo a mão sobre o hombro de Antonina, disse:

— Ouve-me bem, pequena, não vim aqui esta manhãa.

— Essa he boa! respondeu Antonina rindo, se vossa senhoria aqui está!

Mr. Des Garennes ergueu os hombros.

— Quero dizer que se tu ou teu pai virdes alguem do castello, guardareis silencio sobre minha visita!

Antonina tomou um ar grave, e tornou abaixando a voz com mysterio:

— Comprehendo! comprehendo! direi que vossa senhoria não veio aqui e que não vio aquelle homem que chegou da estação com chapéo de feltro cinzento, e que voltou depois de haver conversado com vossa senhoria.

— Louquinha! não dirás nada.

— Pois bem, direi que não quero dizer nada.

Mr. Des Garennes dirigio-se á porta que dava para o vergel, acrescentando:

— Sobretudo não te esqueças de prevenir a teu pai.

— Sim, meu amo, disse Antonina fazendo uma bella reverencia.

— Por aqui Senhorinha, por aqui, acrescentou ella em voz baixa passando o braço pela cintura da loura amazona que estava occulta atraz de uma sacada da parede, se Vmc. ficar ahi, seu pai a verá, pois elle tem a pulga atraz da orelha, e certamente vai rondar em torno da casa.

A rapariga deixou-se levar para o outro lado da hospedaria, e quasi no mesmo instante Mr. Des Garennes appareceu atraz dos pampanos verdes que pendiam das macieiras do vergel. Sem olhar investigador percorreu os arredores da fachada, e elle murmurou:

— Não ha nada, foi sonho meu!

Tomou o caminho da avenida, tendo as mãos ás costas e a cabeça inclinada. Nesse momento Antonina abria a porta da sala que elle deixara, e dizia com ar triumphante á rapariga loura que estava mui pallida.

— Entre senhora Camilla, nada mais temos que receiar!

Camilla lançou-se em uma cadeira murmurando:

— Meu Deos! quanto medo tive!... Se minha madastra soubesse!...

— E o senhor Rolando que a espera atraz dos salgueiros!... exclamou Antonina rindo. Se viesse um pouco mais tarde, Mr. Des Garennes acharia a Vmcs. juntos.

— Rolando!... repetio Camilla. Então elle está aqui?

— Faça-se ignorante!... respondeu Antonina com uma mistura de grossaria e de ternura.

Camilla pegou-lhe na mão, e disse:

— Bem sabes que nada te occulto, minha boa Antonina. O que tenho a dizer hoje á Rolando he mui serio... E se meu pai o visse...

— Quanto a isso, interrompeu Antonina, seria o mesmo que correr após de um esquilo no bosque!... Estou certa de que o senhor Rolando ja vio o tio através dos ramos... Elle está em caminho e ha de entrar pela porta, ou pela janella.

— Oh! ei-lo! exclamou ella com admiração.

Camilla deu um gritinho de susto. Rolando estava no meio da sala sacudindo os anneis dos cabellos. Tinha saltado rindo por cima do peitoril da janella.

— Uma joia!... murmurou Antonina encarando-o firmemente, digo-lhe que he uma joia!

— Bom dia, Antonina!... exclamou Rolando tomando-lhe a cabeça entre as mãos e abraçando-a.

Depois dirigio-se a Camilla, cuja mão beijou com graça respeitosa, dizendo em voz mais baixa:

— Bom dia, Camilla!

— Bom dia, Rolando, respondeu a rapariga, cuja bella fronte corou vivamente.

— Antonina! tornou Rolando em tom de ordem militar, ficas encarregada de montar guarda como bom soldadinho... A teu posto, minha filha!

— Lá vou, senhor Rolando, respondeu Antonina, a qual afastou-se contemplando alternativamente os dous moços.

No limiar da porta ella parou involuntariamente, e disse com certa melancolia:

— Não digo isto para offender a Pedro Tassel; mas esse rapaz he uma joia... uma verdadeira joia!...

(*Continuar-se-ha.*)

* Vide *Diario* n. 291.

indiscrição inqualificavel d'abrir as portas da prisão sobre sua immediata responsabilidade, a presos d'essa ordem ; e esta nossa supposição parece tanto mais fundada quanto he publico que a presidencia occultara esse facto no seu expediente.—

Que embroglio he este, que farça ridicula e mizeravel he esta, Sr. rabiscador do *Echo* ? Para que querendo censurar injustamente o Sr. presidente envolve o nome do Sr. Florencio, deixando perceber perfeitamente qual o seu fim ? Que tem o Sr. Florencio com a presidencia, e a presidencia com o Sr. Florencio, sobre o facto que nos occupa ?

Por ventura não sabe o Sr. rabiscador do *Echo*, que em virtude do art. 144 e seguintes do regulamento n. 120 de 31 de janeiro de 1842, dado para execução da lei de 3 de dezembro de 1841 a inspecção geral das prisões da provincia, pertence aos chefes de policia, que exercerão por si nos termos em que residirem, e por meio dos delegados e subdelegados nos outros termos ?

Não sabe que o Sr. Florencio avista de tão terminante e expressa disposição de lei nada faz, nem poderia fazer, sem consultar, sem ouvir o illustrado parecer do mui digno chefe de policia o Sr. Dr. Paiva Teixeira, que aliás tem merecido de S. S.ª todas as attenções, todos os respeitos, todos os elogios ?

Como pois desviando-se do verdadeiro ponto a que devera attingir na hipothese de se dar qualquer falta, de haver qualquer irregularidade, censura a S. Exc. o Sr. presidente, por um facto succedido em um estabelecimento sobre o qual não tem uma inspecção immediata ? Não vê S. S.ª que uma censura desta ordem importa o mesmo, ou ainda mais que uma censura feita ao Sr. Dr. chefe de policia, a quem prodigalisa seus elogios, tributa suas considerações ?

He notorio, e de prima intuição que o Sr. presidente podesse autorisar *taes passeios nocturnos de presos*, era preciso que o Sr. Dr. chefe de policia infalivelmente interviesse neste acto, e por elle fosse responsavel, por que uma de duas, ou o Sr. Florencio dava aos presos essas licenças para *passeios nocturnos* por ordem do Sr. Dr. chefe de policia, ou não ; se dava em virtude desta ordem legal, he evidente que nenhum outro que não seja o Sr. Dr. chefe de policia deve responder pelas consequencias que dellas resultassem. Se porém não existia esta ordem legal, se o Sr. Florencio concedeu essas licenças, ou porque quiz, ou porque quiz fazer um favor a S. Exc. o Sr. presidente, he ainda obvio que o Sr. Dr. chefe de policia não poderia furtar-se a responsabilidade desse facto, por que, como vimos, á elle compete a immediata inspecção sobre a casa de detenção, a elle compete conhecer e observar se o administrador cumpre as suas obrigações, excede das suas attribuições e conseguintemente fazer as respectivas reclamações.

Mas na opinião do Sr. rabiscador do *Echo*, o Sr. Dr. chefe de policia he incapaz de pactuar com criminosos, de sanccionar abusos e immoralidades de seus subalternos, de dar ordem para que os presos deem passeios nocturnos, e he além disto credor de sua estima, de todos os elogios, de todas as attenções ; ergo o Sr. rabiscador do *Echo* cahindo na mais ridicula e palpavel contradicção, mostra ao mesmo tempo, um animo pequenino e vil envolvendo em uma questão tão simples o funccionario distincto que só tem em vista bem administrar a provincia.

Não trazemos para aqui a pessoa do Sr. Dr. chefe de policia com o fim de querermos compromettel-o ; ao contrario temos a seu respeito as melhores intenções, entendemos que elle não tem culpa do facto da fugida do preso, e que além disto de uma autoridade integerrima que sabe dar o exemplo de como se deve exercer as funcções inherentes a seu cargo, mas unicamente o que tivemos em vista foi pateutear a maneira pouco conveniente, porque procede o Sr. escrevinhador do *Echo* para com a primeira autoridade da provincia, que em algum tempo, já mereceu que por ella quebrasse suas lanças.

Nem he de suppor que o Sr. major Florencio quizesse prestar-se a uma ordem ou autorisação de S. Exc. desta natureza, tanto mais quanto em sua vida publica, em casos identicos, e com autoridades da mesma hierarchia que a de S. Exc. já tem dado sobejas provas, a despeito de seus interesses e de algumas considerações, de exacto e verdadeiro observador das leis que regulavam os empregos que tão dignamente ha exercido. Para que pois, mostrando a mais supina ignorancia, o rabiscador do *Echo*, inverte os factos mais comesinhos, e em tão poucas palavras avança tantas falsidades, tantas asnidades ?

Se o rabiscador do *Echo* procedesse como devia, se tratasse de indagar do facto e de suas circumstancias, ou se limitasse apenas a mencionar a fugida do preso, e pedisse os esclarecimentos precisos, as necessarias explicações das autoridades competentes, então não passaria pelo desgosto de ver suas asserções tachadas de falsidades, e haveria quem francamente lh'o dissesse que podendo os presos por crimes leves, e até os proprios condemnados em virtude do regulamento, fazer o serviço interno do estabelecimento denominado fachina, succedeu que na noite do dia 9 do corrente mez, quando os empregados estavam occupados com um marujo francez que tinha entrado preso, e que por seu estado de embriaguez, dava pancadas, e maltratava com um pão de vassoura a seus companheiros, e que por isso tinha de ser transferido para uma prisão solitaria, que o preso Manoel Theotonio da Silva estando de fachina nesta occasião, se valesse de opportunidade desse especie de conflicto, assim como do facto de neste mesmo momento um guarda novo e pouco adestrado nos manejos da casa, abrir a cancella para deixar entrar uma patrulha de policia com duas mulheres presas, se evadisse, justamente quando todas as attenções se voltavam para o marujo embriagado, que d'uma força herculea, resistia a pé firme e não queria passar para a prisão solitaria, a quem era necessario conter, sem que todavia fosse molestado e maltratado.

Entra um preso, não quer attender a cousa alguma, não quer obedecer ás ordens da autoridade, e pelo contrario se revolta contra ellas, todos os empregados correm para faze-lo chegar ao cumprimento de seus deveres, para faze-lo tomar o lugar que lhe compete ; apparece na cancella uma patrulha com duas mulheres ensanguentadas, o guarda novo inexperiente ainda, abre a cancella para que entrem, e volta-se ao mesmo tempo para o lugar em que estava o marujo embriagado afim de dar signal de que se fazia necessaria uma pessoa alli para receber e dar o destino conveniente ás ditas mulheres, um dos presos que estão de fachina e que se acha além disto do lado esquerdo do porteiro se aproveita deste ensejo e foge ; que culpa pode por isso pezar sobre o digno administrador da casa de detenção?

Acresce ainda que o systema adoptado não pode ter completa realisação. Segundo o systema da casa de detenção devem haver tres grades de ferro, pelas quaes se tem de passar, para que se possa penetrar no interior do estabelecimento. Se o edificio estivesse prompto, se o systema podesse ser completamente realizado, certamente que o preso Manoel Theotonio não teria fugido, porque as duas mulheres que entraram na occasião em que se continha o marujo embriagado, logo que passasse a primeira grade esta se fecharia, o mesmo aconteceria na segunda, e quando houvesse algum descuido ou fatalidade na terceira, he claro que o que intentasse fugir não poderia transpor a segunda nem a primeira.

Ora, o que por ora existe he unicamente uma cancella, e bem se vê que com um meio tão fraco não se pode responsabilizar ao digno administrador da casa de detenção, ao Sr. Dr. chefe de policia, nem ao Sr. presidente da provincia por accidentes desta ordem. Muito tem feito assim mesmo o Sr. Florencio, requisitando constantemente estas grades de ferro, pedindo e instando com ardor para a sua collocação, prevendo occurrencias de igual natureza, e quem assim obra merece censuras Sr. rabiscador do *Echo* ? Não foi o proprio redactor do *Echo* que indo visitar aquelle estabelecimento, sahio satisfeitissimo e chegou a confessar a algumas pessoas, entre as quaes podemos mencionar o Sr. Ribeiro, a boa ordem, asseio e harmonia que o Sr. major Florencio tem sabido fazer reinar desde que para alli entrou ? Não foi testemunha occular da actividade, vigilancia e regularidade nas cousas ainda as mais insignificantes ? E como sem uma prova cabal, sem um argumento valioso, sem uma deducção logica quer fazer complice d'um facto tão simples ao administrador intelligente, que invida todos os seus esforços, que procura por todos os meios bem desempenhar sua honrosa commissão ?

Pois bem, já que não fez o que devia, e o que devera fazer todo o homem de sentimentos de honra, de dignidade e que fosse verdadeiro politico, já que quer á fortiori seguir uma vereda tortuosa e tenebrosa com tanto que possa conseguir o seu *fim reservado*, permitta que lhe digamos com a franqueza necessaria que perde seu tempo, que clama no deserto, porque tanto o Sr. major Florencio, como o Sr. presidente, tem a consciencia de bem cumprir os seus deveres para que desçam a responder e dar importancia a alusões mesquinhas e pequeninas, só proprias do rabiscador do *Echo*.

Diga pois o Sr. rabiscador do *Echo*, o que quizer a respeito do Sr. presidente da provincia, que elle se acha altamente collocado, tem uma reputação ganha, e devida unicamente a seus proprios esforços, a custa de innumeros sacrificios, e do bom desempenho das arriscadas commissões que se lhe tem confiado, vive cercado de bons amigos e mais que tudo goza das sympathias, de sinceros respeitos de seus concidadãos, para que as settas do rabiscador do *Echo* lhe passam tocar, quanto mais feri-lo.

Agora pelo que diz respeito ao Sr. major Florencio pode tambem dizer o que lhe vier ao bestunto, porque este senhor muito menos importancia dá as suas accusações, tanto assim que já o anno retrazado no recinto de assembléa provincial, dando o seu juizo acerca deste periodo disse francamente, que o *Echo* não era se não uma machina que só servia para ganhar dinheiro á custa das reputações alheias, e o que aida mais he, segundo me informa um amigo que tem conhecimento com o Sr. Florencio, tem até a pachorra de mandar sellar todos os *Echos* que o descompoem, porque na sua phrase, uma descompostura do *Echo* he um brasão de honra, um documento authentico d'uma reputação illibada, de todos os sentimentos emfim honorificos que pode legar a seus filhos.

Sou, Srs. redactores o *V.*

SCIENCIAS E ARTES.

Do soberano bem.

(Continuação do numero antecedente.)

He antiga na historia da philosophia a questão do soberano bem. Ella foi tratada por Platão, por Aristoteles, por Epicuro, por Zenon e por o pequeno numero de moralistas modernos que marcharão sobre as pisadas daquelles. Tem-se levantado sobre esta como sobre outras muitas questões a pretenção de achar a todo problema uma solução simples, pretenção esta, fonte inexhaurivel de erros em moral e em metaphisica, como em politica, e que não podia deixar de desgarrar o proprio genio.

Se querem que o soberano bem seja simples ; só ha duas respostas a dar á questão o que seja o soberano bem ? He a felicidade, ou a virtude.

Ora o soberano bem não he somente o bem supremo ; pois o bem supremo he simples ; he a virtude. Mas o soberano bem a que a alma humana aspira deve ser completo, e para se-lo he preciso que elle comprehenda a felicidade como a virtude. Em uma palavra, o soberano bem he a felicidade com a virtude e pela virtude.

O soberano bem compõe-se portanto de dous elementos. Toda a philosophia que admitte um e repelle o outro, só dá uma moral systematica a insufficiente.

Os stoicos dizem : Sê virtuoso, que serás feliz ; e os Epicurista. Sê feliz ; eis todo o bem. Quer uma quer outra moral he igualmente exclusiva ; pois que a felicidade não he o verdadeiro bem, como o temos assaz demonstrado, e a virtude nem sempre encerra a felicidade.

Terá a virtude em si uma força capaz de produzir a felicidade ? He esta uma questão de facto. Ora os factos respondem que muitas vezes, e mesmo a maior parte do tempo, graças a Deos, assim acontece, mas nem sempre, e que nossa sensibilidade, que he a região da felicidade, esta sujeita a um encadeamento de causas e de leis exteriores acima do poder da virtude. Logo, emquanto subsistir esse encadeamento de causas e leis, tal como he, a virtude e a felicidade nunca serão inseparaveis.

Nós tinhamos duas soluções possiveis ao problema do soberano bem. Ei-las ambas separadas. Entretanto he mister tirar o soberano bem dos dados que acabamos de expor, ou desesperar para sempre.

He absolutamente falso que a virtude não seja senão um meio para chegar a felicidade. Ao contrario, se de facto a virtude nem sempre da a felicidade, he absolutamente verdade, he certo que ella a deve dar. O unico o obstaculo he a influencias das causas externas.

Basta, pois, tirar essa influencia para dar á virtude toda a sua força, toda a sua comprehensão.

Vós vêdes chegar a outra vida e a immortalidade d'alma.

A immortalidade d'alma he uma consequencia da mesma noção do soberano bem ; he a concepção de uma outra vida, onde, livres emfim do jugo da causalidade externa, poderemos ver realisar-se o ideal do soberano bem, a harmonia que deve existir entre a virtude e a felicidade.

Mas para podermos levar o vôo a estas regiões incognitas que a razão nos revela, he necessario que uma causa, mais poderosa que o todo de todas as causas sensiveis, para alli nos transporte ; e ella deverá ser infenitamente justa e santa como he omnipotente para distribuir a felicidade a quem houver merecido.

He assim que Kant nos conduz a Deos. Deos com seus attributos he um postulado, assim me expresso para fallar essa liguagem um pouco escolastica, exigida por aquella da immortalidade d'alma, a qual he ella mesma exigida pela noção do soberano bem noção que a seu turno repousa sobre a noção do dever.

Assim a lei do dever, que para ser cumprida supõe a liberdade, contem em seu seio, com a liberdade, o soberano bem, a outra vida e Deos. Tudo he comprehendido no dever; he este ao mesmo tempo o principio e a conclusão de toda a philosophia verdadeiramente moral e religiosa.

A moral conduz a religião : esta por seu turno desenvolve aquella e a amplia.

A religião não he o fundamento, mas a corôa necessaria da moral.

Se não tivessemos certeza da existencia de Deos que deploravel estado não seria o nosso ! Obrigados a cumprir o dever com risco de sermos infelizes, tendendo incessantemente para a felicidade sem podermos acha-la, sentindo que ella fôra creada para nós, julgando-nos dignos della, e não podendo alcança-la, que desesperação não seria a nossa ! Que seriamos nós então, senão seres desgraçados, creados sem fim, chamados a viver sob o imperio, aqui de uma lei sublime, mas bem severa a todos os nossos instinctos, alli de uma inexoravel fatalidadec com o nada por todo o futuro ? Mas estamos certos da existencia de Deos, e de uma vida futura ; estamos certos, porque não he só um desejo vago e confuso de felicidade que nos inspira esta idéa, he um juizo da razão, que nos imprime esta convicção. Nós, como seres sensiveis não tendemos somente para o soberano bem ; nós julgamos necessariamente, como seres intelligentes, que somos feitos para alcança-lo.

Lembrai-vos da lei do merito e demerito, esse juizo absoluto com que pronunciamos que o agente virtuoso merece a felicidade : deste juizo segue-se que a felicidade para um ente moral he o preço da virtude. Aspirando ao soberano bem, parece, pois que deveremos tambem aspirar a uma virtude perfeita.

Mas neste mundo a virtude perfeita esta' além do nosso alcance. Nossa melhor partilha ainda he a virtude com seus combates. Este o sentido dessas expressões christãas.—Estamos sempre neste mundo sujeitos ao peccado.—Com effeito, nós nos sentimos de continuo arrastrados a seguir a paixão em detrimento da razão ; e quando resistimos, esta resistencia he dolorosa a victoria, nos custa, porquanto he de nós he de nosso proprio coração que he mister triumpharmos. A victoria ainda he ephemera, e o perigo sempre renascente. Condemnados a sempre luctar, só nos sustentamos a força de vigilancia e coragem. Nossa virtude, vista de perto e a luz enexoravel da consciencia he plena de muitas mizerias.

A santidade não he mais accessivel ao homem nesta vida que a bemaventurança. Podemos aspirar a uma e a outra pelo desejo e pela esperança mas neste mundo o nosso objecto immediato he a virtude alli reside somente a obrigação; ella não esta' noutra parte.

O erro do mysticismo he antecipar os direitos da morte e supprimir a verdadeira tarefa da vida humana elle tende a desviar o dever, a lei, uma regra imperiosa, para substitui-la por aspirações e extases.

O mysticismo he o extremo do stoicismo. Os mysticos nos suppõem capazes para cumprir o bem sem esforço e por puro amor ; os stoicos, de o cumprir em toda a sua extenção, e sem vista alguma para a felicidade.

O mysticismo repousa em um sentimento muito real, a necessidade de uma perfeição e de uma felicidade infinita ; o stoicismo, em um principio que não he menos certo, a obrigação inflexivel da virtude ; mas o stoicismo erra, rejeitando o sentimento e admittindo a obrigação ; o mysticismo em destruir a obrigação, e absorve-la no sentimento.

Acima destas duas doutrinas de moral, uma que faz desapparecer o trabalho da virtude, a outra que a ella se prende sem nada procurar alem, se offerece a nós a moral christãa, unindo á lei do dever que obriga, a lei do amor, que conforta e consola.

O christianismo diz ao homem : « Ama a Deos sobre tudo, e a teu proximo como a ti mesmo. » Moralistas modernos, para se appropriar esta maxima, vestiram-na assim : « Ama-te, e em teu interesse mesmo ama a Deos e a teu proximo. » Mas mudar assim o preceito christão, torna-lo pessoal, he tirar-lhe seu caracter imperativo, he destrui-lo.

Kant propõe esta questão : O que he o amor de Deos ? Amar, pode ser o objecto de um preceito ? Pode-se-nos proscrever um sentimento que experimenta-lo não dependa de nós ? Dir-se-ha que amar a Deos he comprazer-se de cumprir sua lei, he achar prazer nisto ? A mesma objecção : pode-se bem obrigar a cumprir uma lei, mas não a cumpri-la com prazer, quando esta nos impõe muitas vezes um sacrificio penivel. Kant pretende, pois, que amar a Deos quer dizer só seguir seus preceitos e reduzir a maxima christãa a esta : Observa os mandamentos de Deos. Nós pensamos que o christianismo exige, e com razão, mais, elle reclama para o pai da humanidade e o autor dos mandamentos divinos, um sentimento particular, natural á alma, e que o exercicio fortifica e desenvolve. Mas partilhamos a opinião de Kant, quando diz que aquelle que encontrasse sobre a terra sua felicidade em cumprir os preceitos divinos, este seria mais que homem, seria um santo. Ora, só a virtude he obrigatoria. A virtude he uma violencia que a vontade livre faz á paixão para cumprir a lei. Onde não ha sacrificio a fazer, não ha combate, e onde não ha combate não ha virtude. Tal não he a nossa condição. Nós não somos santos, nem anjos, mas homens dotados ao mesmo tempo de razão e de paixão. Conhecemos a lei, perem não achamo-la severa á natureza, e não sujeitamo-nos a ella sem repugnancia ; felizes ainda, quando na luta perpetua do dever com a paixão, chegamos a levar de tempos em tempos alguma vantagem.

Sem tratar de novo da questão do puro amor tão controvertida no XVII seculo, observamos que o autor da *Explicação das maximas dos Santos e das Cartas espirituaes* falla raras vezes da obrigação e do dever. Sentindo sua bella alma se levar facilmente ás mais difficeis virtudes, Fenelon collocou o amor no lugar do dever ; todo o seu estudo era collocar o homem n'uma disposição tal que aspire naturalmente ao bem. Mas, ainda uma vez, esta condição não he a nossa. Todas as delicadezas imaginadas para levar o homem a cumprir o seu dever sem esforço são subtilezas chimericas, e mesmo perigosas. Temos de frente as paixões, contra as quaes he-nos mister estabelecer e sustentar uma luta continua. Como Bossuet com sua firme razão o sentira bem, á força de levantar-se contra a avidez do stoicismo, Fenelon tira docemente o fundamento de toda a moral da mesma moral christãa, e parece demasiadamente esquecer que o symbolo do christianismo he uma cruz, e que o homem não he tido de ser um santo nesta vida, ao passo que he obrigado a ser virtuoso. A santidade presuppõe a virtude e he a virtude que se deve recommendar aos homens. A santidade não lhes faltará ja mais das mãos da morte e de Deos, se em vida os homens não faltarem ao dever. A santidade he um ideal a que se pode aspirar, a virtude he uma lei que nos he imposta e para a qual nenhum tempo pode ser pedido nem concedido.

He enervar pois o christianismo, reduzi-lo ao mysticismo com Fenelon ; e he um damno encerra-lo tambem com Kant n'um stoicismo sublime, sob pretexto de o preservar dos desvarios do mysticismo.

He preciso conservar o preceito stoico que estabelece a absoluta obrigação ; mas este preceito não da conta do homem todo : ha uma aspiração secreta d'alma á santidade e á felicidade, que he mister guardar tambem, contendo-a, se se não quizer mutilar a natureza humana.

A moral stoica não soffre nenhum sentimento apaixonado ; não transige com a fraqueza ; ella colloca na mesma linha o parricida e a mais leve mentira ; com ella não se he virtuoso se, como Catão, não se está sempre disposto a se rasgar as entranhas. Certamente esta moral he sublime, e vós admirareis ainda mais, se eu vos mostrasse todo o bem que fez na terra, sobretudo, como o observou Montesquieu, durante os primeiros tempos do imperio romano, quando um vergonhoso despotismo pesava sobre as almas. Foi ella que deu ao mundo essa incomparavel minoridade do senado romano, os Senecas, os Helvidios, os Thraséas. Para sustentar a alma humana sob um Tiberio, sob um Nero, na falta do christianismo, era-lhe necessario a força energica e extrema do stoicismo.

O christianismo tem toda a austeridade, toda a grandeza do stoicismo, porque o que elle ordena, o que exige sobretudo he a virtude. Elle nos ensina que a virtude he o nosso verdadeiro destino neste mundo, e que nos não podemos mesmo marchar para a santidade por uma outra estrada. Se o typo immortal proposto á nossa imitação, se o Verbo encarnado mostrou a este mundo uma santidade divina, foi a um soccorro sobrenatural que deveu, e ainda assim elle atravessou as lutas dolorosas da virtude, elle passou pela tentação, lutou, gemeu e chorou.

Ao mesmo tempo o christianismo não destroe, elle deixa em reserva, conserva mesmo no fundo das almas o ideal da santidade ; nada occulta, esclarece e dirige a necessidade innata e invencivel da felicidade.

O christianismo, unindo-se ao stoicismo, o completou. Não separou a religião da moral, como fizeram os mysticos, nem a moral da religião como os stoicos. A moral e a religião são duas cousas distinctas, mas he perigoso, digo mais, he falso separa-las, e nada prova melhor a que ponto o christianismo conheceu o homem que o laço intimo e indissoluvel que elle estabeleceu entre a moral e a religião para abraçar e apanhar a alma por todos os seus grandes lados, e não deixa-la fóra de suas prisões por lugar algum.

O Deos, que a moral nos revela, nos apparece como o principio da justiça e a fonte da felicidade. Considerar Deos abstractamente da moral, he romper os laços sagrados que o unem a nós ; he não deixar entre elle e nós senão a relação geral, indeterminada, quasi indifferente de causa a effeito. Nosso Deos não he somente o autor de nosso ser ; he ainda o supremo legislador de nossa alma, a testemunha de nossos esforços, o garante de nossas esperanças. Dahi dous sentimentos que se elevam naturalmente em nós e compõe o culto interno : a adoração e o amor ; a adoração para o santo dos santos, o pai de toda a justiça, aquelle de quem trazemos em nós mesmos uma imagem imperfeita ; o amor para o remunerador de toda a virtude, o dispensador de toda a graça.

Si eu quizesse explicar-vos em resumo toda a existencia humana, vos diria que ella se resume nestas duas palavras : dever e esperança.

Da philosophia da historia.

A vida da humanidade se compõe de um certo numero de grandes acontecimentos que se succedem, mas cada um dos quaes, considerado em si mesmo, forma um todo distincto, um drama mais ou menos longo que tem seus começos, progresso e fim. Estes differentes dramas são as differentes phases da humanidade. Traçar cada uma dessas épocas he a funcção da historia. O objecto proprio do historiador he o estudo de factos particulares dos quaes tenta descobrir o encadeamento e as justas causas ; he sobretudo á indagação e ao exame destas causas que o historiador deve entregar-se, se quizer tratar de seu assumpto e só de seu assumpto. Se elle transpozer este circulo, cahe nas vagas generalidades; suas reflexões, para se applicar, a tudo a nada se applicam, e sua obra carece de caracter. De outro lado, as cores do historiador, isto he, o modo porque descreve os acontecimentos, devem ser, como suas ideias, isto he a maneira porque as explica, particulares e locaes, pois que ellas se referem a alguma cousa del particular ; encarregadas de dar vida ao passado e reproduzir a realidade ellas devem ser marcadas com o que constitue a realidade e a vida ; devem ser individuaes e determinadas. Só assim he que ellas serão brilhantes e fortes e naturaes ao mesmo tempo, e que o historiador poderá ser pintor e poeta sem afastar-se de seu assumpto, sem faltar á gravidade de suas funcções, ou antes não perdera absolutamente de vista suas funcções e seu assumpto.

Assim a musa da historia percorre os tempos e vai de gerações em gerações, de épocas em épocas, reproduzindo os successivamente com fidelidade e revelando as causas que, em tal época, prepararam taes acontecimentos, e lhes imprimiram taes caracteres. A historia explica e pinta. Mas quando ella houver explicado e pintado todas as épocas da humanidade umas após outras, esses quadros e essas licções não terão desenhado e esclarecido senão uma succesão de cousas particulares, esta successão forma um todo que se chama ordinariamente a historia universal. Mas será bem isto uma verdadeira historia universal ? Ou será a idea de universalidade n'uma simples collecção mais ou menos consideravel ? Ou a unidade n'uma multiplicidade mais ou menos extensa ? Eu hei lido todas as historias ; sei tudo que se passou entre os homens ; sei o que teem sido Roma, a Grecia, a Judea, o Egypto, e a India; conheço a media idade e os tempos modernos : nenhum povo me he desconhecido ; nenhum acontecimento me escapou ; mas em ultima analyse o que sei eu ? Que a humanidade tem agora tal idade, que experimentou diversos accidentes mais ou menos notaveis, aqui por tal causa, alli por outra. A historia devia me ensinar tudo isso, e ella m'o ensinou ; ella cumprio sua missão. Mas resumiram-se nisto as minhas necessidades, não terei eu nada mais que saber e indagar sobre a humanidade e o mundo ? Vós fizestes deslisar-se a meus olhos o rio do passado ; haveis-me feito conhecer os paizes que elle ha já atravessado, as margens que devorou, as tempestades que impolaram-lhe as ondas, emfim a historia de seu curso, a mim que elle deve emgolir como o fez com os meus predecessores. Mas qual he pois a natureza do movimento que o leva, e qual o fim a que se encaminha ? Porque he seu curso agora mantempestuoso? Suas irregularidades não podem ser sujeitas a alguma regra. Não teem leis os seus movimentos ? Sua existencia mesma não terá sua razão ? Eis o que quero saber, o que me importa saber ; por quanto de outra sorte eu nada sei, não vejo de todos lados senão acontecimentos insignificantes e os brincos accidentaes de um destino caprichoso. Ora, o que he a sciencia do accidental, do passageiro, do ephemero ?

Mas o accidente, dir-se-ha, he precisamente o real? Certamente ; mas o real não he o verdadeiro. O real não entra no conhecimento senão por sua relação com a verdade que reflecte e com a qual elle he conforme. Acima do real está sua razão de ser ; este mundo que passa contem um que não passa, e que constitue a essencia, a verdade e a dignidade do outro.

Conhecer o verdadeiro totalmente só he impossivel, pois que para se chegar ao verdadeiro deve-se passar pelo real ; conhecer o real só he insufficiente, não sendo o real senão a manifestação mais ou menos fiel do verdadeiro ; tomar a manifestação, a imagem, o symbolo, o signal, pela cousa significada, pela propria verdade, he um erro grave e muito commum, e em que se cahe quando se estuda ou se descreve a parte visivel e sensivel das cousas humanas, sem remontar a sua razão e a seu verdadeiro typo. Illustres historiadores que immortalisastes as aventuras e as leis de algumas povoações da Grecia vossas pinturas são brilhantes, vossas ideas assás profundas ; vós me transportaes a praça de Athenas, ou de Corcyro, aos bellicosos campos da Attica e da Laconia ; vos me mostraes assim o que perdeu Athenas e fez triumphar Lacedemonia ; mas, depois de tudo, o que he uma nação de mais ou de menos na humanidade ? O que he esta Athenas, esta Lacedemonia, no seio da civilisação geral ? São phenomenos fortuitos e arbitrarios, produzidos e destruidos pelo acaso ? Ou então tinham essas cidades seu papel, que desempenhar, e representavam ellas alguma idea no theatro da vida universal ? Esta seria a idea que se tratava de determinar ; seriam as diversas ideas representadas pelos differentes povos que era mister attingir e desembaraçar, seria esta a verdadeira historia interior da humanidade, a qual seria para a outra historia o que a chimica he para as simples percepções dos sentidos. Os historiadores descreveram a realidade, e de alguma sorte o exterior da vida : essa descripção he a historia propriamente dita, que tem sem genio e suas regras á parte.

He necessario que a historia seja o que deve ser e que se contenha em seus proprios limites, que são aquelles que separam o mundo dos factos do mundo invisivel das idéas. Este ultimo mundo domina sobre o primeiro, nelle se reflecte e se realisa ; elle o segue em todos os seus desenvolvimentos, em todas as suas revoluções ; a marcha de ambos he relativa e parallela ; elles se tocam e se ajustam por todos os pontos. Se um tem seus observadores e historiadores, porque razão o outro não terá tambem os seus? Porque razão, assim como se narra os acontecimentos que compõem a vida do genero humano, não se restabelecera entre esses acontecimentos, arbitrarios em apparencia, a ordem verdadeira que os explica, referindo-os ao mundo de que elles fazem parte? Tal seria a sciencia historica por excellencia, a qual teria seus começos e progresso como todas as outras sciencias racionaes de que se compõe a philosophia. Aquella seria talvez a mais difficil, mas he ella menos importante, e he essa uma razão valiosa para ser interdicta á intelligencia humana, e não se ousar discuti-la.

A philosophia da historia foi ignorada dos antigos, e devia se-lo, porque os antigos não tinham visto bastante para serem importunados da importuna mobilidade do espectaculo e da esteril variedade dessas frequentes catastrophes que não parecem ter outro resultado senão uma mudança inutil na face das cousas humanas. Mas jovens, e em geral mais serenos e mais calmos que os de hoje, os antigos pouco se queixavam da sorte, porque ella não os ferira com golpes tão terriveis e tão multiplicados. Quanto a nós, que vimos passar esta nobre antiguidade, e que a tempestade perpetua das revoluções precipitou successivamente em situações tão diversas ; que vimos cahir tantos imperios, tantas ceitas e tantas opiniões ; que nos arrastramos de ruina em ruina para as que hoje habitamos sem alli podermos repousar, nós outros modernos somos cançados desta face do mundo que incessantemente varia ; e era natural que acabassemos por perguntar o que significam esses jogos que tanto mal nos causara; se o destino humano no meio das revoluções que o abatem fica o mesmo, ganha ou perde, avança ou retrograda, porque ha revoluções, e o que ellas roubam e o que trazem ; se ellas tem um fim, se teem alguma cousa de serio em todas essas agitações e na sorte geral da humanidade. Todas estas questões, quasi desconhecidas da antiguidade, começam a perturbar os espiritos e agitar todas as cabeças pensadoras.

Todos não dão a razão desta agitação interior ; mas poucos são os homens conspicuos que a não experimentem ; poucos ha que não revolvam, sem saber muitas vezes, no fundo d'alma, estes sombrios problemas, e alguns ha até que os resolvam á certo ponto desta ou daquella maneira.

Uma doutrina ergueu-se no meado do ultimo seculo, vasta como o pensamento do homem, brilhante como a esperança, ao principio acolhida com enthusiasmo, hoje muito desamparada, doutrina que será sempre o asylo das almas de escolha. Turgot, que trouxe-nos a doutrina da perfectibilidade humana, introduzio-a sem estabelece-la ; e quanto ao homem celebre que sób a espada revolucionaria, nella achou a consolação de seus ultimos momentos, seus pensamentos, consagrados de alguma sorte pela religião da morte, são mais altos que exactos, e mal resistiriam a um exame um tanto severo. Condorcet não conhece assás os factos passados, e os lança facilmente em classificações arbitrarias que a menor critica despedaçaria. O objecto que elle assigna ás solicitações e a marcha do genero humano se resente da triste philosophia de seu tempo : este fim he quasi todo material, ao mesmo tempo que chimerico. Condorcet nos promette uma vida mais longa sobre a terra ; porém não he a duração, he a dignidade da vida que lhe da todo o valor, e a immortalidade por si só não vale uma hora de virtude. A felicidade não he por certo para desprezar, he permittido, he justo e até necessario buscar alcança-la; mas he o aperfeiçoamento de nosso ser, de todas as nossas faculdades e sobre tudo das moraes, que he o verdadeiro fim de nosso destino [illegible] grandeza typo de todas as outras grandezas ; a lei suprema sobre que se ajustam se apreciam todos os movimentos humanos, o fio que nos póde conduzir no labyrintho da historia, a estrella que illumina e guia a humanidade.

(*Journal des Debats.*)

VARIEDADES.

ADEVINHAÇÃO ROMANTICA.

O espirituoso folhetinista da *Independencia Belga* narra a historia de um processo celebre que vai intentar-se em Paris, no qual faz figurar personagens que diz serem portuguezes, mas cujos nomes e titulos são desconhecidos. Será um *canard*, ou uma historia verdadeira com nomes suppostos ? Não sabemos ; como he curiosa ahi a damos :

« Em breve será levado perante os tribunaes civis um processo singular. Os incidentes que lhe deram causa são tão romanescos que vão além do que poderia imaginar o mais atrevido romancista. Eis aqui os factos que succederam em Portugal, ha poucos annos ; o desenlace em breve terá lugar em Paris.

« O marquez d'Evora-monte (quem será este marquez ?) apaixonou-se por D. Michaela Praxedes, esposa de um seu compatriota, com quem travara relações em Paris em 1846. O marquez era moço, solteiro e muito rico. Praxedes marido de Michaela fez uma demorada viagem ao Brasil, durante a qual ella deu á luz um filho. Evora-monte jurou que nunca casaria, e que o filho da mulher que amava seria herdeiro da sua immensa fortuna. Logo depois do seu nascimento se encarregou da sua creação e educação, e quando Praxedes voltou do Brasil, Michaela ia ver a occultas o mysterioso fructo dos seus amores com o marquez. Passaram-se alguns annos, durante os quaes nada occorreu de extraordinario.

« Porém, o que ha mais curioso na historia he o seguinte : Evora-monte andava mui desgostoso, lembrando-se de que esse filho não poderia usar do seu nome ; porque a lei he inflexivel para as adopções desta natureza.

« Resolve-se a embarcar para Portugal, dirige-se a Lisboa, onde se demora poucos dias e parte logo para Coimbra, capital da Beira, onde possuia uma grande propriedade, na qual residia a sua já idosa mãi. Esta, em 1807, época da invasão franceza, emigrara com a côrte para o Rio de Janeiro, e só voltara com D. João VI em 1816 (alias 1821), indo residir para a sua quinta do Vouga.

« O marquez, em Lisboa, fez correr entre a fidalguia que ia em breve desposar uma mulher de nome obscuro, o que muito sorprendeu os seus amigos, porque eram sabidas as relações que tivera com Michaela, e quaes haviam sido as suas consequencias. Porém, ao mesmo tempo o marquez passava por ter um caracter original, e como todos desejavam conhecer o segredo deste enygma matrimonial, muitos fidalgos se dirigiram a Coimbra, onde constava que deveria celebrar-se o casamento a que todos estavam anciosos de assistir.

« No dia aprazado, a igreja de Santo Antonio (não ha em Coimbra igreja deste orago) estava pomposamente decorada para a ceremonia ; os sinos tocavam, as luzes estavam accesas, o clero revestido com as suas vestes festivaes, e o templo cheio de curiosos vindos de Lisboa e de todos os fidalgos das circumvizinhanças. Pára á porta da igreja uma carruagem com as armas do marquez, trajando os lacaios a sua libré. Foi o marquez o primeiro que se apeou, vestido á côrte. Os curiosos estavam impacientes por conhecerem a noiva ; dous lacaios, dirigidos por um individuo de respeitavel aspecto, se approximam da portinhola, e segundo as ordens do marquez, ajudam com attenciosa solicitude a apear-se uma menina pallida, de morbido aspecto, em traje nupcial que os lacaios vão amparando até ao altar onde a sentaram n'uma estofada cadeira. Esta mysteriosa e dolente creatura era a futura marqueza d'Evoramonte. Quem era ella ? Donde vinha ? Ninguem sabia dize-lo.

Um só homem podia descobrir quem era esta noiva singular do amante de D. Michaela Praxedes. Esse homem era o medico que assistia á ceremonia nupcial, o qual poderia dizer que poucos dias antes um individuo, que ao principio não quizera declarar o seu nome, viera procura-lo ao hospital dos Apostolos, e que ambos tinham tido uma pratica mysteriosa que pode resumir-se no seguinte dialogo :

— Por ventura ha no vosso hospital alguma rapariga que possa sahir, mas que esteja infallivelmente condemnada a morrer ?

— Ha sim... a filha de um official carlista, que não tendo meios para trata-la a confiou aos meus disvelos.

— A filha de um official ? Como se chama, e que idade tem.

— Chama-se Xaviera Mondego ; e tem 25 annos.

— Qual he a sua molestia ?

— Phtysica pulmonar.... Não vive mais de seis mezes.

— Farei com que falle ao pai dessa rapariga ; eu sou o marquez Amelio de Evora-monte : tenho cem mil cruzados de renda : quero pedir a mão de Xaviera.

O medico julgou ao principio que fallava com um doudo ; porém, algumas explicações lhe fizeram comprehender que o marquez estava no seu juizo e que se tratava de uma resolução calculada e bem fundamentada. No dia seguinte o marquez fallou ao pai e encontrou-se com a filha.

Desposando o marquez a Xaviera Mondego, perfilhavam *seu filho* João Amelio, que contava seis annos : a esposa iria logo viver em companhia da mãi do marquez, e o velho Mondego receberia uma pensão que tornaria dez vezes maior a sua insignificante fortuna. O pai e a filha consentiram em tudo : celebrou-se o casamento, e concluida a ceremonia, a marqueza foi levada por seu marido para a quinta do Vouga, a velha marqueza ficou sorprendida, porque de nada sabia. O marquez no mesmo dia partio para Lisboa, e ahi embarcou para Paris, onde apenas chegou foi procurar Michaela, e lhe disse :

— O nosso filho usará do meu nome, está legalisada a sua filiação : gozará dos meus milhões e dos meus titulos ; daqui em diante podemos ama-lo sem constrangimento.

Passaram se dous annos de ventura para o marquez e para Michaela.

Certa manhãa em que Michaela fôra visitar seu filho, um criado annunciou a senhora marqueza de Evora-monte.

O excellente clima da provincia da Beira, os disvelos com que a tratara a sua sogra na quinta do Vouga, a satisfação de passar das agonias do hospital aos deleites da fortuna, tudo contribuira para restituir a saude a Xaviera. Descobrira ella o mysterio da sua sorte venturosa, mas não quiz sujeitar-se a viver exilada das grandezas a que tinha direito, por isso resolveu-se a vir reclamar a parte que lhe competia ao lado do marquez, e se este não annuisse a isto então pedir-lhe o *seu* filho.

O marquez recusa entregar João Amelio, e he este o assumpto do processo que dará lugar a acaloradas e singulares discussões, de sorte que occupará um lugar distincto entre as causas celebres.

Eis a historia que o folhetinista diz que tem *mais de verdadeira que de verosimil.*

(*Jornal do Commercio* de Lisboa.)

NAVIO-CALORICO DE ERICSSON.

O *Capitão* João Ericsson, cujo nome acaba, tão de subito, de grangear mui grande celebridade, não era já desconhecido no mundo scientifico. Nasceu na Suecia no anno de 1803, e conta, por consequencia, actualmente 50 annos de idade. Mostrou, desde a infancia tão manifesta propensão para a mechanica, que o conde Platen tomou por elle o mais vivo interesse, alcançando lhe, quando apenas tinha 9 annos, o grão de cadete no corpo de engenharia do exercito sueco.

Aos 13 annos já o protegido do conde tomava parte nos trabalhos de nivelação, e nos estudos feitos no canal que devia communicar o Baltico com o mar do norte. Logo depois entrou M. Ericsson no exercito de linha, obtendo ahi o posto de capitão. Nunca pertenceu a marinha. Dedicava ao estudo todos os momentos que a vida militar lhe deixava livres, e não tardou muito que se não consagrasse inteiramente a elle. Deixou o exercito em 1826, passando a Inglaterra com o designo de propor aos capitalistas e engenheiros a feitura de uma machina da sua invenção, denominada *machina de chamas*, para substituir a machina de vapor por agua. Tavlez seja este o germen que produzio o invento que hoje admiramos.

Em 1829 concorreu elle ao premio offerecido pela companhia do caminho de ferro de Liverpool a quem constituisse a melhor locomotora. A de M. Ericsson, que funccionou nas experiencias feitas, com a admiravel velocidade de 50 milhas por hora, foi honrosamente mencionada, porém não obteve o premio, qual como se sabe, foi conferido ao illustre Stephenson, pelo seu foguete.

Em Inglaterra, e no anno de 1833, he que o capitão Ericsson traçou o primeiro modelo da machina calorica, em que já pensava havia muitos annos. Este modelo, que prendeu a attenção do mundo scientifico, era pequeno, tendo apenas a força de cinco cavallos. Uns o admiravam de boa fé, e outros (e por desgraça do inventor figuravam, ao que parecia, entre elles homens, cuja opinião era então de muito peso, como Brunel e Faraday) condemnavam até o principio em que assentava a machina. He certo que encomiavam as engenhosas combinações com que o capitão Ericsson lograra vencer difficuldades, que, até ahi, se julgavam, insuperaveis ; mas declaravam, ao mesmo tempo, que a sua machina não podia ter conveniente applicação, nem produzir jamais grandes velocidades, porque exigia apparelhos de uma perfeição quasi impossivel, e de dimensões impraticaveis na industria para as grandes potencias : e concluiam dizendo que, calculando por uma e outra parte as vantagens e desvantagens, a antiga machina de vapor conservava, para todas as necessidades, e sob todos os aspectos, incontestavel superioridade sobre o novo systema.

O capitão Ericsson, elogiado por toda a parte, via que na ultima tentativa se lhe haviam mallogrado as esperanças, e que não tinha exito favoravel as negociações que entabolara com o almirantado para a construcção de um barco provido com a machina da sua invenção. Nem por isso abandonou o seu pensamento, mas perdendo a esperança de o applicar á Inglaterra partio para os Estados-Unidos.

Tambem encontrou ahi grandes embaraços, e foram precisos vinte annos de perseverança, para sahir bem triumphante, e ver uma embarcação, armada com a sua machina, fender as aguas da bahia de Nova York. Vieram em seu auxilio os grandes progressos que, neste espaço, fez a arte da construcção de machinas, e mais que tudo (força he dize-lo em honra delle), o credito que lhe haviam grangeado muitos inventos uteis, independentes do systema a que, de hoje em diante, ficará ligado o seu nome, provando a fecundidade do seu engenho. Deu elle tambem nome a um modelo de helice, muito estimado além do Atlantico ; inventou um apparelho de ventilação para as forjas ; e fez as carretas das peças de artilharia da fragata de vapor anglo-americana *Princeton*.

Esta embarcação não sahio bem, mas nem por isso são menos admiraveis as combinações mechanicas a que recorreu o capitão Ericsson, para tornar possivel o manejo das enormes boccas de fogo, que guarnecem as baterias da dita fragata. Na grande exposição de Londres, em 1851, foi o capitão Ericsson quem apresentou maior numero de objectos, na galeria destinada aos productos dos Estados-Unidos. Havia, entre estes, um instrumento, por elle inventado, para calcular as distancias no mar, outro para medir a pressão dos fluidos, um barometro de alarme, um byrometro, uma sonda, um modelo de machina de gaz, etc. Estes trabalhos assentaram em base solida a reputação do capitão Ericsson, grangeando-lhe a confiança de alguns capitalistas, que (honroso he isto para elle), arriscaram parte de sua fortuna, a bem da machina de que se trata. Fora grave injustiça não fazer aqui menção dos seus nomes, e são : Mrs. John Kiching, W. Stoughton, e B. Lamar, de Nova York.

O que caracterisa o invento do capitão Ericsson não he o descobrimento de um principio novo na sciencia, mas o ter achado meio de usar praticamente da propriedade que possue assim o ar atmospherico como os demais gazes, propriedade conhecida ha muitos seculos, de dilatar-se por meio do calor. O que especialmente constitue a originalidade e merito do novo systema he que a machina do capitão Ericsson, ao contrario da machina de vapor commum que a cada movimento do embolo perde, pela condensação, grande parte da força que produzio para o dar, emprega como uma cadeia o interminavel chalorico de que precisou para imprimir o seu primeiro movimento ; e posta em acção exige proporcionadamente pouco alimento para compensar as perdas occasionadas pela irradiação.

Em theoria precisaria tão sómente ministrar á força expansiva do ar, por cada movimento do embolo, um supplemento de 5 Fahr. de calorico (56° 66 cent.) ao passo que a machina de vapor em actual exercicio, carece de cada vez, para produzir o mesmo effeito, nova quantidade de agua a 100° pelo menos, que o condensador tem que reduzir quasi instantaneamente. Esta particularidade distinctiva da machina do capitão Ericsson colloca-a, entre as machinas, em lugar superior ás invenções do seu genero, tornando-a mais util do que qualquer outra por causa da economia de combustivel que necessariamente resulta do seu modo de operar. Sabemos que a machina calorica possue estas vantagens, mas como ainda a não vimos não nos he facil entrar a sua descripção, e deveramos ceder de tal tarefa se não contassemos para isso com mais auxilios do que as informes narrações que fazem os periodicos americanos dos ensaios de Ericsson na bahia de Nova-York. Umas são escriptas por pessoas pouco competentes, e outras por homens, ainda que peritos no assumpto não muito costumados a manejar a penna com rapidez, escrevendo, por isso, sem a sufficiente clareza, e a necessaria extensão por precisarem concluir em tempo breve e determinado. Porem alguns dias antes destes ensaios, e como que para sobre elles chamar a attenção do publico, appareceu na *New-York Daily Tribune* uma descripção extensa e conscienciosa de uma machina calorica da força de sesenta cavallos de que ha um anno se fazia uso em Nova-York, nas fabricas de Mrs. Hogg, e Delamater constructores da machina de Ericsson, e que até então havia sido subtrahida á curiosidade publica com o maior cuidado. Pelo que se deduz de certas palavras, o autor do artigo de que se trata não só foi indiscreto, como que tambem recebeu auxilio para o seu trabalho do mesmo capitão Ericsson. Seja como for, o que não entra em duvida he, que esta machina só faz differança da que tem o barco *Ericsson* nas dimenções, e a descripção que della se tem feito, ainda que em alguns pontos incompleta, porque se nos não diz qual he a extensão dos embolos, qual a capacidade dos depositos do ar, nem como se emprehende, ou demora o movimento, etc. etc. Comtudo, considerando-a como exposição de systema, não deixa de ter bastante clareza, e copia de particularidades.

Esta machina, diz o *New-York Daily Tribune* compõe-se de quatro cylindros. Dous de 72 polegadas de diametro cada um, estão collocados um ao lado do outro, tendo cada um delles sobreposto a si outro cylindro menor. Com cada um destes cylindros joga um embolo, achando-se os quatro ramos ligados dous a dous, para que os seus movimentos sejam perfeitamente iguaes. Debaixo dos dous cylindros inferiores ha dous fornilhos, e não se precisa de mais, e nem de caldeiras e agua.

O cylindro inferior que he o maior chama-se cylindro de acção (work cylinder) e o outro cylindro auxiliar (supply cylinder). Quando o embolo desce no cylindro auxiliar, as valvulas collocadas na extremidade superior se abrem, e enchem de ar frio, e quando se levanta as valvulas se fechem, e o ar que não pode tornar a sahir pela mesma via passa por outra serie de valvulas para um recipiente, donde se transmitte ao cylindro da acção para de novo levantar o embolo. Quando sae do recipiente para exercer esta funcção atravessa o regenerador, apparelho que em breve descreveremos alcançando ahi a temperatura de 450° Farh. (213 cent.) recebendo ao entrar no cylindro de acção um auxilio de calorico do fogo que existe debaixo deste cylindro.

Dissemos que o diametro do cylindro de acção he maior que o do cylindro de auxilio. Supponhamos, por exemplo, que tem outra tanta superficie ;—resultará dahi que a quantidade de ar frio, ministrada pelo cylindro auxiliar, não passará de metade da do outro.—Tem-se, porém, dito que dissemos, que antes de chegar alli passava por um regenerador, e que ao entrar no cylindro de acção tinha a temperatura de 480°.—Pois bem, esta temperatura duplica com o volume de ar atmospherico ; logo a quantidade do mesmo ar, contida no cylindro auxiliar, pode encher um cylindro de dobrado volume, sendo com esta capacidade que entra no cylindro de acção.

Supponhamos tambem que a superficie do embolo deste cylindro he de mil polegadas quadradas e de quinhentas sómente a do cylindro auxiliar. O ar pesa sobre este ultimo com uma força de pressão, que calcularemos na razão de 11 libras por polegada quadrada, isto he, em 5,500 libras. Porem este ultimo ar quando está quente, pesa sobre a superficie do embolo inferior com uma força igual por polegada quadrada, ou n'outros termos, como o seu volume he duplicado com o total de 11.000 libras. Ha, pois, um producto de força tal, que depois de levantado o embolo superior, ainda fica um resto de 5,500 libras, sem metter em conta os attritos. Este excesso representa a força de acção da machina, e facilmente se conhecerá que uma vez posto o embolo em movimento deve funccionar emquanto o cylindro de acção tiver o calor sufficiente para dilatar o ar na necessaria proporção, porquanto, não se alterando a proporção entre a superficie dos dous embolos, e podendo exercer-se sobre cada um delles uma pressão igual por polegada quadrada, o embolo do cylindro maior não deixará de determinar o movimento do menor, assim como o peso de dous arrateis posto na concha de uma balança, faz subir a concha opposta, se nella não houver mais do que um arratel de contrapeso. Tal he em resumo o modo como funcciona a machina calorica.

A parte mais curiosa desta machina he o regenerador, apparelho assim chamado por Mr. Ericsson. He sabido que nas machinas de vapor a potencia resulta do calor gasto para produzir o vapor nos cylindros, e que este vapor he destruido pela condensação immediatamente depois de haver operado no embolo. Se o calorico gasto na producção deste vapor em lugar de se perder fosse restituido aos fornos, e novamente aproveitado em aquecer as caldeiras, depois de obtida a pressão, só se precisaria do combustivel necessario para substituir o calorio perdido pela irradiação. A condição da volta, e uso quasi indefinido do calorico he a que o regenerador veio realisar. Compõe-se este de uma especie de discos de metal, postos um ao lado dos outros n'uma largura transversal, de um pé pouco mais ou menos. Dirigido o ar atravez do grande numero de conductos formados pelas interseções de todos os fios que compõem os discos antes de chegar ao cylindro de acção, divide-se em moleculas tão pequenas, que todas devem por-se em contacto com o metal do tecido. Supponhamos, como na realidade succede que a extremidade do regenerador que toca no cylindro de acção se acha n'uma temperatura elevada: o ar antes de entrar no cylindro atravessa esta substancia aquecida, recebendo na passagem, segundo uma indicação thermometrica uns 450° de calorico dos 480° de que precisa para duplicar o seu volume de dilatação. Os 30° que faltam obtem-se pelo fogo que se conserva debaixo do cylindro.

Dilatado o ar o embolo ha de subir, alcançado este resultado abrem-se umas valvulas ; o ar quente comprimido sahe do cylindro, passando ao regenerador, que deve atravessar antes de deixar a machina. Já dissemos que a extremidade deste apparelho, proxima ao cylindro, se acha em certa temperatura elevada : devemos accrescentar que a outra extremidade está fria, pelo ar que recebe a cada acção do embolo, o cylindro auxiliar. Por outra parte, á medida que o ar vindo do cylindro de acção atravessa o regenerador, os fios do tecido metalico absorvem com tamanha energia o seu calorico, que apenas ficam nos 30° quando sahe do regenerador. N'outros termos : o ar antes de entrar no cylindro de acção recebe do dito apparelho uma quantidade de calorico de 450°, e ao sahir do cylindro restitue ao regenerador o calorico adquirido, e isto indefinidamente ; de sorte que ao fogo mantido debaixo dos cylindros só resta subministrar os 30° de que se faz menção, e compensar a perda do calor irradiado.

O regenerador junto á machina de força de 60 cavallos que examinamos, tem no interior 26 pollegadas de alto, e outro tanto de largo. Cada um dos discos metalicos que o constituem representa uma superficie de 676 pollegadas, e o seu tecido metalico contém 10 malhas por pollegada, que, multiplicadas por 676 dão 67,600 malhas para cada disco ; e como estes são em numero de 200, contém todo o apparelho malhas 13,520,000.

Havendo tantos espaços entre os discos como ha de malhas, o numero dos intersticios pelos quaes se reparte o volume do ar sobe a mais de 27,000,000. Neste presupposto he evidente que cada uma das moleculas de que se compõe o volume de ar, se põe em contacto com uma superficie metalica que alternativamente o aquece e esfria. A extensão desta superficie, quando a queremos sujeitar ao calculo, sorprende a imaginação. O comprimento do fio empregado em cada disco he de 1,140 pés, e em todo o regenerador de 228,000 pés ou 44 milhas e meia, com o que se poderia cobrir uma superficie igual a de quatro caldeiras de 40 pés de alto e 4 de diametro ; e todavia o regenerador que offerece tão vasta superficie a' producção do calorico não occupa mais espaço que o de dous pés cubicos, isto he, menos de 11,936, do que o occupado pelas caldeiras.

Este maravilhoso meio de produzir e recobrar o calor, he um dos descobrimentos mais notaveis que as sciencias physicas tem feito. O seu autor havia de antemão reconhecido (e esta he a base em que assenta a propriedade mais extraordinaria da machina calorica), que o ar atmospherico e os demais gazes permanentes podem alcançar a temperatura de mais de 400°, só em 001 de segundo, correndo apenas a distancia de 6 polegadas. Ericsson descobrio primeiro do que ninguem esta rara propriedade do calorico sem a qual o ar atmospherico não poderia ser empregado como potencia motriz. Facilmente isto se comprehende. O ar não póde operar sobre o embolo sem ser dilatado pelo calor ; e se esta dilatação durasse muito tempo, o movimento do embolo se effeituaria tão lentamente que delle se não poderia fazer conveniente applicação. Porém o capitão Ericsson demonstrou que o calor póde transmittir-se ao ar atmospherico, e determinar a dilatação com uma rapidez quasi electrica, sendo, portanto, eminentemente capaz de imprimir a maior rapidez em qualquer genero de machina.

Se a experiencia confirmar todas as promessas deste programma, he indubitavel que haverá uma proxima e completa revolução na marinha mercante, e de guerra de vapor e velas, considerada como arte e industria. Produzira esta revolução prompta modificação em tudo o que for transporte fluctuante, desde a mais pequena embarcação de cabotagem, até ao bordo de vapor de 160 peças : desde a galeota hollandeza, até essas nãos magnificas e alterosas, com que a Inglaterra e a America se ensoberbecem.

A causa determinante desta revolução, seria, sem contar com as vantagens da segunda ordem, a immensa economia de combustivel calculada n'uns 10 por cento, que resultaria da applicação deste systema. Esta economia, por maior que seja, não expressa todas as vantagens que a machina de Ericsson da' ás embarcações, se se attender a que na marinha a economia do combustivel dá dous resultados, igualmente vantajosos para o navegante : a diminuição da despeza da producção da força motriz, e o dispor livremente do espaço que o carvão dantes occupava. O espaço a bordo vale dinheiro, porque a mercadoria que o maritimo vende ao armador, ao negociante, he o direito de occupar por certo tempo e distancia a capacidade da sua embarcação.

Todo o barco de vapor deve, o mais breve que possa, substituir suas machinas actuaes pelas do capitão Ericsson, sendo os maior força os que mais de pressa o devem fazer. As embarcações transatlanticas de Liverpool, que teem 2,200 toneladas na linha ingleza, e 2,500 ditas na linha americana, e transportam em cada viagem de Liverpool para Nova-York um milhar de toneladas de carvão, que lhes custa uns 20,000 francos, com as machinas do capitão Ericsson, apenas careceriam de 200 toneladas, ficando reduzida a daspeza do combustivel a uns 4,000 francos, e desembaraçado um espaço de 800 toneladas, que se poderia destinar para o transporte dos viajantes e mercadorias. Para se fazer perfeita idéa do bem que se alcançaria com esta combinação, deve saber-se que a bordo das ditas embarcações nunca o preço do frete baixou de 50 francos, e esté, preço medio, na razão de 80 francos por tonelada. Do que se deduz que, avaliando só em 60 francos a vantagem que se alcança com o systema de Ericsson, daria n'uma só viagem de Liverpool a Nova-York a economia de 64,000 francos ; sendo 16,000 no combustivel, e 48,000 no augmento dos fretes. Na linha ingleza, que actualmente faz 5 ou 6 viagens por anno, a differença entre a sua receita e despeza somaria agigantadas proporções.

No mesmo caso estão os vapores de guerra relativamente as embarcações de maiores dimensões como o *Napoleão* e o *Wellington*, que tanto custam a França e a Inglaterra. Muito se tem fallado nestes dous vasos colossaes, que talvez tenham maior reputação do que merecem ; não porque se lhes attribuam qualidades que não possuam, mas porque se não tem dito o que custa a pôr em exercicio essas qualidades. Sendo admiraveis para fazer uma viagem são incapazes de sustentar uma companhia, porque

em lhes faltando o combustivel navegam necessariamente muito mal, e correm bastante perigo á menor alteração de tempo. A principal, e talvez a unica causa destes defeitos he o grande espaço que he preciso destinar nestas grandes cidadelas fluctuantes para a machina, e ainda mais para o provimento do carvão. Tudo isto se evitaria com a machina do capitão Ericsson, que reduz á quinta parte o provimento do combustivel, sem diminua a rapidez e docilidade da embarcação.

Esta revolução tambem ha de chegar as embarcações de vella da marinha mercante. O subido custo das operações na marinha de vapor he o que até agora tem conservado estacionarios aquelles; mas se este baixasse demasiadamente, e sobre tudo, se se podesse fazer uso de qualquer motor sem para isso sacrificar grande parte da capacidade da embarcação, já não estariam nas circumstancias em que actualmente se acham. A navegação a' vela, posto que seja muito mais barata do que a navegação por vapor, sempre custa alguma cousa, e as despezas que comsigo traz uma embarcação armada por este systema, poderá com o tempo superar as que faria outra provida de uma machina economica, e que faça as suas viagens muito mais rapidamente, offerecendo ao commercio a grande vantagem da regularidade de movimento. Comparando os dous systemas penderão as vantagens do lado do systema Ericsson, uma vez que se realisem as esperanças que se tem concebido.

Realisar-se-hão estas? Eis a principal questão: questão mui difficil de resolver, mas que he de receiar se decida desfavoravelmente, em vista dos dous ensaios ja feitos. No primeiro o *Ericsson* descendo a bahia de Nova-York, navegou na razão de quatorze milhas por hora; mas infelizmente ninguem disse ainda qual foi a sua velocidade na volta, tendo-o favorecido na ida a maré, e uma forte briza de oeste. Como póde calcular-se o augmento de velocidade que se deveu a estes dous poderosos auxiliares, cuja força he tão difficil de medir? As discussões a que este assumpto tem dado margem resolveram os proprietarios do *Ericsson* a fazer um ensaio em aguas pacificas; mas desta vez apenas se obteve a velocidade de nove milhas. A parte telegraphica de Boston, que nos deu conhecimento deste resultado, dizia, he verdade, que a machina só tinha nesta occasião, operado com metade da sua força; mas outros dados mais seguros que depois vieram rectificaram esta phrase. O capitão Ericsson estando a bordo, não dissera que a machina só tinha empregado metade da sua força, antes sinceramente confessou que ella produzira todo o seu effeito util, accrescentando apenas que este effeito se duplicaria se os cylindros fossem de 16, em vez de 14 pollegadas de diametro. A phrase havia sido mal interpretada. Julgando por estas duas experiencias estamos quasi tentados a acreditar que a machina de vapor não desceu ainda do seu throno, ao menos no tocante a grande velocidade. Fóra, comtudo, injusto affirmar que a machina do capitão Ericsson não he capaz de produzir maior velocidade do que a obtida na primeira embarcação a que foi applicada; e seria uma temeridade concluir, que até com as suas actuaes condições não póde ella vir a occupar um lugar importante. As experiencias actualmente feitas com a navegação por vapor em grande escala nos correios estabelecidos entre Inglaterra, Cabo da Boa Esperança, Calcuta' e Australia, produziram resultados que mallograram muitos calculos, deixando antever novos horisontes. Não he, pois, impossivel ainda supposto o caso de que a machina do capitão Ericsson não possa produzir a potencia, nem a velocidade de uma machina de vapor ordinaria, que ella seja empregada, attentas as vantagens particulares que possue nas extensas linhas e trajectos. Questões são estas que só o tempo ha de resolver; mas qualquer que seja a sua solução nunca o capitão Ericsson deixara' de merecer o apreço a que tem jus o seu engenhoso espirito e a sua animosa perseverança. (*Gaceta de Madrid.*)

(*Diario do Governo de Lisboa.*)

COMMERCIO.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 17	254:314$366
Idem do dia 18	9:761$723
	264:076$089

Descarregam hoje 19 de dezembro.
Barca ingleza—*Enthusiast*—mercadorias.
Barca ingleza—*Eliza Hands*—idem.
Brigue sueco—*Prins Oscar*—taboado.
Patacho hollandez—*Bernardus*—genebra.
Hiate americano—*Rosamond*—farinha de trigo.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 17	64:155$451
Idem do dia 18	10:341$840
	74:497$291

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 17	3:211$934
Idem do dia 18	453$715
	3:665$649

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 17	14:874$544
Idem do dia 18	1:029$291
	15:903$835

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 17	53:238$090
Idem do dia 18	8:378$898
	61:616$988

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 18.

Baltimore—49 dias, hiate americano «Rosamond», de 130 toneladas, capitão W. E. Ellis, equipagem 6, carga 873 barricas com farinha de trigo e mais generos; a Henry Forster & Companhia.

Terra Nova—29 dias, brigue inglez «Phantia», de 201 toneladas, capitão Robert Knight, equipagem 12, carga 2,650 barricas com bacalhão; a James Crabtree & Companhia.

Idem—27 dias, barca ingleza «Meteor», de 293 toneladas, capitão James Beyd, equipagem 14, carga 3,200 barricas com bacalhão; a James Crabtree & Companhia.

Navio sahido no mesmo dia.

Bahia—Escuna brasileira «Zelosa», capitão Joaquim Antonio de Farias e Silva, carga sal e mais generos.

EDITAES.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia, manda convidar aos proprietarios abaixo mencionados, a entregarem na mesma thesouraria no prazo de 30 dias, a contar do dia da primeira publicação do presente, a importancia das quotas com que devem entrar para o calçamento da rua Direita, desde a travessa da Penha até o fim da mesma rua, conforme o disposto na lei provincial n. 350. Advertindo que a falta da entrega voluntaria será punida com o duplo das referidas quotas, na conformidade do art. 6 do regulamento de 22 de dezembro de 1854.

N. 32. Viuva e herdeiros de José Machado Freire Pereira da Silva	69$900
N. 34. Irmandade das armas do Recife	30$000
N. 36. Herdeiros de Joaquina Francisca de Araujo	114$375
N. 38. João Matheus	21$600
N. 40. Thereza Gonçalves de Jesus Azevedo	105$000
N. 42. Capella dos Prazeres de Guararapes	44$100
N. 44. Dita dita	9$000
N. 46. Dita dita	9$000
N. 48. Geraldo Pereira Dutra	21$600
N. 50. Padre Antonio José Coelho	54$000
N. 52. Capella dos Prazeres de Guararapes	15$000
N. 54. Dr. José Joaquim de Souza	71$400
N. 56. Thereza Gonçalves de Jesus Azevedo	45$000
N. 58. Irmandade do Santissimo Sacramento de Santo Antonio	54$000
N. 60. Dita dita	54$000
N. 62. Joanna Maria da Conceição	25$800
N. 64. Padre Francisco Muniz Tavares	59$400
N. 66. Antonio Luiz Pereira Bastos	63$000
N. 68. Antonio Luiz Gonçalves Ferreira	43$200
N. 70. Filhos de José Joaquim de Abreu	14$400
N. 72. José Soares Pinto Correia	10$800
» » Herdeiros de Antonio Francisco Xavier	10$800
N. 74. Joanna Baptista Pereira Parente	33$000
N. 76. Irmandade das almas do bairro do Recife	30$000
N. 78. Joanna Baptista Pereira Parente	34$200
N. 80. Herdeiros de Maria Joaquina da Annunciação	22$500
N. 82. Joanna do Rosario Guimarães Machado	75$000
N. 84. Capella de Santa Anna do Cabo	18$000
N. 86. Herdeiros de Anna Joaquina Machado	52$500
N. 88. Manoel Florencio Alves de Moraes	30$166
» » Desembargador Joaquim Teixeira Peixoto de Abreu Lima	74$834
N. 90. Viuva de José Machado Pimentel	36$900
N. 92. José Pinto da Costa	62$400
N. 94. Salvador Pereira Braga	37$800
N. 96. Antonio Maia Cortes	18$000
N. 98. Alexandre José Gomes	18$000
N. 100. Thomaz de Aquino Fonseca	59$400
N. 102. João Pinto de Lemos	21$600
N. 104. Dito dito	21$600
N. 106. Filhos de José Maria de Jesus Muniz	22$500
N. 108. Francisco Ramos Maia	18$000
N. 110. Mosteiro de San Bento	10$800
N. 112. Henrique Gibson	40$800
» » Joanna Militana de Jesus	40$800
N. 114. Herdeiros de José Maria de Jesus Muniz	23$400
N. 116. Henrique Gibson	10$800
» » Cladina Martinha do Sacramento	10$800
N. 118. Capella dos Prazeres de Guararapes	18$000
N. 120. Caetano Pinto de Veras	81$000
N. 122. Recolhimento da Gloria	21$600
N. 122. Dito dito	39$600
N. 23. Viuva de João Leitão Figueira	95$400
N. 25. Dr. Pedro Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque	60$000
N. 27. João Francisco de Carvalho Paes de Andrade	85$200
N. 29. João Mauricio Wanderley	90$000
N. 31. Ignacio Nery da Fonseca	84$000
N. 35. Joaquim Francisco de Azevedo	21$600
N. 37. Gertrudes de Barros	22$500
N. 39. Herdeiros de Maria Maxima Miquelina	36$000
N. 41. José Fernandes da Cruz	21$600
N. 43. Padre Francisco Muniz Tavares	64$800
N. 45. Antonio da Costa Rego Monteiro	46$800
N. 47. Antonio José Pinto	18$000
N. 49. Irmandade das almas do Recife	18$000
N. 51. José Francisco Pinto	18$000
N. 53. João Hermenegildo Berges Diniz	22$500
N. 55. Irmandade das almas do Recife	22$500
N. 57. Herdeiros de Francisco Casado Lima	25$200
N. 59. Ditos ditos	21$600
N. 65. Desembargador Joaquim Teixeira Peixoto de Abreu Lima	45$000
N. 67. José Fernandes da Cruz	21$600
N. 69. Capella dos Prazeres de Guararapes	22$500
N. 71. Francisca Thomazia da Conceição	28$200
N. 73. João Joaquim da Silva Maia	14$400
N. 75. Maria Umbelina Correia Parente	21$600
N. 77. Anna Joaquina dos Santos	23$400
N. 79. Luiz Francisco Barbalho	51$900
N. 81. Antonio Gonçalves de Moraes	46$800
N. 83. Dito dito	21$600
N. 85. José da Costa Dourado	52$200
N. 87. Francisco Luiz de Mello	21$600
N. 89. Viuva e herdeiros de Antonio Ignacio da Rosa	77$400
N. 91. Dita e ditos de dito	103$200
N. 93. Dita e ditos de dito	97$200
N. 95. Ordem terceira de San Francisco	21$600
N. 97. Irmandade do Santissimo Sacramento de Santo Antonio	16$200
N. 99. Bernardo Duarte Brandão	25$200
N. 101. Herdeiros de Lourenço Manoel de Carvalho	25$200
N. 103. Herdeiros de Maria Maxima Miquelina	21$600
N. 105. Francisca do Coração de Jesus	21$600
N. 107. Viuva e herdeiros de Miguel Nunes Pereira Guimarães	21$600
N. 109. Amaro José dos Prazeres	21$600
N. 111. José Fernandes da Cruz	18$000
N. 113. Viuva e herdeiros de Joaquim José Lourenço da Costa	21$600
N. 115. Filhos de José Ramos de Oliveira	40$800
N. 117. Antonio Joaquim dos Santos Andrade	34$200
N. 119. Tiburcio Valeriano Baptista	60$000
N. 121. Manoel Coelho de Moraes	50$400
N. 123. Joaquina Maria Pereira Vianna	14$400
N. 125. Pedro Alexandrino Rodrigues Lins	14$400
N. 127. Manoel Gomes da Silva	57$600
N. 129. Dito dito.	68$400
N. 131. Manoel Romão de Carvalho	60$000
N. 133. Dionizio Hilario Lopes	60$000
N. 135. Ordem terceira do Carmo	30$000
N. 137. Filhos de José Maria de Jesus Muniz	75$600
N. 139. Joaquim Lopes de Almeida	67$500
N. 141. José Martins Lopes	90$000
Rs.	4:286$175

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 11 de dezembro de 1855.—O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação*.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia, manda fazer publico, que nos dias 8, 9 e 10 de janeiro proximo vindouro vai novamente á praça para ser arrematado a quem maior preço offerecer, um sitio na estrada de Belem, com casa de pedra e cal, copiar na frente e no fundo da casa, um grande telheiro coberto de telhas sobre pilares, com bastantes fructeiras de fructo, baixa para capim, um viveiro para peixes, duas cacimbas, cercado em parte com cerca de limão e portão de madeira, avaliado em 3:375$0000, o qual foi adjudicado á fazenda provincial, por execução contra o ex-thesoureiro João Manoel Mendes da Cunha Azevedo e outros pelo alcance da mesma thesouraria.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 15 de dezembro de 1855.—O secretario,
A. F. d'Annunciação.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico, que o contrato do pedagio da barreira da Tacaruna foi transferido para o dia 20 do corrente.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 14 de dezembro de 1855.—O secretario,
A. F. d'Annunciação.

— Nos dias 15, 17 e 19 do corrente estarão em praça no paço da camara municipal desta cidade, os materiaes resultantes das ruinas do telheiro de pedra e cal, sito nas Cinco Pontas, no lugar do antigo bebedouro, servindo de base da arrematação a quantia de 30$000 rs., offerecida por José de Almeida Lima.

Paço da camara municipal do Recife em sessão de 12 de dezembro de 1855. — *Barão de Capibaribe*, presidente.—*Manoel Ferreira Accioli*, secretario.

Dr. Anselmo Francisco Peretti, commendador da imperial ordem da Rosa, juiz de direito especial do commercio desta cidade do Recife, provincia de Pernambuco por S. M. I. e C. o Sr. D. Pedro II a quem Deos guarde etc.

Faço saber aos que a presente carta virem, em como Manoel José Gonçalves me dirigio por escripto a petição do theor seguinte:

Diz Manoel José Gonçalves commerciante nesta praça, que devendo-lhe Manoel Joaquim Dourado a quantia de 530$505 de sua letra vencida em 11 de junho de 1845, Antonio Manoel Gomes de Siqueira 76$175 de sua letra vencida em 12 de outubro de 1845, José Victorino Cavalcanti 212$780 de sua letra vencida em 12 de fevereiro de 1842, Jeremias Pinto de Miranda 130$ de sua letra vencida em 3 de setembro de 1841, Antonio Martins da Assumpção 108$590 saldo de sua letra vencida em 20 de julho de 1842, Manoel Vieira da Costa 30$ de sua letra vencida em 28 de janeiro de 1847, José Correia Nogueira Paz 12$ de sua letra vencida em 28 de fevereiro de 1843, Francisco José Pavão 50$ de sua letra vencida em 27 de abril de 1846, Lourenço Antonio de Araujo 653$119 saldo de sua letra vencida em 14 de março de 1844, e mais a quantia de 300$ de uma outra letra garantida por Francisco Peres de Souza, e vencida em o primeiro de janeiro de 1845, José Manoel de Carvalho 210$ de sua letra a muito vencida, Francisco Antonio Pereira dos Santos 332$515 de sua letra vencida em 9 de janeiro de 1848, Antonio de Hollanda Cavalcanti 362$120 de sua letra vencida em 8 de maio de 1845, Manoel da Silva Couto 30$ de sua letra vencida em 16 de dezembro de 1847, João Mauricio de Mello Brunhem 832$631 saldo de duas letras vencidas, uma em 9 de setembro de 1846 e outra em 2 de fevereiro de 1847, Antonio Pinto de Miranda Seabra 796$357 de suas letras vencidas, uma em 12 de junho de 1846, outra em 29 de janeiro de 1847, finalmente outra em 29 de junho do mesmo anno de 1847, Raymundo Candido dos Passos 80$ saldo de sua letra abonada por Joaquim Alves da Fonseca e vencida em 27 de agosto de 1846, Domingos José Gonçalves 1:120$ de sua letra vencida em 4 de janeiro de 1849, Manoel Ferreira Mendes Guimarães 15$600 de sua letra vencida em 29 de outubro de 1839, José Joaquim Tavares de Abreu 33$730 de sua letra vencida em 8 de dezembro de 1845, e mais a quantia de 355$480 de uma outra letra abonada por Ignacio de Freitas Silveira Caloête e vencida em 9 de setembro de 1848, José Joaquim de Abreu Cardozo 558$080 de sua letra vencida em 5 de maio de 1851, Manoel Rodrigues Leite, Carrapateira, 131$215 de sua letra ha muito vencida, e Jeronimo da Costa Guimarães e Silva 20$ de sua ordem; e como esses debitos ha muito que se acham vencidos, quer o supplicante acautelar o seu direito, para em todo o tempo haver a importancia dos mesmos com o premio vencido, e que se for vencendo, para o que quer interromper a prescripção, protestando nos termos do art. 453 § 3 do codigo commercial, com citação dos supplicados; e porque elles se acham ausentes em lugar incerto e não sabido, requer o supplicante a V. Exc. que o admitta a justificar o exposto, e que provado quanto baste, e julgado por sentença se sirva de mandar passar carta de editos para serem citados os supplicados por todo o conteudo nesta, portanto pede ao Illm. e Exm. Sr. Dr. juiz de direito do commercio assim lhe defira.—E R. M.—Manoel José Gonçalves.

T mais se não continha em dita petição, á qual dei o despacho do theor seguinte:

Tome-se por termo o protesto do supplicante, que justificará a ausencia dos supplicados.—Recife 27 de novembro de 1855.—Peretti.

E mais se não continha em dita petição e despacho, em virtude do qual o escrivão lavrou o termo do theor seguinte:

Aos 28 dias do mez de novembro de 1855, nesta cidade do Recife de Pernambuco, em meu escriptorio veio José Theodoro Gomes, como procurador bastante de Manoel Joze Gonçalves, e disse perante mim e as testemunhas, que protrestava contra os devedores declarados na petição retro, que fica fazendo parte do presente termo, e de como assim o disse e protestou, fiz este termo, que assignou com as testemunhas abaixo assignadas.—Eu Maximiano Francisco Duarte, escrivão privativo do juizo commercial o escrevi.—João Theodoro Gomes.—José Gonçalves de Sá.—Estanislão Pereira de Oliveira.

E mais se não continha em dito termo de protesto, e tendo o supplicante produzido suas testemunhas e sendo os autos conclusos, dei a sentença do theor seguinte:

Attendendo á justificação de folhas 6 a folhas 8 verso, pela qual está provado que os individuos mencionados na petição de folhas 2 estão ausentes, em lugares não sabidos, mando que sejam citados para o fim requerido na mesma petição, passando-se carta de editos com o prazo de 20 dias e custas. — Recife 12 de dezembro de 1855,—Anselmo Francisco Peretti.

E mais se não continha em dita sentença aqui transcripta, em virtude do que o escrivão que esta subscreveu mandou passar a presente carta de editos com o prazo de 30 dias, pela qual e seu theor se chama e intima, e hei per intimados aos supplicados devedores ausentes acima declarados de todo o conteudo na petição retro e termo de protesto acima transcripto.

Pelo que, toda e qualquer pessoa, parentes ou amigos dos ditos supplicados os poderão fazer scientes do que acima fica exposto, e o porteiro do juizo affixara a presente nos lugares do costume, e será publicada pela imprensa.

Dado e passado nesta cidade do Recife aos 14 de dezembro de 1855.—Eu Maximiano Francisco Duarte, escrivão privativo do juizo commercial o escrevi.—*Anselmo Francisco Peretti*.

O Dr. Anselmo Francisco Peretti, commendador da imperial ordem da Rosa, juiz de direito especial do commercio desta cidade do Recife, capital da provincia de Pernambuco por S. M. I. e C. o Sr. D. Pedro II a quem Deos guarde etc.

Faço saber aos que a presente carta de editos virem, em como Manoel Antonio Viegas me fez a petição do theor seguinte:

Diz Manoel Antonio Viegas, morador nesta cidade, que em 30 de setembro de 1832 saccara nesta mesma cidade uma lettra da quantia de 1:464$641, com o prazo de doze mezes, contra Manoel José Ferreira Machado, que nesta mesma cidade a aceitou, e como esse debito ha muito que se acha vencido, quer o supplicante acautelar o seu direito para em todo o tempo haver a importancia da dita lettra com o prazo vencido e o que se for vencendo, para o que quer interromper a prescripção, protestando nos termos do art. 453 § 3. do codigo commercial. E porque ha muito que o supplicado se ausentara desta cidade para lugar incerto e não sabido, requer o supplicante a V. Exc., que o admitta a justificar o exposto, e que provado quanto baste e julgado por sentença, se sirva da mandar passar carta de editos para ser citado o supplicado por todo o conteudo nesta: portanto,

Pede ao Illm. e Exm. Sr. juiz de direito do commercio, assim lhe defira.—E R. M.—Manoel Antonio Viegas.

Nada mais se continha em dita petição aqui transcripta, a qual sendo-me apresentada, dei o mêu despacho do theor seguinte:

Tome-se por termo o protesto do supplicante, e justifique este a ausencia do supplicado. Recife 20 de novembro de 1855.—Peretti.

Nada mais se continha em dito meu despacho, em virtude do qual se lavrou o protesto do theor seguinte:

Aos 28 dias do mez de novembro de 1855, nesta cidade do Recife de Pernambuco, em meu escriptorio, veio José Theodoro Gomes, como procurador bastante de Manoel Antonio Viegas, e disse perante mim e as testemunhas abaixo assignadas, que protestava contra o devedor declarado na petição retro que fica fazendo parte do presente termo, e de como assim o disse e protestou; fiz este termo que assignou com as testemunhas abaixo assignadas.

Eu Maximiano Francisco Duarte, escrivão privativo do juizo do commercial o escrevi.—José Theodoro Gomes, José Gonçalves de Sá, Estanislão Pereira de Oliveira.

Nada mais se continha em dito termo de protesto aqui transcripto, e tendo produzido o supplicante suas testemunhas, foram-me os autos conclusos, e nelles dei a sentença do theor seguinte:

A vista da inquirição de folhas 4 verso, á folhas 5 verso, pela qual se mostra achar-se ausente em lugar não sabido Manoel José Ferreira Machado, mando que, para ser-lhe intimado o protesto de follias 2 verso, se passe carta de editos com o prazo de 30 dias e custas. Recife 5 de dezembro de 1855.—Anselmo Francisco Peretti.

E mais se não continha em dita sentença aqui transcripta, em virtude da qual o escrivão que esta subscreveu, mandou passar a presente carta de editos com o prazo de 30 dias, pela qual o seu theor se chama e intima e hei por intimado ao supplicado devedor ausente acima declarado de todo o conteudo na petição e termo de protesto acima transcripto.

Pelo que toda e qualquer pessoa, parentes ou amigos do supplicado o poderão fazer sciente do que ácima fica exposto; e o porteiro do juizo affixara' a presente nos lugares do costume e sera' publicada pela imprensa.

Dado e passado nesta cidade do Recife aos 10 de dezembro de 1855. Eu Maximiano Francisco Duarte, escrivão privativo do juizo commercial o subscrevi.

Anselmo Francisco Peretti.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria de fazenda, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia, manda convidar ás pessoas que quizerem contratar o fornecimento de gado a provincia do Pará para lhe apresentarem suas propostas em carta fechada, declarando o ultimo preço porque se propozerem a fornecer cada rez, e todas as mais condições do contrato.

Secretaria da thesouraria de fazenda de Pernambuco em 18 de dezembro de 1855.
O official-maior,
Emilio Xavier Sobreira de Mello.

DECLARAÇO'ES.

BANCO DE PERNAMBUCO.

O Banco de Pernambuco sacca a vista sobre o do Brasil no Rio de Janeiro. Banco de Pernambuco 5 de dezembro de 1855.—O secretario da direcção, João Ignacio de Medeiros Rego.

O banco de Pernambuco toma dinheiro a juros, de conformidade com os seus estatutos. Banco de Pernambuco 24 de novembro de 1855.—João Ignacio de Medeiros Rego, secretario da direcção.

— Pela primeira sessão da mesa do consulado provincial se faz publico aos proprietarios dos predios urbanos das freguezias desta cidade e da dos Afogados, que os 30 dias uteis para a cobrança á bocca do cofre do primeiro semestre de 1855 a 1856 do imposto da decima, principiam a ser contados do primeiro de dezembro proximo em diante, e todos os que deixarem de pagar nesse tempo incorrerão na multa de 3 % sobre seus debitos.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo tem de comprar o seguinte:

Para o presidio de Fernando.

Farinha de mandioca superior, alqueires 600, dita de trigo da marca S S S, barricas 8; assucar branco, arrobas 24; arroz ditas 10; tapiocas ditas 2; vinho tinto, medidas 40; aguardente branca, ditas 40; papel almaço, resmas 8; dito pautado, ditas 4; pennas lapis, duzias 8; canivetes finos, 6; folhinhas de algibeira do anno de 1856, 2; baetilha encarnada, peça 1; panno verde para forrar mesa, covados 9 ½; fita de retroz amarello larga, varas 12; couros de lustre, 6; pregos ripaes do reino, 6,000; ditos caixaes, 10,000.

Quem quizer vender estes objectos apresente as suas propostas em carta fechada na secretaria do conselho as 10 horas do dia 29 do corrente mez.

Secretaria do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 17 de dezembro de 1855.—*Bento José Lamenha Lins*, coronel presidente. — *Bernardo Pereira do Carmo Junior*, vogal e secretario.

Tendo-se de proceder nesta provincia a demarcação e balisamento das barras de Camaragibe, Porto de Pedras, Tamandaré ao sul e Maranguape ao norte na conformidade do disposto no aviso da repartição da marinha de 13 de novembro proximamente findo, ao qual refere-se o officio do Exm. Sr. presidente de 27 do mesmo mez, o Illm. Sr. inspector do arsenal de marinha manda fazer publico que contrata com qualquer das fundições desta cidade a acquisição das seis boias de ferro precisas para um tal fim, de conformações constantes da planta existente nesta secretaria, que será franqueada a quem queira vê-la antes do contrato; devendo este ter lugar no dia 31 do andante mez, pelas 11 horas da manhãa, precedendo as respectivas propostas entregues até esta mesma hora.

Secretaria da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco em 15 de dezembro de 1855.—O secretario, *Alexandre Rodrigues dos Anjos*.

— O Illm. Sr. inspector do arsenal de marinha, contrata com quem mais vantagens offerecer a favor da fazenda, a encommenda e compra de 4,000 barricas de bom cemento, para as obras do melhoramento da porto, vindas da Europa, e entregues no todo ou em partes nas epocas que convencionar-se, tendo lugar o contrato no dia 30 do corrente mez, pelas 11 horas da manhãa, em vista de propostas em cartas fechadas apresentadas até essa hora.

Secretaria da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco em 18 de dezembro de 1855.—O secretario, *Alexandre Rodrigues dos Anjos*.

— O Illm. Sr. inspector do arsenal de marinha, tendo precisão de contratar o fornecimento de carvão de pedra penerado de boa qualidade para os vapores da armada, por todo o tempo a decorrer até findar o corrente exercicio, manda convidar as pessoas a quem convenha dito contrato, a apresentarem as suas propostas em cartas fechadas até o dia 21 do corrente, pelas 11 horas da manhãa, acompanhadas das competentes amostras, em que tera elle lugar.

Secretaria da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco em 18 de dezembro de 1855.—O secretario, *Alexandre Rodrigues dos Anjos*.

AVISOS MARITIMOS.

Companhia DE NAVEGAÇAÕ A VAPOR LUSO-BASILEIRA.

Devendo chegar a esta até o dia 21 do corrente procedente de Lisboa o apor *D. Pedco II*, commandante o tenente Viegas do O', seguirá depoi da competente demora para a Bahia e Rio de Janeiro: os pretendentes a passagens dirijam-se ao agente Manoel Duarte Rodrigues, na rua do Trapiche n. 26.

Real companhia de paquetes inglezes a vapor.

No dia 20 deste mez espera-se do sul o vapor *Tay*, commandante Sawyer, o qual depois da demora do costume seguirá para Southampton tocando nos portos de San-Vicente, Teneriff, Madeira e Lisboa: para passageiros etc., trata-se com os agentes Adamsen Howie & C., rua do Trapiche n. 42.

N. B.—Os embrulhos que pretenderem mandar para Southampton deverão estar na agencia 2 horas antes de se fecharem as malas, e depois dessa hora não se receberá embrulho algum.

Para o Rio de Janeiro

segue com muita brevidade o brigue nacional *Flor do Ilio*: para o restante da carga e passageiros trata-se com os consignatarios, Isaac, Curio & C., na rua da Cruz n. 40.

Lisboa.

A galera portugueza JOVEN CARLOTA segue para Lisboa até 25 do corrente, tem a maior parte da carga prompta: para o resto e passageiros para os quaes tem excellentes commodos, trata-se com Novaes & C., rua do Trapiche n. 54, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

PARA A BAHIA

vai seguir muito breve a escuna brasileira *Zelosa*, capitão Joaquim Antonio de Faria e Silva, por ter mais de meia carga prompta: para o resto ou passageiros, trata-se no escriptorio dos consignatarios [illegible] Curio & Companhia, rua da Cruz n. 49.

— Para Lisboa pretende seguir com toda a brevidade o brigue escuna portuguez *Atrevido*, por ter a maior parte da carga prompta; para o resto do carregamento e passageiros, trata-se na rua do Vigario n. 19, com os consignatarios T. de Aquino Fonseca & Filho.

— Para o Ceará segue com brevidade o palhabote *Venus*; recebe carga e passageiros: a tratar com Caetano Cyriaco da C. M., ao lado do Corpo Santo n. 25.

— Para Lisboa pretende sahir com muita brevidade o brigue portuguez «Imperador» por ter a maior parte da carga prompta: para o resto da carga trata-se com os consignatarios Novaes & C., rua do Trapiche n. 54, ou com o capitão na praça.

Maranhão e Para'.

Segue em poucos dias o brigue escuna *Graciosa*; recebe carga e passageiros: trata-se com o consignatario J. B. da Fonseca Junior, na rua do Vigario n. 23.

LEILO'ES.

O agente Borja fara' leilão (ultimo deste anno) em seu armazem, na rua do Collegio n. 15, de todos os objectos existentes no mesmo, consistindo n'um grande e variado sortimento de obras de marcinaria novas e usadas, dous ricos pianos de jacaranda' de armario [illegible] ha pouco da alfandega, obras de ouro e prata, relogios para algibeira, candieiros francezes e inglezes de varias qualidades, lanternas, candelabros, vidros, louças e outros muitos objectos que fôra impossivel mencionar, os quaes se venderão sem limite de preço algum, e um escravo crioulo optimo marinheiro e muito bom cozinheiro: quarta-feira 19 do corrente, as 10 horas da manhãa.

AVISOS DIVERSOS.

— Adverte-se ao Sr. Miguel Esteves Alves, portuguez, armador, que mora na freguezia do Corpo Santo,—que o soffrimento tem seus limites—; e que se continuará a desenvolver o presente annuncio, se assim for preciso......

— O Sr. Joaquim Ignacio de Carvalho Mendonça tem uma carta na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia, e como se ignora sua morada, roga-se-lhe de a mandar receber.

— O Sr. José Francisco Bento, mestre ferreiro, queira dirigir-se a livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

CAPELLANIA.

Para um engenho a 12 leguas desta cidade precisa-se de um capellão, sabendo musica, pianno e francez, para ensinar com perfeição: o Sr. reverendo sacerdote que tiver as qualidades necessarias e quizer propor-se a isto, não só obterá paga generosa aquella que se convencionar, como recebera um tratamento digno de sua posição: annuncie sua residencia para ser procurado.

— Precisa-se de um caixeiro de idade de 12 a 15 annos: na padaria da rua da Sanzala Velha n. 98.

— Precisa-se de um trabalhador de maceira: na rua Direita n. 24, padaria.

— O Illm. Sr. escrivão da recebedoria das rendas geraes internas Manoel Antonio Simões do Amaral, haja de dirigir-se a rua do Queimado n. 14, loja, a negocio que S. S. não ignora.

— O procurador fiscal da thesouraria provincial, faz publico, que lhe foi remettida pela thesouraria a relação dos devedores de decimas da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves, dos annos que restavam liquidar de 1833 a 1852, para proceder judicialmente contra os mesmos devedores, e que por isso podem recolher a importancia de seus debitos antes de qual quer procedimento judicial com guia do mesmo procurador fiscal, que lhes será dada na sua residencia rua Nova n. 44, dentro do prazo de um mez, a contar da data deste.

Recife 12 de dezembro de 1855. — *Cypriano Fenelon Guedes Alcoforado.*

— Roubo feito na padaria da rua Direita n. 26 por uma porta travessa do corredor, as 7 horas da manhãa: um bahu' pequeno com alguma roupa do uso, um par de botins, um quarto de bilhete da segunda parte da terceira loteria do Gymnasio de n. 1811; por isso roga-se aos Srs. cautelistas que não paguem o dito quarto, o qual foi comprado na rua Direita n. 13, ao cautelista Antonio José Rodrigues de Souza Junior.

MAIA IRMA'OS.

Teem a honra de participar ao respeitavel publico que teem aberto uma nova loja e fabrica de chapéos na rua do Crespo, no sobrado novo que faz esquina para a rua da Cadeia, aonde os compradores acharão desde hoje em diante um bello sortimento de chapéos e fazendas tendentes ao mesmo estabelecimento, e por menos preço do que em outra qualquer parte, tanto em porção como a retalho, e desde ja lhe recommendam chapéos francezes de bonitas e elegantes fórmas e de boa qualidade, ditos feitos na terra de todas as qualidades de palha, seda, e montaria para senhora, de lustre para pagem, e um rico sortimento de galões finos, de prata e ouro para os mesmos; chapéos de castor francezes e inglezes, ditos de Italia para homens, meninos e senhoras, do Chile finos para homens, meninos e senhoras, bonetes de todas as qualidades, assim como se apronta qualquer encommenda tendente ao mesmo estabelecimento, e tudo por preços mais baratos do que em outra qualquer parte.

— Manoel José Leite declara que arrematou as dividas activas da casa commercial dos Srs. Silva & Araujo, e roga aos devedores da referida casa, tenham a bondade entender-se com o annunciante na loja da rua do Queimado n. 10, afim de amigavelmente saldarem seus debitos.

Aviso importantissimo para os Srs. jogadores das loterias.

O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira

avisa aos Srs. jogadores das loterias da provincia, que os preços dos bilhetes e cautelas ficam firmes como abaixo se demonstra, os quaes são pagos sem o desconto de oito por cento da lei nas tres primeiras sortes grandes em quanto existir o plano actual de 5,000 bilhetes, pelo qual são extrahidas as loterias da provincia. Elles estão expostos á venda nas lojas do costume. Só he responsavel a pagar os oito por cento da lei sobre os tres primeiros premios grandes em seus bilhetes inteiros vendidos em originaes.

Bilhetes	5$600	Recebe por inteiro		5:000$000
Meios	2$800	»	»	2:500$000
Terços	1$920	»	»	1:666$666
Quartos	1$440	»	»	1:250$000
Quintos	1$160	»	»	1:000$000
Oitavos	720	»	»	625$000
Decimos	600	»	»	500$000
Vigesimos	300	»	»	250$000

O cautelista
Salustiano de Aquino Ferreira.

Engenho Bom Jesus do Cabo.

Precisa-se de um administrador para este engenho, o qual tendo as habilitações necessarias se lhe farão vantagens correspondentes: quem se achar nestas circumstancias, queira comparecer no Mondego, em casa do commendador Luiz Gomes Ferreira.

— Aluga-se uma casa no Poço da Panella confronte a do Sr. João Francisco Carneiro Monteiro, com os seguintes commodos: 3 salas, 6 quartos, copiar e cozinha separada: quem a pretender, dirija-se a Manoel da Silva Neves, em Fóra de Portas.

— Na padaria do Saraiva, rua do Mondego n. 95, precisa-se de um amassador.

— Aluga-se para passar a festa um grande sitio na estrada de Santo Amaro para Belem, com muitos commodas: os pretendentes dirijam-se a casa junto ao sitio do Sr. major Nascimento.

— Defronte da cadeia velha alugam-se e vendem-se as melhores bichas de Hamburgo, por preço commodo.

— O abaixo assignado, testamenteiro do finado Christian Wilhelm Teodor Kohlmeyer, procedendo a inventario no es[illegible] deste, pelo juizo municipal da segunda vara [illegible] escrivão Cunha, avisa aos credores daquelle finado para trazerem seus titulos ou contas dentro em 8 dias, contados da data deste, afim de serem legalisados e attendidos: no escriptorio do Sr. Oliveira, agente de leilões.
João da Cruz Macedo.

— Aluga-se um armazem na rua da Moeda, defronte do de Tasso Irmãos, por preço commodo: a tratar na rua do Queimado n. 28, terceiro andar.

— Precisa-se de um caixeiro para loja de fazendas francezas, que seja moço e que dê fiador a sua conducta: a fallar na praça da Independencia n. 18 e 20.

— Em. Bidoulac retira-se no proximo vapor para Inglaterra, e deixa para seus procuradores no primeiro lugar ao Sr. R. Deppermann, no segundo ao Sr. O. Plessmann, e no terceiro ao Sr. H. H. Holm.

— Precisa-se de uma ama para o serviço interno de uma casa de pouca familia, ainda mesmo que seja captiva, e se for de meia idade melhor: no aterro da Boa-Vista n. 78.

— Precisa-se fallar com o Sr. Manoel José de Azevedo Santos, no pateo do Paraizo n. 10.

PEDRAS PRECIOSAS.
—
Adereços de brilhantes, diamantes e perolas, pulceiras, alfinetes, brincos e rozetas, botões e anneis de differentes gostos e de diversas pedras de valor.
—
Compram, vendem ou trocam prata, ouro, brilhantes, diamantes e perolas, e outras quaesquer joias de valor, a dinheiro ou por obras.

MOREIRA & DUARTE.

LOJA DE O[illegible]VES

Rua do Cabugá n. 7.

Recebem por todos os vapores da Europa as obras do mais moderno gosto, tanto de França como de Lisboa, as quaes vendem por preço commodo como costumam.

OURO E PRATA.
—
Adereços completos de ouro, meios ditos, pulceiras, alfinetes, brincos e rozetas, cordões, trancelins, medalhas, correntes e enfeites para relogio, e outros muitos objectos de ouro.
—
Apparelhos completos, de prata, para chá, bandejas, salvas, castiçaes, colheres de sopa e de chá, e muitos outros objectos de prata.

— Deseja-se saber onde mora um senhor que he marchante, genro do Sr. João Antonio, que vende sal, a negocio de interesse.

— O arrematante do imposto das aferições deste municipio faz certo aos donos dos estabelecimentos situados nos lugares Giquia, Barro, Peres, Tigipió até a porteira de Sant'Anna, que mandará no dia 23 do corrente mez aferir os referidos estabelecimentos, e na mesma occasião receberá a importancia do dito imposto, entregando o bilhete firmado pelo dito arrematante, tudo de conformidade com a lei; por isso se deverão prevenir para o dia indicado.

— Fugio na madrugada do dia 18 do corrente, de bordo do brigue nacional *Flor do Rio*, o escravo de nome Adrião, crioulo, de estatura alta, retinto, e tem buço; foi comprado já ha tempo ao Sr. João Patrão: quem o pegar, levando a bordo do dito brigue, ou no escriptorio da rua da Cruz n. 49, será muito bem gratificado.

Chegando ao conhecimento do publico pelo almanak do anno de 1856, que he morto o Sr. Antonio Carlos, pede-se encarecidamente a' Illm. Sra. viuva de Antonio Carlos do engenho Una de Santo Antão, de publicar por esta folha onde se acha morando, e quando pretende proceder o inventario dos bens para nelle serem contempladas as dividas passivas deixadas pelo seu muito prezado marido, afim de ser tambem pago.
Um de seus credores

— Ainda está para alugar-se as lojas da casa do largo da Trempe n. 1, com armação para taberna, com todos os seus pertences de pesos, medidas e balanças e alguns generos, que se venderão á vontade do comprador, e offerece os commodos seguintes: toda a frente da loja está completamente armada para taberna com muito asseio e com 2 portas de sahida para a rua; ao lado tem um gabinete independente da taberna tambem com porta para a rua, tanto a taberna como o gabinete tem sahida para um armazem muito espaçoso; no fim deste tem uma grande sala com porta e janella para um grande quintal que tem cacimba propria; tem cozinha separada, 2 pequenos quartos, e mais do outro lado um grande salão, que tambem tem porta e janella para o quintal, e que por isso he muito fresco; aluga-se esta grande casa por commodo preço, a quem comprar os generos existentes ou somente a armação: quem a pretender entenda-se com o morador da mesma casa no sobrado.

— O abaixo assignado pede ao Sr. cautelista Antonio da Silva Guimarães e a todos os outros Srs. cautelistas, que não paguem o quarto de n. 1737, caso saia premiado por sorte, visto ter-se desencaminhado. *Manoel de Souza Pereira Junior.*

— No engenho Conceição da freguezia do Pao-d'Alho precisa-se de um portuguez para feitor: na rua da Guia n. 64, primeiro andar, que achará com quem tratar.

— Negocia-se uma porção de cera de carnaúba por preço commodo: na rua Nova n. 35, a tratar com João Fernandes Parente Vianna.

LOTERIA DO GYMNASIO PERNAMBUCANO.

SABBADO 22 de dezembro he o indubitavel andamento da referida loteria, pelas nove e meia horas da manhãa, no espaçoso salão da rua da Praia n. 27: o resto de meus bilhetes e cautelas estão a venda nas lojas já conhecidas do respeitavel publico. --- Pernambuco 19 de dezembro de 1855. — O cautelista, *Salustiano de Aquino Ferreira.*

Loteria do Gymnasio Pernambucano.

Aos 5:000$, 2:500$ e 1:000$.

Corre sabbado 22 de dezembro corrente.

Os bilhetes e cautelas do cautelista Antonio José Rodrigues de Souza Junior, não estão sujeitos ao desconto dos 8 por cento do imposto da lei; os quaes se acham a venda nas lojas da praça da Independencia ns. 4, 13, 15 e 40, rua Direita n. 13, da Praia n. 50, do Livramento n. 30 e do Crespo n. 5. Os premios são pagos logo que saia a lista geral.

Bilhete inteiro	5$800	5:000$000
Meio bilhete	2$900	2:500$000
Terços	2$000	1:666$666
Quartos	1$500	1:250$000
Quintos	1$200	1:000$000
Oitavos	760	625$000
Decimos	640	500$000
Vigesimos	320	250$000

O referido cautelista declara que só paga nos bilhetes inteiros vendidos em originaes, os 8 por cento do imposto da lei, nos premios grandes, devendo o possuidor receber do Sr. thesoureiro o seu competente premio, que com os ditos 8 por cento recebidos do referido cautelista prefaz a sorte por inteiro, sem desconto algum.

Nossa Senhora da Conceição dos Militares.

O secretario da irmandade de Nossa Senhora da Conceição dos militares, em observancia do artigo 26 dos estatutos respectivos e de ordem da actual mesa regedora, convida a todos os senhores irmãos desta irmandade, para que se sirvam comparecer hoje, pelas 4 horas da tarde impreterivelmente, no respectivo consistorio, para a convocação da mesa geral que ha de proceder a eleição da futura mesa que tem de funccionar no proximo anno de 1856. Consistorio 19 de dezembro de 1855.—Antonio José Ribeiro de M., secretario da irmandade.

—Pede-se a Illm. direcção da companhia de Beberibe, que continue em administração a taxa dos chafarizes e bicas do Aqueducto, e muito principalmente quando a mesma tem tirado vantagem.
Um accionista.

Maia Irmão

avisam as senhoras de bom gosto que no seu novo estabelecimento da rua do Crespo que faz quina para a rua da Cadeia, ha um variado sortimento de chapeos, tanto de passeio como de montaria, de bonitas fórmas e riquissimos enfeites, assim como se vendem gorros de malha de seda bordados de diversas cores, tudo por modicos preços.

O ponto da aula do methodo Castilho.

Celebra-se na quinta-feira, 20 do corrente, as 4 horas da tarde, no sobrado junto a igreja da Conceição dos Militares, para onde fica transferida a escola. Convida para o acto aos pais dos seus alumnos. — O professor, Francisco de Freitas Gamboa.

Pastelaria franceza,

aterro da Boa-Vista n. 17.

Madama Blandin tem recebido pelo ultimo navio francez chocolate Baunilha a 1$600 a libra, dito Bagueres a 1$280, dito Bain Turc a 1$280, e um sortimento de caixinhas de confeitos.

— A taberna de Gurjahu' de cima continúa a estar sortida com um completo sortimento de molhados, fazendas e miudezas, tudo a vontade do comprador, pelo mesmo preço ou com pouca differença da praça.

— Um rapaz que dá as melhores abonações possiveis, e que escreve bem e depressa, se offerece para um escriptorio ou casa de negocio, ou mesmo para cobrança dentro da cidade: quem pretender, póde ir a rua do Cabugá n. 18, loja da esquina confronte a matriz.

— Aluga-se o sobrado de um andar e sotão, sem o pavimento terreo, da rua das Cinco Pontas n. 62 bastante fresco e com grandes commodos para crescida familia, com excellente vista para o mar e para o poente, com cacimba com excellente agua, bom, quintal, com portão para a travessa do Marisco: a tratar na travessa da rua da Concordia, rua que vai para a nova casa de detenção, ultima casa do lado direito, das 6 as 8 horas da manhãa, ou das 4 horas da tarde em diante.

— Aluga-se uma casa pelo tempo da festa, ou mesmo pelo espaço de um anno, na rua da Mangueira do Poço da Panella, com bastantes commodos e com portão ao lado da mesma para o quintal, onde tem um poço com optima agua de beber: quem a pretender, procure na rua Direita, sobrado de dous andares n. 137.

— A mesa regedora da confraria do Senhor Bom Jesus da Via-sacra, erecta na sua igreja da Santa Cruz, na Boa-Vista, tem resolvido concluir o quotidiano exercicio da Via-sacra no dia sexta-feira, 21 do corrente: nesse dia á noite será cantada solemnemente uma ladainha a N. S. da Piedade, havendo antes sermão dedicado a mesma Senhora, e recitado pelo padre mestre pregador da capella imperial João Capistrano de Mendonça, em acção de graças pelo incalculavel beneficio que nos tem feito esta virgem santissima em preservar-nos da peste devastadora que tanto ha flagellado os nossos irmãos de outras provincias. Convida, portanto, a mesa regedora aos devotos da Senhora da Piedade e a todos quantos assistiram aos piedosos exercicios que alli tiveram lugar, a assistirem a este ultimo acto de tão fervorosas preces.

— Precisa-se alugar uma ama forra ou captiva para o serviço de uma casa de pouca familia: a tratar na rua estreita do Rosario n. 12, primeiro andar.

SR. FISCAL DE S. JOSE'!

Já foi removido o montão de esterquilinos que se achava no fim da travessa de S. José, graças a Deos; mas isto não he tudo, agora pertence vos o resto que he evitar a acumulação de novo monturo; tendes soldados de policia á vossa disposição, graças as providencias do Exm. presidente da provincia; portanto postai alli uma sentinella permanente até desarraigar daquelle lugar o costume dos despejos; mas vêde que os soldados tendo a certeza de que ninguem os vigia, arribam do lugar, como ja temos observado, por isso faz-se preciso que os visiteis de quando em vez. Perdoai-nos esta importunação, Sr. fiscal, porém as circumstancias em que nos achamos exigem que não sejais negligente nestes objectos. Em tempo voltaremos a agradecer vossa solicitude, ou fazer novos reclamos conforme as cousas correrem.
S.

Carros funebres, no largo do Paraizo n. 10.

Neste estabelecimento encontram-se carros da qualidade que se exigir para defuntos, donzellas e anjos, com ricos pannos e ornatos, por preços commodos; tambem se encarrega o proprietario de agenciar attestados, licenças, guias, fornece habitos, armações, cera, musica, carros de passeio, etc., a contento dos interessados; e vendem-se mortalhas de pinho de todos os tamanhos.

— Precisa-se alugar um sobrado de dous andares ou andar e sotão, que seja em lugar fresco; ou um sitio perto da praça que sirva para uma familia estrangeira: a tratar na rua da Cruz n. 7, terceiro andar.

— Augusto Frederico de Oliveira faz publico que o Sr. José Francisco da Costa Lobo deixou de ser seu caixeiro.

— Precisa-se alugar um moleque para serviço de casa, que seja fiel: na rua Nova, sobrado n. 41, primeiro andar.

Amassador.

Precisa-se de um amassador: no pateo do Terço n. 40.

ESPARTILHOS.

Espartilhos de todos os tamanhos, chegados pelo ultimo navio francez: no aterro da Boa-Vista n. 1, loja de Madame Millocheau.

Daguerreotypo.

Na rua do Crespo, sobrado n. 19, primeiro andar, se abrio um novo estabelecimento daguerreotypo, aonde se acha um completo sortimento chegado ultimamente de Paris, dos pertences necessarios para se tirarem retratos de pessoas de todos os tamanhos e idades. Tambem se vão tirar em toda a parte aonde for chamado para esse fim, tanto de vivos como de mortos, vistas, edificios, etc.: quem se quizer utilisar, póde ir ao mesmo sobrado das 8 horas da manhãa as 4 da tarde; os preços são razoaveis.

Sorvetes.

Todos os dias de trabalho tem duas qualidades de sorvetes, servidos sem demora, as 6 horas e meia: no aterro da Boa-Vista, a segunda casa a esquerda a quem venha da rua Nova.

Historia Universal.

Roga-se aos Srs. assignantes da Historia Universal por Cesar Cantu, de mandarem procurar o final do 5.º e 6.º volumes: na rua do Collegio, livraria de José Nogueira de Souza n. 8.

CHAROPE DO BOSQUE

O unico deposito continúa a ser na botica de Bartholomeu Francisco de Souza, na rua larga do Rosario n. 36; garrafas grandes 5$500 e pequenas 3$000.

IMPORTANTE PARA O PUBLICO.

Para cura de phtisica em todos os seus differentes gráos, quer motivada por constipações, tosse, asthma, pleuriz, escarros de sangue, dôr de costados e peito, palpitação no coração, coqueluche, bronchite dôr na garganta, e todas as molestias dos orgãos pulmonares.

— O solicitador Manoel Luiz da Veiga mudou a sua residencia para a freguezia do Recife, rua da Senzala Velha n. 68, segundo andar.

CONSULTORIO DOS POBRES

50 RUA NOVA 1 ANDAR 50.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo da consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhã até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

50 RUA NOVA 50

VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo de meddicina homeopathica do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous e acompanhado de um diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc. . . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam do estudo e pratica da homeopathia, por ser a unica que contém a base fundamental d'esta doutrina—A PATHOGENESIA OU EFFEITOS DOS MEDICAMENTOS NO ORGANISMO EM ESTADO DE SAUDE—conhecimentos que não podem dispensar as pessoas que se querem dedicar a pratica da verdadeira medicina, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si mesmos se convencerem da verdade d'ella: a todos os azendeiros e senhores de engenho que estão longe dos recursos dos medicos: a todos os capitães de navio, que uma ou outra vez não podem deixar de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripulantes: a todos os pais de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar *in continenti* os primeiros soccorros em suas enfermidades.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção da medicina domestica do Dr. Hering, obra tambem util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia, um volume grande, acompanhado do diccionario dos termos de medicina . . . . . 10$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc., encardenado. . . 3$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da grande superioridade dos seus medicamentos.

PREÇOS INVARIAVEIS.

Boticas da 5ª ou 30ª dynamisação.	Menores.	Grandes.
De 12 tubos	8$000	10$000
De 24 »	15$000	20$000
De 36 »	20$000	25$000
De 48 »	25$000	30$000
De 60 »	30$000	35$000
De 144 »	60$000	

Qualquer destas boticas em tincturas, o dobro.

Cada tubo avulso	1$000
Meia onça de qualquer tinctura da quinta dynamisação	2$000
Um frasco da verdadeira tinctura de arnica	2$000

Na mesma casa ha sempre á venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, vidros para medicamentos, e aprompta-se qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

TRATAMENTO HOMEOPATHICO.

Preservativo e curativo

DO CHOLERA-MORBUS,

PELOS DRS.

CHARGÉ E JAHRR,

ou instrucção ao povo para se poder curar desta enfermidade, administrando os remedios mais efficazes para ata/ha-la, emquanto se recorre ao medico, ou mesmo para cura-la independente destes nos lugares em que não os ha.

TRADUZIDO EM PORTUGUEZ PELO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

Estes dous opusculos contém as indicações mais claras e precisas, e pela sua simples e concisa exposição esta ao alcance de todas as intelligencias, não só pelo que diz respeito aos meios curativos, como principalmente aos preservativos que tem dado os mais satisfactorios resultados em toda a parte em que elles tem sido postos em pratica.

Sendo o tratamento homeopathico o unico que tem dado grandes resultados no curativo desta horrivel enfermidade, julgamos a proposito traduzir estes dous importantes opusculos em lingua vernucula, para dest'arte facilitar a sua leitura a quem ignore o francez.

Vende-se unicamente no Consultorio do traductor, rua Nova n. 52, por 2$000. Vendem-se tambem os medicamentos precisos e boticas de 12 tubos com um frasco de tinctura 10$000, um dito de 30 tubos 20$000.

O SOCIALISMO

PELO GENERAL ABREU E LIMA.

Ainda existem alguns exemplares enquadernados e acham-se a' venda na loja de livros dos senhores Ricardo de Freitas & C., esquina da rua do Collegio, e em casa do autor, pateo do Collegio, casa amarella, no primeiro andar.

— Precisa-se de uma ama para uma casa de pouca familia: na praça do Corpo Santo n. 17.

— Novos livros de homeopathia em francez, sob todas de summa importancia:

Hahnemann, tratado das molestias chronicas, 4 volumes.	20$000
Teste, molestias dos meninos	6$000
Hering, homeopathia domestica	7$000
Jahr, pharmacopéa homeopathica	6$000
Jahr, novo manual, 4 volumes	16$000
Jahr, molestias nervosas	6$000
Jahr, molestias da pelle	8$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes	16$000
Harthmann, tratado completo das molestias dos meninos	10$000
A Teste, materia medica homeopathica	8$000
De Fayolle, doutrina medica homeopathica	7$000
Clinica de Staoneli	6$000
Casting, verdade da homeopathia	4$000
Diccionario de Nysten	10$000
Atllas completo de anatomia com bellas estampas coloridas, contendo a descripção de todas as partes do corpo humano	30$000

vedem-se todos estes livros no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso, rua Nova n. 50, primeiro andar.

CONSULTORIO CENTRAL HOMŒOPATHICO.

(Gratuito para os pobres.)

Rua de Santo Amaro, (Mundo-Novo) n. 6.

O Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho dá consultas todos os dias desde as 8 horas da manhã até as 2 da tarde.

Visita os enfermos em seus domicilios, das 2 horas em diante: mas em casos repentinos e de molestias agudas e graves as visitas serão feitas em qualquer hora.

As molestias nervosas merecem tratamento especial segundo meios hoje aconselhados pelos praticos modernos. Estes meios existem no consultorio central.

REPERTORIO DO MEDICO HOMEOPATHA.

EXTRAHIDO DE RUOFF E BOENNINGHAUSEN E OUTROS,

é posto em ordem alphabetica, com a descripção abreviada de todas as molestias, a indicação physiologica e therapeutica de todos os medicamentos homeopathicos, seu tempo de acção e concordancia, seguido de um diccionario da significação de todos os termos de medicina e cirurgia, e posto ao alcance das pessoas do povo, pelo

DR. A. J. DE MELLO MORAES.

Os Srs. assignantes podem mandar buscar os seus exemplares, assim como quem quizer comprar.

Massa adamantina.

He geralmente reconhecida a excellencia desta preparação para chumbar dentes, porque seus resultados sempre felizes são já do dominio do publico. Sebastião José de Oliveira faz uso desta preciosa massa, para o fim indicado, e as pessoas que quizerem honra-lo dispondo de seus serviços, podem procura-lo na travessa do Vigario n. 1, loja de barbeiro.

— Illm. Sr. presidente e mais membros da commissão de hygiene desta provincia.—Diz Paulo Luiz Gaignoux, dentista francez, que precisa a bem de seu direito, Vs. Ss. serem servidos examinar a preparação de que se serve para chumbar dentes, e denominou massa adamantina, em ordem de verificar-se que a dita preparação differe inteiramente de todas as conhecidas. Pede a Vs. Ss. sejam servidos deferir-lhe como requer.—E. R. Mc.

Paulo Luiz Gaignoux.

A massa denominada pelo supplicante—Adamantina—e por elle apresentada á commissão de hygiene publica, differe de todas as apresentadas nessa mesma occasião por outros; sendo a confrontação feita na presença de todos. Sala das sessões da commissão 30 de julho de 1855.—Dr. A. Fonseca.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, dentista, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com a pressão do ar, e chumba dentes com a massa adamantina e outros metaes.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Acham-se a venda os novos bilhetes da loteria 7 do theatro de San-Pedro de Alcantara, que deveria correr a 3 ou 4 do corrente; as listas esperamos pelo vapor nacional S. SALVADOR, a 18 ou 19: os premios são pagos a' distribuição das mesmas listas.

— Eu abaixo assignado declaro para conhecimento de qualquer a quem possa interessar, que nada fiquei a dever a meu fallecido irmão Delfino Gonçalves Pereira Lima com quem negocios tive, tendo-me o mesmo dado as precisas quitações no ajuste final de nossas contas; porem como talvez algumas lettras não fossem inutilisadas em virtude da boa fé e confiança que sempre presidiram as nossas transacções, faço a presente declaração, tendo em vistas apenas evitar supposições em contrario do que acabo de expôr.—Recife 12 de dezembro de 1855.

Manoel Gonçalves Pereira Lima.

— Os Srs. Cypriano Luiz da Paz, rua do Collegio, e Manoel Duarte Vieira, largo do Collegio, dirão quem dá quantias de 500$ e 600$ com hypotheca em casas terreas de pouco uso.

— Precisa-se fallar com o Sr. Manoel Mendes Ferreira Guimarães, ou com pessoa encarregada dos negocios do mesmo: em casa de Paton Nash & Companhia, rua do Trapiche Novo n. 10.

— Aluga-se um sitio com boa casa de sobrado, a qual tem muitos commodos, sita na povoação do Monteiro; a tratar na rua do Trapiche n. 14.

— Precisa-se alugar uma preta captiva que saiba cozinhar: no aterro da Boa-Vista loja n. 48.

— Uma pessoa versada em latim, francez, inglez, portuguez, geographia, geometria, arithmetica e philosophia, ensina para a freguezia de Santo Antão ou parte conjuncta a ella: quem precisar annuncie.

LOTERIA DA PROVINCIA.

O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira avisa as pessoas que compram bilhetes e cautelas das loterias da provincia para negocio, o qual esta resolvido a vender os referidos bilhetes e cautelas pelos preços abaixo declarados, dinheiro á vista, sendo a quantia de 100$ até 1:000$, permanecendo firmes estes preços em quanto não se alterar o plano actual de 5,000 bilhetes, pelo qual são extrahidas as loterias da provincia. São pagos sem o desconto de 8 por cento do imposto geral, na rua do Trapiche n. 30, segundo andar.

Bilhetes	5$400	Recebe por inteiro		5:000$000
Meios	2$700	»	»	2:500$000
Terços	1$820	»	»	1:666$666
Quartos	1$360	»	»	1:250$000
Quintos	1$090	»	»	1:000$000
Oitavos	680	»	»	625$000
Decimos	560	»	»	500$000
Vigesimos	280	»	»	250$000

O cautelista
Salustiano de Aquino Ferreira.

— Precisa-se por aluguel de duas pretas escravas para fazerem o serviço de uma casa de familia, e tratarem de crianças: quem as tiver, dirija-se ao porteiro da alfandega desta cidade na mesma repartição, das 8 horas da manhãa as 4 da tarde.

Liquidação

O arrematante da bem conhecida loja da rua dos Quarteis n. 24, vende por menos do que se poderia comprar em primeira mão, só afim de liquidar, um riquissimo sortimento de miudezas as mais finas, consistindo nas que passa a demonstrar: facas para sapateiro a 600 rs. a duzia, gravatas e mantas para ditas a 1$000 rs., bicos de blond a 320, 500, 640, 800 e 1$000 rs. a vara, bico de linho para todos os preços, tanto peça como vara, peças de froco de cores differentes a 400 rs., ricos quadros com moldura dourada, de tamanho de 2 palmos, com estampa de santos a 800 rs., meias de algodão para homem, duzias a 1$400, ditas azues a 1$200, espelhos de gaveta duzias a 2$500, chapéos de sol de seda cabo de canna a 6$000 rs., ditos de panno a 1$920, bengalas finas a 1$400, ditas ordinarias a 500 rs., chicotes finos de baleia para cavallo a 1$280, linhas finas para bordar, novello grande libra a 1$900, escovas para cabello a 400 rs., peças de franja com bolota para cortinados a 4$000, meias finas para senhora duzia a 3$000, ditas para homem a 3$500, lãa de cores para bordar libra a 7$500, meias finas para meninos, duzia a 2$500, cartas francezas para lecartê duzia a 3$000, pentes de chifre para alizar a 700 a duzia, papel de peso superior a 2$800 a resma, dito almaço a 2$200, pennas d'aço em carteiras a 80 rs., meias de cores para meninos a 240 o par, grozas de finissimos lapis envernizados a 3$000, groza de canetas finas a 2$400, duzia de linha de carritel a 320, caixinhas de linhas de marca a 240, lacre fino libra a 2$600, colchetes pretos em cartão a 80 rs., peças de fita de cores a 300, grampas, libra a 500 rs., escovas finas para cabello a 600, borzeguins de merinó bordado para criança a 1$000 o par, toucas de blonde a 1$200, espoletas excellentes milheiro 800 rs., ricos pentes de tartaruga para segurar cabello a 4$ e 4$500, botões de louça pintada, groza 240; este sortimento não só convem a particulares, como pode convir a algum Sr. logista de miudezas, que querendo se prover de alguma cousa que actualmente não haja em primeira mão, achara' na loja acima um completo sortimento, por preços baratissimos, advertindo que muitos objectos se não mencionam para não ser fastidioso este annuncio que ja' vai longo.

— Dá-se 20$ mensaes a uma ama, prefere-se forra, que queira tomar conta da cozinha de uma casa onde se não usa muitos guisados, mas que se exige aceio e ordem: a tratar na distilação por traz da igreja de Santa Rita.

— Ignacio Firmo Xavier vende o seu sitio e casa entre as duas pontes da Magdalena a quem lhe der desobriga dos seus credores, e o resto á vista. Está arrendado por 500$, e bem tratado póde dar muito mais; trata-se na rua do Hospicio, sobrado em que ultimamente foi a sociedade—Recreio Militar.

— Traspassam-se as chaves e uma linda armação de amarello envidraçada da loja n. 35 da praça da Independencia: a tratar na rua Nova n. 23, fabrica de chapéos de sol, esquina da Camboa do Carmo.

— Aluga-se uma preta que cozinha bem o diário, engomma soffrivel, lava e faz todo o mais serviço de uma casa de familia: na rua dos Quarteis n. 24, segundo andar se dirá.

— Aluga-se uma casa no bairro da Boa-Vista, excepto no aterro: no aterro da Boa-Vista n. 39, primeiro andar.

— Offerece-se um caixeiro brasileiro, muito fiel, diligente, para taberna ou para qualquer outro estabelecimento, dando fiador a sua conducta: a tratar no hotel da Europa.

Avisa-se

a todas as pessoas que são amantes do bello sexo, que na confeitaria da rua da Cruz n. 21, existe um completo e variado sortimento dos mais bellos e mais mimosos confeitos, e tambem caixinhas ornadas de artificias flores e finissimas pinturas, (caixinhas de Cupido) em todos os formatos, proprias para guardar joias, e de mui ricos e modernissimos gostos, tudo recentemente chegado de Paris. Estas tambem se podem encher de amendoas com delicadeza e aceio, e por preço razoavel. A festa esta proxima, não ha melhor brinde! que alias muito simples e pouco dispendioso, com elle se podera vencer aquelles corações que induricidos muitas vezes pela inflexibilidade, nada os fazia abrandar! He barato, com a presença do comprador tudo se fará; a elle, que se está findando.

União, na rua da Cruz n. 40.

O dono deste estabelecimento avisa aos seus amigos e aos amantes do bom gosto em geral, que pelo navio chegado ultimamente de Hamburgo, recebeu um grande e esplendido sortimento de petiscos de todas as qualidades, consistindo em

I.—COMIDAS.

Como: Queijo de nata verdadeiro.
Idem verde suisso.
Idem de Limburgo.
Presunto e salame de optima qualidade.
Harenques.
Sardinhas frescas, em sal.
Caviar da Russia.
Bolachinha de Hamburgo para cha'.

Um completo sortimento de conservas finas, que tendo recebido directamente do fabricante, pode vender por preço mais barato do que em outra qualquer parte, e consiste em: Fricaudeaux de veaux, Roulades de veaux, Boeuf à la mode, Anguilles, Saumon, Carpes, Saucisson, Saucisses, Boudin blanc, petits andouiller, Patés de saumon, de lièvre e de pigonneau.

II.—BEBIDAS.

Licor de cuminho, de anis, de pimenta, de hortelão, Extracto de limão, Bitter, Rhum da Jamaica verdadeiro, xarope de groseille, Curaçáo, vinho Bordeaux branco e tinto, vinho do Rheno, Madeira, etc., etc.

Participa ao mesmo tempo que fóra dos comidas acima mencionadas, haverá' ao almoço e loncheon, todas a's segundas e sexta-feiras, salada de Harenque, e as terças e quintas, costellas, etc. Tambem pode servir aos seus freguezes com um rico sortimento de charutos de Havana.

COMPRAS.

— Compra-se uma casa terrea que estejaem bom estado, e seja na freguezia de Santo Antonio ou S. José: na loja da rua do Crespo n. 12.

— Compra-se um adereço usado: na rua da Guia n. 64, segundo andar.

— Compra-se uma junta de bois mansos, proprios para carroça, uma vez que sejam grandes e gordos, crioulos, ou já habituados ao pasto; possuindo estas circumstancias não se duvida dar um bom preço; assim como uma carroça de carregar pipa por baixo: na rua Augusta n. 94, taberna confronte ao chafariz.

— Compra-se um pão para tipoia: quem o tiver annuncie.

VENDAS.

Folhinhas

PARA 1856.

Estão a' venda as bem conhecidas folhinhas impressas nesta typographia, as de algibeira a 320 e as de porta a 160; as de algibeira além do kalendario ecclesiastico e civil, contém um resumo dos impostos municipaes, provinciaes e geraes que affectam todas as classes da sociedade, extracto dos regulamentos parochiaes, do cemiterio, enterros e sello, tratamento de varias molestias, inclusive a do cholera, contos, variedades e regras para fazer manteiga e queijos de differentes qualidades, dittas ecclesiasticas ou de padre a 480 rs.: vendem-se unicamente na livraria n. 6 e 8, da praça da Independencia.

Oração contra a peste e o cholera-morbus.

Acha-se á venda na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia um folhetinho com differentes orações contra o cholera-morbus, e qualquer outra peste, a 40 rs. cada um.

— Vende-se superior doce de araçá e goiaba por preço commodo: na rua do Livramento n. 32, padaria de Francisco do Prado.

SACCAS COM MILHO.

Vendem-se saccas grandes com milho muito novo, por barato preço, para fechar contas: na rua de Santa Rita n. 5, taberna.

— Vende-se uma escrava de meia idade, boa lavadeira e quitandeira: na rua da Senzala Velha n. 70, segundo andar.

Cura infalivel

DO

cholera-morbus.

Acaba de ser publicado, e acha-se á venda na livraria universal, rua do Collegio n. 20, um folheto que trata do modo de curar essa terrivel molestia pelo sumo do limão, por 200 rs.

Cortes de vestidos de seda

Furta-cores de quadros, o mais lindo possivel, a 26,000 o córte:

na rua do Queimado, em frente do becco da Congregação, passando a botica a segunda loja de fazendas n. 40, de Henrique & Santos.

— Vendem-se saccas com cera de carnaúba vinda do Aracaty: na rua Nova, loja de João Fernandes Parente Vianna.

— Vende-se por commodo preço um carro de carregar generos de estiva: na rua Imperial n. 145.

GORRO.

Vendem-se excellentes gorros de malha de seda bordados, de diversas cores e dos melhores gostos possiveis, por modicos preços: na praça da Independencia ns. 24 e 26.

para senhoras e meninas.

Na praça da Independencia ns. 24 e 26, recebeu-se ultimamente de Paris um completo sortimento das mais modernas chapelinas de seda, tanto para senhoras como para meninas, as quaes se vendem por preços mais em conta do que em outra qualquer parte.

Para meninas.

Vendem-se excellentes chapéos de Italia, abas largas e muito bem enfeitados, com fitas finas de diversos gostos, muito proprios para meninas, assim como de seda de diversas cores por preço muito em conta: na praça da Independencia loja ns. 24 e 26.

VARANDAS E GRADES.

Um lindo e variado sortimento de modellos para varandas e gradarias de gosto modernissimo: na fundição da Aurora, em Santo Amaro, e no deposito da mesma, na rua do Brum.

LIQUIDAÇAO.

Na antiga je bem conhecida loja de miudezas da rua dos Quarteis n. 24, vende-se um completo sortimento de miudezas por menos do que poderia comprar em primeira mão, que he para liquidar-se, e afiança-se a boa qualidade.

O corte 1,600

He muito barato córtes de cassa chita, de padrões lindos e modernos, com 7 varas, por 1$600: na rua do Queimado n. 33 A.

— Vendem-se saccas com milho muito em conta: na rua do Vigario, taberna de João Simão de Almeida.

— Vende-se cera de carnauba de muito boa qualidade, por preço commodo a dinheiro á vista: no armazem do caes da alfandega.

— Vende-se um escravo de idade 18 annos, muito fiel e sadio, de bonita figura e possante, com principio de marcineiro, entende de cozinha, optimo para pagem, boleiro, ou armazem de assucar, padaria, etc.: na rua de Hortas n. 82.

— Vendem-se saccas com milho por preço commodo: no escriptorio de Claudio Dubeux, na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 13.

— Vende-se manteiga ingleza a 800 rs. e 960, dita franceza a 760, aletria muito nova a 400 rs., macarrão e talharim novo a 360, ameixas novas a 440, assucar em caroço primeira sorte a 130, banha de porco a 440, batatas inglezas a 100 rs., bolachinha ingleza a 440, cha da India a 1$920 e 2$560, dito preto a 2$000, espermacete americano a 880, dito francez a 800, carnauba a 480, queijos do reino muito frescaes a 2$, vinho de todas as qualidades e por preços commodos: na rua dos Martyrios, taberna n. 36.

— Vende-se na rua da Cadeia de Santo Antonio sagú, cevadinha, cevada, marmelada nova, etc.

Vende-se rapé de Lisboa a retalho: defronte da cadeia velha n. 28.

— No aterro da Boa-Vista n. 80, vende-se presunto de Lisboa a 320, toucinho de Lisboa a 320, chouriças a 400 rs., chicolate de Lisboa 400 rs., superior vinho do Porto engarrafado de 1851 a 1$ a garrafa, latas com sardinhas de Nantes a 700 rs., ditas pequenas a 500 rs., etc.

— Vendem-se tres escravas, sendo uma linda mulatinha de idade 18 annos, cose, engomma optimamente e cozinha bem o diario, duas negrinhas de 14 a 16 annos de idade, crioulas, com principio de habilidades: na rua Direita n. 3.

Fazendas de bom gosto.

Novos córtes de sedas para vestidos, córtes de large de seda com babados de lindos padrões, chales de merinó, ditos de retroz e de seda, chales de lãa a 1$ e 1$500, chapeos para senhoras a 14$000, córtes de cassas a 2$ e 2$500, camisas francezas, palitós de panno fino, de alpaca e de linho, e outras muitas fazendas que se venderão barato: na rua Nova, loja n. 16, de José Luiz Pereira.

— Na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 26, vende-se presunto a 400 rs. a libra, saccas com milho a 4$000, e vende-se a armação e utencilios de uma taberna sita na rua Direita.

Cebolas.

Vendem-se cebolas chegadas ultimamente de Lisboa no patacho *Brilhante*: na travessa da Madre de Deos n. 16, armazem de Agostinho Ferreira Senra Guimarães.

Sal do Assù.

Vende-se a bordo do hiate «Angelicas»: a com Antonio Joaquim Seve na rua da Cruz n. 13.

— Vende-se a taberna da rua larga do Rosario n. 9, quina do becco do Peixe Frito: a tratar na mesma taberna.

— Vende-se uma vacca sem cria: na rua da Guia n. 2, cocheira.

— Vendem-se a preços muito commodos, os seguintes objectos: relogios de ouro patente, obras de ouro de gosto moderno, metal amarello para forro de navio, cemento romano muito novo, pipas vasias: trata-se no escriptorio de Isaac Curio & Companhia, rua da Cruz n. 49.

— Na estrada dos Afflictos, no sitio da viuva do Quintella, ha para vender-se um bom carro de 4 rodas, com 4 assentos e os competentes arreios, por preço commodo.

Córtes de seda.

Vendem-se córtes de seda escoceza, muito superior, de quadros assetinados: na rua do Queimado n. 21.

MANUAL

DO

GUARDA NACIONAL.

Acha-se a venda no pateo do Carmo n. 9, primeiro andar, o — MANUAL DO GUARDA NACIONAL, obra interessante a todos os senhores officiaes e guardas, e mesmo aos Srs. advogados, por conter todas as leis, regulamentos, ordens e avisos concernentes a mesma guarda, desde a creação da lei n. 602 de 19 de setembro de 1850, até 31 de dezembro de 1854, acompanhado de um importante indice. Ha encadernados e em brochura.

— Em casa de Timm Momsen & Vinnassa, praça do Corpo Santo n. 13, ha para vender:

Um sortimento completo de livros em branco vindos de Hamburgo.

— Vendem-se duas escravas, uma optima engommadeira e cozinheira, e a outra cose, lava, cozinha e faz renda: na rua Direita n. 66.

Graixa do rio Grande em bexigas.

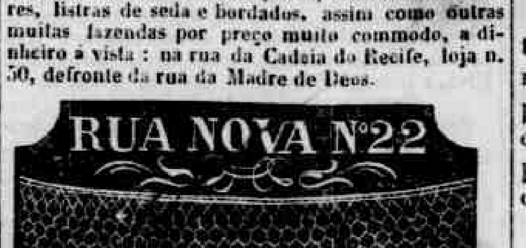
Vende-se na rua da Cruz, no Recife, armazem n. 13.

Córtes chinezes.

Vendem-se na rua do Queimado n. 21, e dão-se as amostras com penhor.

Córtes de seda superiores.

Vendem-se córtes de seda de quadros, estreitas e largas, de muito bons gostos e modernas, assim como lenços de cambraia muito finos com bicos muito largos, chales de lãa e merinó, lisos, com barras de cores, listras de seda e bordados, assim como outras muitas fazendas por preço muito commodo, a dinheiro á vista: na rua da Cadeia do Recife, loja n. 30, defronte da rua da Madre de Deos.



A's senhoras de bom gosto.

Verdadeiro bico de blonde branco e preto, e bonitos chapeos de senhora por preço muito commodo. A mesma loja acaba de receber muitos relogios americanos para cima de mesa, do ultimo gosto; e tambem relogios francezes com caixa, por preço muito em conta.

Vende-se um carro novo de quatro rodas, e de dous e e quatro assentos a vontade, muito maneiro, vende-se um outro dito churrião, muito proprio para o matto, para algum senhor he engenho e por preço commodo: na rua Nova, cocheira de Adolpho Bourgeois.

Vende-se

uma carroça de duas rodas com arreios e em muito bom estado para um cavallo: na rua da Cruz do Recife n. 26.

Vende-se

um carrinho elegante de quatro rodas para um ou dous cavallos, e uns arreios novos para um cavallo: na rua da Cruz do Recife n. 26.

PECHINCHA.

Na rua Nova, loja de selleiro n. 47, ha uma porção de oculos de armação de aço fino, para todas as vistas, e com especialidade para miopes, pelo insignificante preço de 500 rs. o

Tijolos de marmore.

Acaba de chegar um novo sortimento de tijolos de marmore, e vende-se no armazem de Tasso Irmãos, no becco do Gonçalves.

TINTAS DE OLEO.

Vende-se tintas de oleo sortidas da melhor qualidade que tem vindo a esta praça e por preço commodo: na casa de Adamson Howie & C., rua do trapiche n. 42.

— Vende-se cera de carnauba superior: na rua da Cadeia do Recife, loja n. 50, defronte da rua da Madre de Deos.

COGNAC VERDADEIRO.

Vende-se o verdadeiro cognac, tanto em garrafas como em garrafões: na rua da Cruz n. 10.

Bons gostos e de boas qualidades.

Na rua do Queimado, nos quatro cantos, na segunda loja de fazendas n. 22, defronte do sobrado amarello, vendem-se fazendas por preços que realmente fazem admirar ao publico: — Panno preto finissimo, prova de limão, para casacas e palitós, pelos baratissimos preços de 2$500, 3$500 e 5$000 o covado, casemira preta de superior qualidade a 2$ e 2$600 o covado, alpaca preta muito fina a 400, 500 e 600 rs. o covado, córtes de colletes de fustões de bonitos padrões e cores fixas a 700 e 900 rs., chales pretos de lãa e seda muito grandes a 2$800, chapeos de sol de seda pretos e de cores, fazenda superior a 6$500, camisas francezas pintadas para homem a 1$280, riscados da India muito finos e largos e muito bonitos para vestidos a 280 o covado, setim preto macáo, fazenda muito superior a 3$ o covado, sarja hespanhola muito superior a 2,400 o covado, merinó muito fino a 2$000 o covado, merinó setim o mais superior que póde haver e muito proprio para palitó a 1$600 o covado, chapeos de sol de panninho a 1$600, chitas francezas muito finas e largas, de novos padrões a 320 o covado, filó de linho liso e com flores a 1$ e 1$440 a vara, luvas de pellica de Jouvin para homem e senhora, chegadas no ultimo navio francez a 1$800 rs. o par, luvas de seda de todas as cores com belotas a 1$280, camisas de meia muito finas a 1$, luvas de fio da Escocia brancas e de cores a 400, 500 e 600 rs. o par, mantas de seda para gravatas, pretas e de cores, muito boa fazenda a 1$280, panno fino azul de superior qualidade a 4$ o covado, ricas romeiras de retroz bordadas a 11$, lencinhos de retroz francezes a 1$280, cassas francezas muito finas e de bonitos padrões a 300 rs. o covado, cambraia finissima de salbicos a 1$ a vara, camisas francezas muito finas e bem feitas para homem a 2$500 e 2$800, córtes de cassas para vestidos de bonitos padrões e com 7 varas a 2$ o córte, lenços brancos de cambraia de linho muito finos e grandes a 6$ a duzia, ricos chales de chaliy com listras de seda e bastante grandes a 8$, ditos de merinó muito finos e lisos a 6$, luvas pretas de torçal, de Lisboa a 1$120, chally amarello, fazenda superior e que muito se usa para vestido a 800 rs. o covado, romeiras de cambraia com laços de ricas fitas de seda a 1$280, gravatas de seda de bonitos padrões a 640, meias de laia para padres a 2$ o par, córtes de casemiras finas e de bonitos padrões para calças a 5$, brinzinhos de linho de bonitos padrões a 240 o covado, brim trançado de puro linho e de bonitos padrões a 800 rs. a vara, lapim preto finissimo, proprio para vestidos e balinas de padre a 1$280 o covado, riscadinhos francezes muito finos e bonitos padrões a 240 o covado, meios lenços pretos para gravata muito superiores a 1$, lenços brancos de cambraia muito finos a 300 rs., ganga amarella muito superior a 320, meias brancas finas para senhora a 240, 300 e 400 rs. o par, ditas pretas muito finas a 320, ditas para homem, fazenda superior, sendo brancas, pretas e cruas a 240 rs. o par. Além de todas estas fazendas outras muitas que só á vista das boas qualidades he que se podem ver o quanto são baratas, afiançando-se aos Srs. compradores que neste estabelecimento não ha fazenda alguma que seja avariada, e sim tudo sem avaria, de bons gostos e boas qualidades.

Córtes de cassa para quem quer dar festas por pouco dinheiro.

Vendem-se córtes de cassa chita de bom gosto a 2$, ditos de padrões francezes a 2$400, cassas róxas para aleviar luto, ditas pretas de padrões miudos a 2$ o córte, alpaca de seda de quadros de todas as cores a 720 o covado, lenços de bico tanto pintados como bordados a 320 cada um, gravatas de seda para homem a 1$ e 1$600; todas estas fazendas vendem-se na rua do Crespo n. 6.

LEONOR D'AMBOISE.

Vende-se o excellente romance historico Leonor d'Amboise, duqueza de Bretanha, 2 volumes por 1$000 rs., na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

—Vende-se cal em pedra chegada no ultimo navio de Lisboa, e potassa americana da mais nova: no unico deposito da rua de Apollo n. 2—B, de A. J. T. Basto & Companhia.

Pratos ocos patentes para conservar a comida quente: vendem-se na praça do Corpo Santo, armazem n. 48, de Rostron Rooker & C.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se farelo novo, chegado de Lisboa pelo brigue *Esperança*.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do conde de Marcuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a Champagne, vende-se a 36$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B.—As caixas são marcadas a fogo—Conde de Marcuil—e os rotulos das garrafas são azues.

POTASSA E CAL VIRGEM.

No antigo e ja' bem conhecido deposito da rua da Cadeia do Recife, escriptorio n. 12, ha para vender muito superior potassa da Russia, dita do Rio de Janeiro e cal virgem de Lisboa em pedra, tudo a preços muito favoraveis, com os quaes ficarão os compradores satisfeitos.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se superior farinha de mandioca em saccas que tem um alqueire, medida velha por 5$000 rs. nos armazens ns. 3, 5 e 7, e no armazem defronte da porta da alfandega, ou a tratar no escriptorio de Novaes & Companhia na rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

Pipas vasias.

Vende-se porção de pipas vasias proprias para encher de aguardente, a preço de 17$ cada uma: a tratar no escriptorio de Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche n. 14.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenhos os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

A 4$000 RS.

Vendem-se palitós de alpaca preta; na rua da Cadeia do Recife n. 3.

A 3$500

Vende-se cal de Lisboa ultimamente chegada, assim como potassa da Russia verdadsira: na praça do Corpo Santo n. 11.

— Vende-se aço em cunhetes de um quintal, por preço muito commodo: no armazem de Mc. Calmont & Companhia, praça do Corpo Santo n. 11.

— Vendem-se no armazem n. 60, da rua da Cadeia do Recife, de Henry Gibson, os mais superiores relogios fabricados em Inglaterra, por preços modicos.

Chapeos para senhora.

Vendem-se chapeos para senhora do mais moderno gosto de Paris, havendo porção para escolher: na rua Nova, loja n. 4, de José Luiz Pereira Junior.

Palitós francezes.

Vendem-se palitós e sobrecasacas de panno fino preto e de cores, todos forrados de seda, ultima moda, a 20$: na rua Nova, loja n. 4.

Camisas francezas.

Vendem-se camisas francezas com peito de linho, brancas e pintadas a 24$ a duzia: na rua Nova, loja n. 4.

AGENCIA

Da Fundição Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

Reduzido de 640 para 500 rs. a libra.

Do arcano da invenção' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz. n. 4.

—Vendem-se em casa de S. P. Johaston & C., na rua de Senzala Nova n. 42.
Sellins inglezes.
Relogios patente inglez.
Chicotes de carro e de montaria.
Candieiros e castiçaes bronzeados.
Lonas inglezas.
Fio de sapateiro.
Vaquetas de lustre para carro.
Barris de graxa n. 97.
Vinho Cherry em barris.
Camas de ferro.

Milho em saccas

Vende-se muito superior milho em saccas: na rua do Amorim n. 41, armazem de Francisco Guedes de Araujo.

Milho em saccas

Vende-se na rua do Encantamento n. 76 A, milho em saccas, de superior qualidade, por preço commodo.

A boa fama

VENDE BARATO:

Lencinhos de retroz de todas as cores para pescoço de senhoras e meninas, pelo barato preço de 1$, baralhos de cartas finissimas francezas para voltarete a 560, toucas de lãa para senhoras e meninas a 640, luvas muito finas de fio da Escocia brancas e de cores para homem e senhoras a 400, 500 e 600 rs. o par, meias brancas e cruas para homem, fazenda muitissimo superior a 160, 200 e 240 o par, luvas de pellica de Jouvin brancas e amarellas para homem e senhora a 1$900 o par, camisas de meia muito finas e de pura lãa para homem a 3$000 rs., ditas de algodão muitissimo finas a 1$ e 1$200, tesouras muito finas para papel a 1$500, ditas superiores para barbeiro a 1$500, leques muito finos a 3$, ricas abotoaduras para collete de madreperola e de metal a 500 rs., ditas para palitós a 600 rs., caixinhas com phosphoros proprias para charutos a 20 rs., ricos jarros dourados de porcelana para flores de diversos tamanhos e preços, ricas fitas de seda lavradas e lisas de todas as cores e larguras, escovas finissimas para roupa, ditas para cabello, tranças de seda de bonitos padrões de diversas larguras e cores, navalhas finissimas para barba, canivetes finissimos e de todas as qualidades, bicos finos de linho de bonitos padrões e diversas larguras, ricas franjas de algodão brancas e de cores para cortinados, tesouras para costura as mais finas que he possivel encontrar-se, e outras muitissimas cousas que tudo se vende por tão baratos preços que aos proprios compradores causa admiração: na rua do Queimado, nos quatro cantos, na bem conhecida loja de miudezas da Boa Fama n. 33

A boa fama

VENDE BARATO:

Ricos pentes de tartaruga para cabeça	4$500
Ditos de alisar tambem de tartaruga	3$000
Ditos de marfim tambem para alisar	1$400
Ditos imitando tartaruga para cabeça	1$400
Lindas meias de seda de cores para crianças	1$800
Meias pintadas fio da Escocia para crianças	240 e 400
Bandejas grandes e de pinturas finas	3$000 e 4$000
Papel almaço greve e pautado, resma	4$000
Pennas finissimas bico de lança, groza	1$200
Ditas muito boas sem ser de lança, groza	640
Oculos de armação de aço com graduações	800
Lunetas com armação de tartaruga	1$000
Ditas com armação de bufalo	500
Toucadores de jacarandá com bons espelhos	3$000
Meias de laia muito superiores para padres	2$000
Ricas bengalas de canna com lindos castões	2$000
Ditas de junco com bonitos castões	500
Ricos chicotes para homem	
Meias pretas de algodão para padres, o par	600
Gravatas de seda de todas as cores	1$ e 1$200
Fitas de velludo de todas as cores, a vara	160 e 320
Atacadores de cornalina para casaca	400
Ricos relogiuhos para cima de mesa	4$000
Suspensorios finos de borracha, o par	400, 500, 600
Pentes muito finos para suissa	500
Escovas muito finas para cabello	640
Capachos pintados muito bonitos	700
Botões finissimos de madreperola para camisa, a groza	1$200

Além de tudo isto vendem-se outras muitas cousas, que á vista das qualidades e preços faz admirar: na rua do Queimado, nos quatro cantos, na loja de miudezas da Boa Fama n. 33.

Taixas para engenhoss.

Na fundição' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido, e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

— Vende-se uma escrava crioula, perita engommadeira e cozinheira, um escravo de nação, optimo cozinheiro, e uma preta de optima figura, de meia idade, que cozinha, lava e he quitandeira: na rua das Cruzes n. 22.

— Vende-se um cavallo gordo e bom, proprio para se passar a festa, por preço commodo: a tratar na praça da Boa-Vista n. 7.

5$000.

Vendem-se excellentes chapéos de castor branco, de bonitas formas, pelo barato preço de 5,000 réis: na praça da Independencia ns. 24 e 26.

CHITAS HESPANHOLAS.

Chitas de padrões os mais lindos que tem vindo a este mercado, e modernas, do ultimo gosto no Rio de Janeiro, chegadas pelo ultimo vapor, e se vendem nas lojas seguintes: rua do Crespo, Campos & Lima, rua do Queimado, Guimarães & Bastos, rua do Crespo, José Gonçalves Malveira, rua da Cadeia Rocha & Lima, idem, Narciso Maria Carneiro, idem, Cunha & Amorim, idem, Manoel Ferreira de Sá, rua do Queimado, Manoel José Leite, idem, Faria & Lopes, idem, Rodrigues & Lima, idem, Bezerra & Moreira, rua do Crespo, Antonio Gonçalves de Oliveira, idem, Siqueira & Pereira, rua da Cadeia, Ferreira & Matheus.

Lindos cordões de cabellos.

Vendem-se ricos cordões de cabellos elasticos, lisos e enfeitados, por baratissimo preço: na loja de miudezas, na rua do Queimado n. 63.

—Brins de vella: no armazem de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apollo trapiche do Ferreira, a entender-se com o administrador do mesmo.

VINHO XEREZ.

Vende-se superior vinho de Xerez em barris do 1º, em casa de E. H. Wyatt: rua do Trapiche n. 18.

—Vendem-se dous pianos fortes de jacaranda', construcção vertical e com todos os melhoramentos mais modernos, tendo vindo no ultimo navio de Hamburgo: na rua da Cadeia, armazem n. 8.

Em casa de Henry Brunn & C., rua da Cruz n. 10, vendem-se:
Lonas e brins da Russia.
Instrumentos para musica.
Espelhos com moldura.
Globos para jardins.
Cadeiras e sofa's para jardim.
Oleados para mesa.
Vistas de Pernambuco.
Cemento romano.
Gomma lacca.

— Em casa de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4, vende-se:
Vinho de Madeira em quartos e oitavos barris.
Vinagre branco.
Tintas em oleo.
Lonas.
Brins da Russia.
Papel de embrulho.
Saccos de estopa.
Cemento.
Por commodos preços.

MECHANISMO PARA ENGENHO.

NA FUNDIÇAO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWNIAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalha e registros de boeiro, aguilhões, bronzes, parafusos e cavilhões, moinho de mandioca, etc., etc.

NA MESMA FUNDIÇA'O.

se executam todas as encommendas com a superioridade já conhecida, e com a devida presteza e commodidade em preço.

— Vende-se cola feita na terra, propria para pintar; assim como garras de couro secco espixado, proprio para esta manifactura: os pretendentes dirijam-se a rua Augusta n. 94, defronte do chafariz, em uma taberna a tratar o preço que he commodo.

— Vendem-se as seguintes obras, na rua do Collegio, livraria n. 8: Ensaio sobre o homem por A. Pope, 3 volumes, Elucidario das palavras que em Portugal antigamente se usaram, e que hoje regularmente se ignoram, 2 volumes.

— Vende-se uma carroça com boi ou sem elle: na rua de Santa Cruz n. 70.

Relogios cobertos e descobertos,

de ouro, patente inglez.

Vendem-se no escriptorio de Southall Mellor & Companhia, na rua da Cadeia do Recife n. 36, os mais superiores relogios cobertos e descobertos, de ouro, patente inglez, de um dos melhores fabricantes de Liverpool, vindos pelo ultimo paquete inglez.

Pastelaria franceza, no aterro da Boa-Vista n. 17.

Acha-se este estabelecimento sortido das melhores bebidas chegadas ultimamente da Europa: cognac verdadeiro, vinho branco de xeres, Madeira, Chablis, Bordeaux, Porto Velho, feitoria, licores, cherê cordiale, anisette de Bordeaux, kirch e absinth suissa, e outros licores dos melhores de Hamburgo. Na noite de Natal o estabelecimento estará aberto toda a noite, os amantes dos bons petiscos acharão todo o confortavel para bem passar a noi'e. Sorvetes todos os dias das 6 horas até 8 ½ da noite.

Navalhas a contento.

Na rua da Cadeia do Recife n. 48, primeiro andar, escriptorio de Augusto C. de Abreu, continuam-se a vender a 8$000 o par (preço fixo, as já bem conhecidas e afamadas navalhas de barba feitas pelo habil fabricante que foi premiado na exposição de Londres, as quaes além de durarem extraordinariamente, não se sentem no rosto na acção d cortar; vendem-se com a condição de, não agradando, poderem os compradores devolve-las até 15 dias depois pa compra restituindo-se o importe.

Chapeos de palha da Italia.

— Vendem-se chapeos de palha da Italia, dobrados e singelos, para homem e meninos, chegados ultimamente da Europa, da ultima moda, com muito bom sortimento, em caixas de 10 duzias cada uma, por preço mais commodo que em outra qualquer parte: em casa de Basto & Lemos, rua do Trapiche n. 17.

RAPÉ FRANCEZ.

O verdadeiro e genuino rapé francez deve ter preferencia sobre outro qualquer rapé tanto pelo seu simples e agradavel aroma, como pela sua qualidade higyenica, visto não ter a menor composição que faça damno as pessoas que delle fazem uso. Vende-se por 3$000 cada meio kilograma, que regula muito mais de uma libra: nas lojas dos Srs. Moreira & Duarte rua do Cabuga' n., João Cardozo Ayres rua da Cadeia do Recife n. 41, e no escriptorio de Burle, Souza & C. rua da Cruz n. 48.

Vestido de seda.

Córtes de vestido de seda de cores, padrões do ultimo gosto, e por preços muito commodo, havendo muitos para escolher: na loja de 4 portas, na rua do Queimado n. 10.

A boa fama

VENDE BARATO:

Libras de linhas brancas ns. 50, 60, 70 e 80	1$100
Libras de ditas ns. 100, 120 e 130	1$280
Duzias de tesouras para costura	1$000
Duzia de ditas mais finas	1$280
Maços com 40, 50 e 60 peças de cordão para vestido	240
Peças com 10 varas de bico estreito	560
Duzia de dedaes para senhora	100
Caixinhas com agulhas francezas	160
Caixas com 16 novellos de linhas de marcar	280
Grozas de botões para camiza	160
Pulceiras encarnadas para meninas	240
Ditas grandes para senhora	320
Pares de meias finas para senhora a	240 e 300
Meadas de linhas muito finas para bordar	160
Meadas de linhas de peso	100
Grozas de botões muito finos para calças	280
Babados de linho abertos e bordados	120 e 240
Carteiras finas de marroquim para algibeira	600
Fivelas douradas para calças e collete	120
Tinteiros e areeiros de porcelana, o par	500
Charuteiras entre finas	120
Duzias de torcidas n. 14 para candieiro	80
Pentes de verdadeiro bufalo para alisar	300 e 500
Peças com 6 1/2 varas de fita branca de linho	50
Caixas com colchetes francezes	60
Carriteis de linhas de 200 jardas de boa qualidade	70
Macinhos com 35, 40 e 47 grampas	60
Suspensorios, o par	40
Carriteis de linhas de 100 jardas, autor Alexandre	40

Além de todas estas miudezas vendem-se outras muitissimas, que á vista de suas boas qualidades e baratos preços causa admiração aos compradores: na rua do Queimado, nos quatro cantos, na bem conhecida loja de miudezas da Boa Fama n. 33.

— Vende-se milho muito novo a 5$120 o alqueire, medida velha; a bordo da barcaça *Diligencia*, no caes do Ramos.

Pianos ellegantes.

No escriptorio de Domingos Alvez Matheus, na rua da Cruz n. 54, ha para vender ricos e eleganntes pianos com excellentes vozes, vindos de Hamburgo pelo ultimo navio, por preços mais modicos que em outra qualquer parte.

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1855